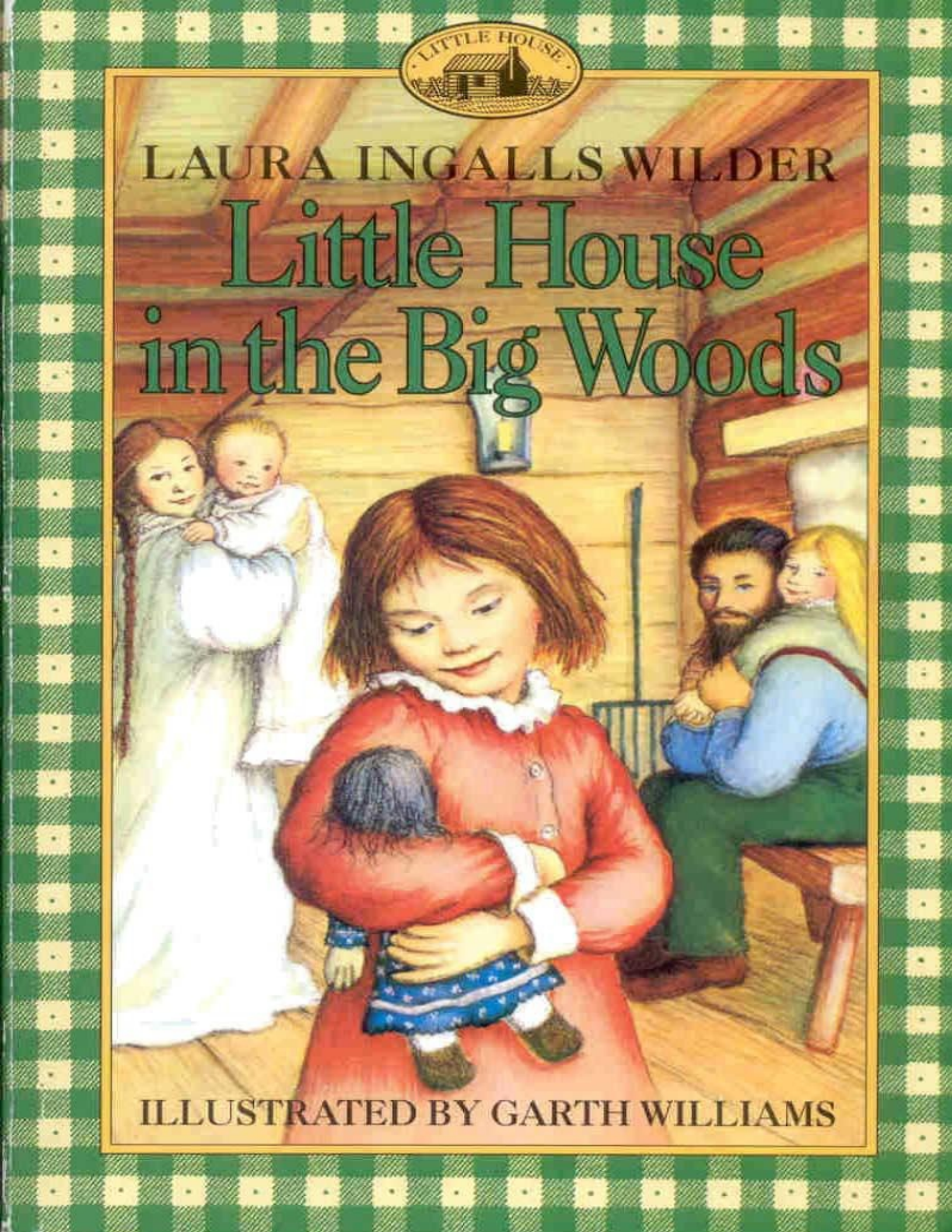

LITTLE HOUSE
LAURA INGALLS WILDER
Little House in the Big Woods
ILLUSTRATED BY GARTH WILLIAMS

UMA CASA NA GRANDE FLORESTA

LAURA INGALLS WILDER

Título original norte-americano:
Little House in the Big Woods

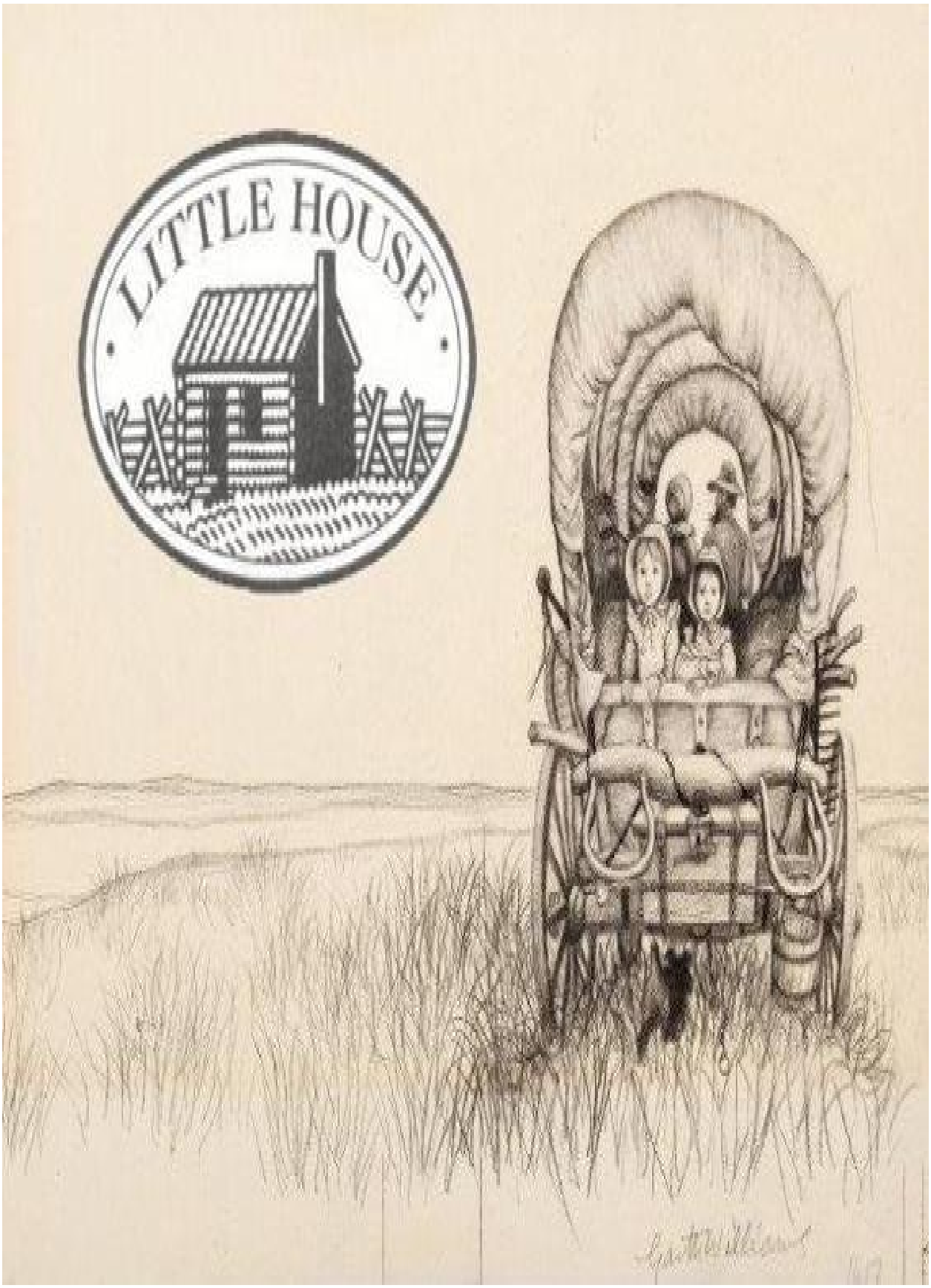
Ano original de lançamento:
1932



Conversão para EPUB:
EREMITA

Conforme a nova ortografia
da língua portuguesa

Este arquivo pode ser livremente distribuído, desde que citada a fonte da editoração eletrônica.


LITTLE HOUSE

Série A Casa Na Pradaria – Vol. 1

Conheça a série completa de livros de aventuras da família de Laura Ingalls

OBRAS DA AUTORA:
UMA CASA NA GRANDE FLORESTA - Vol. 01
UMA CASA NA PRADARIA - Vol. 02
O JOVEM FAZENDEIRO - Vol. 03
NAS MARGENS DE PLUM CREEK - Vol. 04
À MARGEM DA LAGOA PRATEADA - Vol. 05
O LONGO INVERNO - Vol. 06
UMA PEQUENA CIDADE NA PRADARIA - Vol. 07
ANOS FELIZES - Vol. 08
OS PRIMEIROS QUATRO ANOS (publicado postumamente) - Vol. 09
O LONGO CAMINHO DE CASA (publicado postumamente) - Vol 10

Em inglês(originais):
(1932) Little House in the Big Woods
(1933) Farmer Boy – About Almanzo Wilder growing up in New York
(1935) Little House on the Prairie
(1937) On the Banks of Plum Creek
(1939) By the Shores of Silver Lake
(1940) The Long Winter
(1941) Little Town on the Prairie
(1943) These Happy Golden Years
(1962) On the Way Home (published posthumously) – Diary of the Wilders' move from De Smet, South Dakota to Mansfield, Missouri, edited and supplemented by Rose Wilder Lane
(1971) The First Four Years (posth.)
(1974) West from Home (posth.) – Wilder's letters to Almanzo while visiting Lane in San Francisco

SUMÁRIO

CAPA
Folha de Rosto
Série A Casa Na Pradaria
INTRODUÇÃO
1. UMA CASA NA GRANDE FLORESTA
2. DIAS DE INVERNO E NOITES DE INVERNO
3. A CARABINA COMPRIDA
4. NATAL
5. DOMINGOS
6. DOIS GRANDES URSOS
7. NEVE DOCE
8. BAILE EM CASA DO AVÔ
9. IDA À CIDADE
10. VERÃO
11. COLHEITA
12. A MÁQUINA MARAVILHOSA
13. O VEADO NA FLORESTA





Era uma vez, há sessenta anos, uma menina pequenina que morava na Grande Floresta do Wisconsin, numa casinha cinzenta feita de troncos de árvores.

A toda a volta da casa erguiam-se as grandes e escuras árvores da Grande Floresta e, para lá delas, havia outras árvores, e depois mais outras. Em toda a distância que um homem podia percorrer para norte, num dia, ou numa semana, ou num mês inteiro, só havia florestas, mais nada. Não havia casas. Não havia estradas. Não havia pessoas. Só havia árvores e os animais que viviam no meio delas.

Na Grande Floresta viviam lobos, ursos, e tinham tocas nos montes e pastavam gamos por toda a parte.

1

UMA CASA NA GRANDE FLORESTA

A leste da casinha de troncos, e também a oeste, havia quilômetros e quilômetros de árvores e só umas poucas casinhas de troncos, muito afastadas umas das outras, na beira da Grande Floresta.

Até onde a menina pequenina conseguia ver, só havia a casinha onde ela morava com o pai e a mãe, a sua irmã Maria e Carrie, a bebe. Diante da casa havia um caminho para carroças, que virava e curvava até se perder de vista nas florestas onde viviam os animais selvagens, mas a menina pequenina não sabia aonde o caminho conduzia nem o que poderia haver no seu fim.

A menina pequenina chamava-se Laura e tratava o pai por Pá e a mãe por Mã. Naquele tempo e naquele lugar, as crianças não diziam Pai e Mãe, nem Mamã e Papá, como agora.

À noite, quando estava acordada na cama - que se chamava cama baixa, porque de dia estava metida debaixo da alta, dos pais -, Laura punha-se à escuta, mas só conseguia ouvir o som das árvores a sussurrar umas com as outras. Às vezes, um lobo uivava, muito longe, na escuridão. Depois aproximava-se e uivava de novo.

Era um som que assustava. Laura sabia que os lobos eram capazes de comer meninas pequenas. Mas ela estava em segurança, no interior das sólidas paredes de troncos. A espingarda do pai estava pendurada por cima da porta, diante da qual o velho Jack, o buldogue malhado, montava guarda. O pai dizia:

- Dorme, Laura. O Jack não deixa entrar os lobos.

- E Laura aninhava-se debaixo da roupa da cama, muito chegadinha a Maria, e adormecia.

Uma noite, o pai foi buscá-la à cama e levou-a ao colo para a janela, para que visse os lobos. Estavam dois sentados defronte da porta. Pareciam cães de pelo eriçado. Apontavam o focinho para a Lua grande e luminosa e uivavam.

Jack andava de um lado para o outro, diante da porta, a rosnar. Tinha o pelo das costas eriçado e arreganhava os dentes pontiagudos e ameaçadores aos lobos. Estes uivavam, mas não podiam entrar.

A casa era confortável. Em cima havia um sótão espaçoso, onde era agradável brincar quando a chuva tamborilava no telhado. Em baixo havia o

quarto pequeno e a sala grande. O quarto pequeno tinha uma janela com portas de madeira. A sala grande tinha duas janelas com vidros e duas portas, a principal e a de serviço.

A toda a volta da casa havia uma cerca irregular, para não deixar entrar os ursos e os gamos.

No pátio da frente havia dois grandes e bonitos carvalhos. Todas as manhãs, assim que acordava, Laura ia a correr espreitar pela janela. Uma manhã viu, em cada uma das árvores, um veado morto, suspenso de um ramo.

O pai matara-os com a espingarda, no dia anterior, e Laura já estava a dormir quando ele os trouxera para casa e os pendurara nas árvores, bem alto, para que os lobos não chegassem à carne.

Nesse dia, a família comeu carne fresca de veado ao almoço. Era tão boa que Laura teve pena de não a poderem comer toda. Mas a maior parte tinha de ser salgada, fumada e guardada, para a comerem no Inverno.

Sim, porque o Inverno estava à porta. Os dias tinham-se tornado mais curtos e, à noite, a geada amarinhava pelos vidros das janelas acima. Não tardaria a nevar. Então a casa de troncos ficaria quase enterrada nos montes de neve que se acumulariam aos seus lados e os rios e o lago gelariam. No tempo muito frio, o pai não tinha a certeza de encontrar caça para comerem.

Os ursos estariam escondidos nas suas cavernas, onde dormiriam profundamente todo o Inverno. Os esquilos estariam enroscados nos seus ninhos nas árvores ocas, com a cauda felpuda bem aconchegadinha à volta do focinho. Os gamos e os coelhos mostrar-se-iam assustadiços e velozes. Mas mesmo que o pai conseguisse caçar um veado, seria escanzelado e magro, e não gordo e anafado como no Outono.

O pai podia andar à caça todo o dia na Grande Floresta coberta de neve, com um frio de rachar, e voltar à noite para casa sem nada para a mãe, Maria e Laura comerem.

Por isso, antes de o Inverno chegar, tinham de guardar na casinha de troncos a maior quantidade possível de comida.

O pai esfolou os veados cuidadosamente e salgou e esticou as peles, das quais faria cabedal macio. Depois cortou a carne e foi salpicando de sal os bocados, que colocava numa tábua.

De pé, no pátio, havia uma porção grande do tronco de uma enorme árvore oca. O pai pregara-lhe pregos no interior, o mais longe que conseguira alcançar de cada extremidade. Depois pusera o tronco de pé, cobrira-o com um telhadinho e abrira uma portinha a um lado, próximo do fundo. Colocara gonzos de couro no retângulo que cortara, depois prendera-os também ao tronco e, pronto, estava feita a portinha, ainda com a cortiça agarrada.

Quando a carne do veado estava salgada havia diversos dias, o pai abriu um buraco junto da ponta de cada bocado e enfiou um cordel no buraco. Laura viu-o fazer isso e, depois, pendurar a carne nos pregos do interior do tronco oco.

Enfiava a mão pela portinha e pendurava a carne nos pregos, o mais alto que chegava. Depois encostou uma escada ao tronco, subiu-a, afastou o telhado para um lado e debruçou-se para o interior, para continuar a pendurar a carne nos pregos.

Em seguida pôs outra vez o telhado no seu lugar, desceu a escada e disse a Laura:

- Vai a correr ao cepo da lenha e traz-me alguns daqueles cavacos de nogueira verde que lá estão; mas escolhe-os novos, limpos e brancos.

Laura foi numa corrida ao cepo onde o pai partia a lenha e encheu o avental de cavacos novos e perfumados.

O pai acendeu uma fogueirinha logo à entrada da portinha, com bocadinhos de cortiça e musgo, e depois colocou-lhe em cima alguns dos cavacos, com muito cuidado.

Em vez de arderem depressa, os cavacos verdes ficaram amodorrados e encheram o tronco oco de fumo espesso e sufocante. O pai fechou a porta e pela fresta à volta dela saiu um fumozinho, assim como pelo telhado, mas a maior parte ficou lá dentro, com a carne.

- Não há nada melhor do que bom fumo de nogueira - afirmou o pai. - Vai fazer boa carne de veado, que se conservará em bom estado seja onde for e com qualquer tempo.

Depois pegou na espingarda, pôs o machado ao ombro e dirigiu-se para a clareira, a fim de derrubar mais algumas árvores.

Laura e a mãe tomaram conta do fogo durante vários dias. Quando deixava de sair fumo pelas frestas, Laura ia buscar mais cavacos de nogueira e a mãe punha-os na fogueirinha, debaixo da carne. Havia sempre um cheirinho a fumo no pátio e, quando a porta se abria, saía um odor forte a carne fumada.

Por fim, o pai disse que a carne de veado já estivera a fumar tempo suficiente. Deixaram então apagar-se o fogo e o pai tirou todos os bocados de carne da árvore oca. A mãe embrulhou cada bocado em seu papel, muito bem embrulhadinho, e pendurou-os no sótão, onde se conservariam secos e em segurança.

Uma manhã, o pai saiu, antes de clarear, com o carro e os cavalos e voltou à noite carregado de peixe. A grande caixa do carro estava cheia e alguns dos peixes eram do tamanho de Laura. O pai tinha ido ao lago Pepin e pescara-os com uma rede.

A mãe cortou grandes postas de peixe branco, de lasca, sem uma única

espinha, para Laura e Maria. Regalaram-se todos com o bom peixe fresco, e o que não comeram foi salgado em barricas, para o Inverno.

O pai tinha um porco, que andava à solta na Grande Floresta, a alimentar-se de bolotas, nozes e raízes. Foi buscá-lo e meteu-o numa pocilga feita de troncos, para engordar. Seria morto assim que estivesse frio suficiente para conservar a carne gelada.

Uma vez, no meio da noite, Laura acordou e ouviu o porco a guinchar. O pai saltou da cama, tirou a espingarda da parede e correu para fora de casa. Laura ouviu a arma disparar uma, duas vezes.

Quando voltou, o pai disse o que tinha acontecido: vira um grande urso negro de pé junto da pocilga. O urso metia a pata na pocilga, para apanhar o porco, e o porco fugia, aos guinchos. O pai viu isso tudo à luz das estrelas e disparou logo. Mas a luz era fraca e, com a pressa, ele falhara a pontaria e o urso fugira para a floresta, sem uma beliscadura.

Laura ficou com pena de o pai não ter acertado no urso. Gostava tanto de carne de urso! O pai também teve pena, mas disse:

- Pelo menos, salvei o porco.

A horta atrás da casinha crescera todo o ano. Estava tão perto da casa que os gamos não saltavam a cerca para comer as hortaliças, durante o dia, e à noite Jack mantinha-os à distância. Às vezes, de manhã, havia pequenas pegadas entre as cenouras e as couves. Mas as de Jack também lá se viam e os gamos que tinham entrado tinham voltado logo a sair.

Apanharam-se as batatas e as cenouras, as beterrabas, os nabos e as couves, e arrumaram-se na cave, pois tinham chegado as noites frias, que gelavam tudo.

Fizeram compridas réstias de cebolas, com a rama entrançada, e penduraram-nas no sótão, ao lado de enfiadas de pimentos vermelhos suspensos de cordas. Os diversos tipos de abóboras foram amontoados, em rimas cor de laranja, amarelas e verdes, aos cantos do sótão.

As barricas de peixe salgado estavam na despensa, em cujas prateleiras se encontravam empilhados queijos amarelos.

Até que um dia o tio Henrique veio a cavalo da Grande Floresta para ajudar o pai na matança do porco. A faca de carniceiro da mãe já estava muito bem afiadinha e o tio trouxera a da tia Polly.

O pai e o tio Henrique acenderam uma fogueira perto da pocilga e aqueceram um grande caldeiro de água. Quando a água estava a ferver, foram matar o porco. Então Laura foi a correr esconder a cabeça na cama e tapar os ouvidos com os dedos, para não ouvir os grunhidos do animal.

- Não lhe dói, Laura - disse-lhe o pai -, Fazemo-lo muito depressa. - Mas, mesmo assim, Laura não o queria ouvir grunhir.

Passado um minuto, tirou cautelosamente um dedo do ouvido e escutou. O porco já deixara de grunhir. Depois disso, a matança era uma coisa muito divertida.

Era um dia muito atarefado, com muito que ver e que fazer. O pai e o tio Henrique eram muito engraçados e haveria entrecosto para o almoço. Além disso, o pai prometera a bexiga e o rabo do porco a Laura e a Maria.

Depois de matarem o porco, o pai e o tio Henrique pegaram-lhe e foram-no metendo e tirando da água a ferver, até ficar bem escaldado. Em seguida, estenderam-no numa tábua e rasparam-no com as facas, para saírem todas as cerdas. Depois disso, suspenderam-no de uma árvore, tiraram-lhe as entranhas e deixaram-no pendurado, a arrefecer.

Quando estava frio, tiraram-no da árvore e cortaram-no. Havia presuntos e pás, lombo, entrecosto e barriga. Havia também o coração, o fígado e a língua, a cabeça para fazer galantina e o alguidar cheio de bocadinhos diversos, para fazer enchidos.

A carne foi colocada numa tábua, no telheiro das traseiras, e bem salpicada de sal. Os presuntos e as pás ficaram em salmoura, pois seriam fumadas, como a carne do veado, no tronco oco.

- Não há nada melhor do que presunto curado com fumo de nogueira - garantiu o pai.

Estava a encher a bexiga do porco. Quando ficou transformada num pequeno balão, atou bem a abertura com um cordel e deu-a a Maria e a Laura, para brincarem. Podiam atirá-la ao ar e atirá-la de uma para a outra com pequenas pancadas das mãos. Ou fazê-la ressaltar no chão e dar-lhe pontapés. Mas o rabo do porco divertia-as ainda mais do que o balão.

O pai esfolou-o com todo o cuidado e enfiou no lado mais grosso um pau afiado. A mãe abriu a portinhola do fogão da cozinha e juntou brasas no forno de ferro. Em seguida, Laura e Maria, por turnos, seguraram o rabo do porco por cima das brasas.

Rechinou, e pingos de gordura caíram nas brasas e fizeram pequenas chamas. A mãe salpicou o petisco de sal. As mãos e a cara das duas ficaram muito quentes e Laura queimou um dedo, mas estava tão entusiasmada que não se importou. Assar o rabo do porco era tão divertido que se tornava difícil fazer jogo limpo, por turnos.

Por fim, ficou pronto. Tinha um bonito tom acastanhado, a toda a volta, e cheirava que era um regalo! Levaram-no para o pátio, para arrefecer, mas começaram a provar antes de estar frio e escaldaram a língua.

Depois de comerem todos os bocadinhos de carne agarrados aos ossos, deram estes ao Jack. E era uma vez um rabo de porco! Só para o ano seguinte

haveria outro.

O tio Henrique voltou para casa depois do almoço e o pai regressou ao seu trabalho na Grande Floresta. Mas o trabalho da matança mal começara ainda para Laura, Maria e a mãe. A mãe tinha muitas coisas que fazer e Laura e Maria ajudaram-na.

Durante todo esse dia e o seguinte, a mãe derreteu o toucinho nos grandes caldeiros de ferro do fogão da cozinha. Laura e Maria foram buscar lenha e tomaram conta do fogo, que não devia ser demasiado forte, para não queimar o toucinho. Os grandes caldeiros fervilhavam, mas não podiam fumegar. De vez em quando, a mãe tirava os torresmos castanhos com uma escumadeira, colocava-os num pano, espremia a gordura toda bem espremidinha e depois punha os torresmos de parte. Usá-los-ia para dar gosto ao pão de milho, mais tarde.

Os torresmos eram muito bons para comer, muito saborosos, mas Laura e Maria só podiam provar, pois a mãe dizia que eram muito pesados para meninas pequenas.

A mãe raspou e limpou a cabeça do porco cuidadosamente e depois cozeu-a até a carne se despegar dos ossos. Picou a carne bem picadinha na tigela de madeira, com a faca própria, e depois temperou-a com sal, pimenta e especiarias. Em seguida misturou tudo com o líquido que ficara da cozedura e pôs numa caçarola, para arrefecer. Quando estivesse frio, cortava-se em fatias, e era isso a galantina.

A mãe picou e tornou a picar, até ficarem reduzidos a um picado muito fininho, os bocadinhos de carne gorda e magra aparados dos bocados grandes. Temperou com sal, pimenta e folhas de salva secas, da horta. Em seguida amassou e tornou a amassar com as mãos, até ficar tudo bem misturado, e moldou a massa em bolas. Colocou-as num alguidar, no telheiro, onde gelariam e se conservariam boas para comer durante todo o Inverno. Eram os chouriços.

Quando o tempo da matança terminou, havia os chouriços e a galantina, grandes boiões de banha, uma barrica de carne branca salgada, no telheiro, e os presuntos e as pás estavam fumados e pendurados no sótão.

A casinha estava quase a rebentar de boa comida guardada para o longo Inverno. A despensa, o telheiro e a cave estavam cheios e o sótão não lhes ficava atrás.

Agora Laura e Maria tinham de brincar dentro de casa, pois lá fora estava frio e as folhas castanhas caíam todas das árvores. O fogo nunca se apagava no fogão. À noite, o pai abafava as brasas com cinza, para as conservar acesas até de manhã.

O sótão era um lugar muito bom para brincar. As abóboras grandes,

redondas e coloridas davam bonitas mesas e cadeiras, com os pimentões vermelhos e as cebolas; pendurados por cima Os presuntos e a carne de veado pendiam também, embrulhados em papéis, e os ramos de ervas secas e cheiros, para cozinhar, assim como das ervas amargas para remédios, davam ao sótão um cheiro muito agradável.

Era frequente o vento assobiar no exterior, com um som frio e triste. Mas Laura e Maria brincavam às casinhas no sótão, com as abóboras, e sentiam-se muito quentinhas e aconchegadas.

Maria era mais crescida do que Laura e tinha uma boneca de trapo chamada Nelinha. Laura tinha só uma maçaroca embrulhada num lenço, mas que também dava uma boa boneca. Chamava-se Susana e não tinha a culpa de ser só uma maçaroca. Às vezes, Maria deixava Laura pegar na Nelinha, mas só quando a Susana não via.

Os melhores momentos de todos eram à noite. Depois do jantar, o pai ia buscar as armadilhas ao telheiro, para as olear junto do fogão. Esfregava-as muito bem, até brilharem, e lubrificava as dobradiças dos dentes e as molas das placas com uma pena mergulhada em gordura de urso.

Havia armadilhas pequenas, armadilhas médias e armadilhas grandes para ursos, com dentes que, segundo o pai dizia, partiriam a perna de um homem, se se fechassem sobre ela.

Enquanto tratava das armadilhas, o pai contava pequenas histórias a Laura e a Maria e depois tocava a sua rabeca.

As portas e as janelas estavam muito bem fechadas e as frestas das janelas tapadas com panos, para não deixarem entrar o frio. Mas a gata, Susana Preta, entrava e saía conforme lhe apetecia, de noite e de dia, pela porta de vaivém da gateira, aberta na parte de baixo da porta da frente. Susana Preta saía ou entrava sempre muito depressa, para que a porta lhe não apanhasse a cauda quando se fechava atrás dela.

Uma noite, quando estava a olear as armadilhas, o pai viu a Susana Preta entrar e disse:

- Era uma vez um homem que tinha dois gatos, um grande e outro pequeno.

Laura e Maria foram a correr encostar-se ao seus joelhos, para ouvir o resto.

- Tinha dois gatos - repetiu o pai -, um gato grande e um gato pequeno. Por isso, fez uma gateira grande, para o gato grande; e depois fez uma gateira pequena, para o gato pequeno.

O pai calou-se.

- Mas porque não podia o gato pequeno… - começou Maria.

- Porque o grande o não deixava – interrompeu Laura.

- Isso é muito feio, Laura. Não devemos interromper as pessoas que estão a

falar - disse o pai, e acrescentou: - Mas estou a ver que qualquer de vocês tem mais tino do que o homem que abriu as duas gateiras na sua porta.

Depois largou as armadilhas, tirou a rabeca da caixa e começou a tocar. Esse era o melhor momento de todos.

2

DIAS DE INVERNO E NOITES DE INVERNO

Chegou a primeira neve e com ela o frio de rachar. Todas as manhãs o pai pegava na espingarda e nas armadilhas, saía e passava o dia inteiro na Grande Floresta, a colocar as armadilhas pequenas, para ratos almiscarados e martas, ao longo dos regatos, e as armadilhas médias, para raposas e lobos, nas florestas. Também colocava as armadilhas grandes, na esperança de apanhar um urso gordo, antes de eles se meterem todos na suas cavernas, para passarem o Inverno.

Uma manhã voltou a casa, foi buscar os cavalos e o trenó e saiu de novo, apressado. Tinha abatido um urso a tiro. Laura e Maria ficaram tão contentes que desataram aos saltos e a bater as palmas. Maria gritou:

- Eu quero a perna! Eu quero a perna!

Maria não fazia ideia do tamanho da perna de um urso.

Quando voltou, o pai trazia um urso e um porco no trenó. Ia a andar pela floresta, com uma grande armadilha de urso na mão e a espingarda ao ombro, e nisto, ao contornar um grande abeto coberto de neve, vira o urso atrás da árvore: O urso acabara de matar o porco e estava a segurá-lo, para o comer. O pai contou que o urso se encontrava de pé, apoiado nas patas traseiras, e agarrava o porco com as dianteiras como se fossem mãos.

O pai matara o urso com um tiro e ficara sem saber donde o porco viera ou a quem pertencia.

- Por isso, trouxe-o para casa.

Ficaram com carne fresca em quantidade, para muito tempo. Os dias e as noites estavam tão frios que o porco num caixote e a carne do urso pendurada no pequeno telheiro das traseiras gelaram solidamente sem o perigo de descongelarem.

Quando a mãe queria carne fresca para o almoço, o pai pegava no machado e cortava um naco de carne congelada, de urso ou de porco. Mas a mãe não precisava de ajuda para ir ao telheiro ou ao sótão buscar os chouriços do feitio de bolas, ou a carne de porco salgada, ou os presuntos e a carne de veado fumados.

A neve continuou a cair até se amontoar, inclinada, contra as paredes da casa. De manhã, os vidros das janelas estavam cobertos de geada, que formava

bonitas árvores, flores e duendes.

A mãe dizia que o Joãozinho Geada vinha de noite e fazia os desenhos, enquanto todos dormiam. Laura julgava que o Joãozinho Geada era um homem pequenino, todo branco de neve, com um cintilante barrete pontiagudo branco e botas brancas e macias até ao joelho, feitas de pele de gamo. Usava sobretudo branco e mitenes brancas e não trazia nenhuma espingarda às costas, mas as suas mãos seguravam ferramentas afiadas e reluzentes, com as quais esculpia os bonecos.

A mãe emprestava o dedal a Laura e a Maria, para fazerem bonitos desenhos com bolinhas na geada dos vidros. Mas elas nunca estragavam os que João Geada fizera de noite.

Quando aproximavam a boca do vidro e bafejavam, a geada branca derretia-se e escorria em gotas pela vidraça. Depois podiam ver a neve amontoada do lado de fora e as grandes árvores nuas e pretas, que projetavam sombras esguias e azuladas na brancura da neve.

Laura e Maria ajudavam a mãe na lida da casa. Todas as manhãs havia a louça para limpar. Maria limpava mais do que Laura, porque era mais crescida, mas Laura limpava sempre muito bem a sua canequinha e o seu pratinho.

Quando a louça estava toda limpa e arrumada, arejava-se a cama baixa. Em seguida, uma de cada lado, Laura e Maria esticavam as cobertas, entalavam-nas bem aos pés e aos lados, afofavam as almofadas e colocavam-nas no seu lugar. Então a mãe empurrava a cama baixa para debaixo da cama alta.

Feito isso, a mãe começava o trabalho que competia a esse dia. Cada dia tinha o seu trabalho apropriado e a mãe costumava dizer: “Lava à segunda-feira, engoma à terça-feira, remenda à quarta feira, faz manteiga à quinta-feira, limpa à sexta-feira, ao sábado faz de padeira e ao domingo folga da canseira”.

Os dias da semana de que Laura mais gostava eram o de fazer manteiga e o de fazer pão.

No Inverno, a nata não era tão amarela como no Verão e a manteiga que dela se fazia era branca e menos bonita. Como a mãe gostava que todas as coisas da sua mesa fossem bonitas, no Inverno coloria a manteiga.

Depois de deitar as natas na batedeira alta, de louça, e de a colocar perto do fogão, para amornar, lavava e raspava uma cenoura comprida, cor de laranja. Em seguida, ralava-a no fundo de uma velha frigideira de folha, que o pai enchera de buraquinhos, com um prego. A mãe andava com a cenoura de um lado para o outro, na aspereza dos rebordos dos buraquinhos, e quando acabava levantava a frigideira e via-se um montinho mole e sumarento de cenoura ralada.

A mãe deitava a cenoura num tachinho de leite que estava ao fogo e, quando o leite aquecia, despejava a mistura num saco de pano. Depois espremia

o leite amarelo-vivo para a batedeira a fim de colorir as natas todas. Assim a manteiga ficaria amarela.

Laura e Maria podiam comer a cenoura, depois de espremido o leite. Maria achava que devia comer o quinhão maior, por ser a mais velha, e Laura dizia que a maior parte devia ser para ela, por ser a mais nova. Mas a mãe mandava-as dividir a cenoura ralada em partes iguais. Era deliciosa.

Quando as natas estavam preparadas, a mãe escaldava o comprido batedor de madeira, metia-o na batedeira e colocava a tampa. Esta tinha um buraco redondo no meio e a mãe movimentava o batedor para cima e para baixo, para cima e para baixo, através do buraco.

Batia assim durante muito tempo. Às vezes, Maria também batia, enquanto a mãe descansava, mas o batedor era demasiado pesado para Laura.

Ao princípio, viam-se salpicos de natas, espessos e lisos, à volta do buraco da tampa; mas passado muito tempo começavam a parecer granulosos. Então a mãe batia mais devagar E começavam a aparecer no batedor grãozinhos de manteiga amarela.

Quando a mãe tirava a tampa da batedeira lá estava a manteiga numa massa dourada, afogada no leitelho. Então a mãe tirava-a com uma espátula de madeira para uma tigela de madeira e lavava-a muitas vezes com água fria, a virá-la e a revirá-la e a comprimi-la com a espátula, até a água ficar limpa. Depois disso, salgava a manteiga.

Chegava então o mais bonito da operação: A mãe moldava a manteiga. No fundo solto do molde de manteiga estava gravado o desenho de um morango com duas folhas.

Com a espátula, a mãe colocava e comprimia a manteiga no molde, até o encher. Depois virava-o ao contrário num prato e puxava o cabo do fundo solto do molde. O pequeno pedaço de manteiga dourada e firme saía, com o morango e as folhas gravadas no cimo.

Laura e Maria observavam, quase sem respirar, uma de cada lado da mãe, enquanto os bocados de manteiga dourada, cada qual com o seu morango em cima, caíam do molde para o prato. No fim, a mãe dava a cada uma um copo de bom e fresco leitelho.

Aos sábados, quando a mãe fazia o pão, dava a cada uma um bocadinho de massa, para fazerem um pãozinho. Às vezes também lhe dava um bocadinho de massa de biscoitos, para fazerem biscoitinhos, e um dia Laura até fez um pastel, na sua forminha.

Às vezes, quando acabava o trabalho do dia a mãe recortava-lhes bonecas de papel. Recortava as bonecas num papel branco, grosso, depois desenhava as caras com um lápis. Em seguida, com bocadinhos de papel colorido, talhava

vestidos e chapéus, fitas e rendas para Laura e Maria poderem vestir as bonecas muito bem vestidinhas. Mas o melhor de tudo era a noite, quando o pai regressava a casa. Voltava das suas caminhadas pela floresta, com pingentinhos de gelo pendurados das pontas do bigode. Pendurava a espingarda na parede, por cima da porta, tirava o barrete de pele, o casacão e as luvas e perguntava:

- Onde está a minha meia canequinha de sidra doce meio bebida? - Referia-se a Laura, por ela ser tão pequena.

Laura e Maria iam a correr sentar-se-lhe nos joelhos, e lá ficavam enquanto ele se aquecia junto do fogo. Depois o pai voltava a vestir o casacão, a pôr o barrete e a calçar as luvas e tornava a sair, para tratar dos animais e levar para casa lenha suficiente para o fogo.

Às vezes, quando o pai via todas as armadilhas depressa, por estarem vazias, ou quando encontrava caça mais cedo do que era habitual, voltava para casa também mais cedo. Então tinha tempo para brincar com Laura e Maria.

Uma das brincadeiras de que elas gostavam chamava-se cão raivoso. O pai passava os dedos pelo vasto cabelo castanho e deixava-o todo espetado. Depois punha-se de gatas e, a rosnar perseguia Laura e Maria através da sala, a tentar apanhá-las num canto donde não pudessem fugir.

Elas eram rápidas a correr e a esquivar-se, mas uma vez ele apanhou-as contra a caixa da lenha, atrás do fogão. Não tinham outra saída, a não ser passando pelo pai.

O pai rosnava tão assustadoramente e tinha cabelo tão desgrenhado e os olhos tão ferozes que a brincadeira parecia mesmo a sério. Maria estava tão assustada que não conseguia mexer-se. Mas quando o pai se aproximou mais, Laura gritou e, com um grande pulo, saltou por cima da caixa da lenha, a arrastar Maria atrás de si, E pronto, deixou de haver cão raivoso. Quem ali estava era o pai, de pé, a olhar para Laura com os olhos azuis muito brilhantes.

- Sim, senhor! - exclamou. – Podes ter apenas uma meia canequinha de sidra meio bebida, mas, com a breca, és forte como um cavalinho francês!

- Não devias assustar tanto as crianças, Carlos - disse a mãe. - Repara como têm os olhos arregalados de medo.

O pai olhou para elas e depois pegou na rabeca e começou a tocar e a cantar.

Ianque Dudle foi à cidade,
Com as calças às risquinhas,
Mas jurou que não viu a cidade
Tantas, tantas eram as casinhas.
Laura e Maria esqueceram-se por completo do cão raivoso.
Viu lá umas espingardas tão grandes
Como um tronco de bordo ou dois,

E para as virar, como eram tão grandes,
Precisavam de duas juntas de bois.
Todas as vezes que queriam disparar
Ia-se um polvorinho ou mais que um,
O pum! Era o de uma espingarda vulgar,
Mas que muito, muito mais. Puuuum!

O pai marcava o ritmo com o pé e Laura acompanhava a música, batendo as mãos, quando ele cantou:

E eu canto Ianque Dudle-di-du,
E eu canto Ianque Dudle,
E eu canto Ianque Dudle-di-du,
E eu canto Ianque Dudle!

Sozinha no meio da Grande Floresta agreste, da neve e do frio, a casinha de troncos era quente, confortável e aconchegadinha. O pai e a mãe, e Maria, Laura e a bebe Carrie sentiam-se lá muito bem e muito felizes, sobretudo à noite.

À noite, o fogo crepitava na lareira, o frio e a escuridão e os animais selvagens não podiam entrar, e Jack, o buldogue malhado, e Susana Preta, a gata, piscavam os olhos às chamas que brincavam na lareira.

A mãe estava sentada na sua cadeira de balanço, a costurar à luz do candeeiro colocado em cima da mesa. O candeeiro brilhava e reluzia, Havia sal no fundo do depósito de vidro do querosene, para evitar que explodisse, e bocadinho de flanela vermelha no meio do sal, para o tornar bonito. E era mesmo bonito.

Laura gostava de admirar o candeeiro, com sua chaminé de vidro tão limpa e cintilante, sua chama amarela a brilhar tão certinha e o seu depósito de querosene claro, a que os bocadinhos de flanela vermelha emprestavam colorido. Gostava de olhar para o fogo da lareira, a crepitar e a modificar-se constantemente, umas vezes amarelo e vermelho e outras com um tom esverdeado por cima dos toros de lenha e azulado sobre as brasas douradas e cor de rubi.

E nesses momentos o pai contava histórias.

Quando Laura e Maria lhe pediam que contasse uma história, ele sentava-as nos joelhos e fazia-lhes cócegas na cara com a barba comprida, até elas rirem alto.

Tinha os olhos azuis e maliciosos.

Uma noite, o pai olhou para a Susana Preta que se espreguiçava diante do fogo, a estender e encolher as garras, e disse:

- Sabiam que uma pantera é um gato? Um grande gato bravo?

- Não - respondeu Laura.

- Pois é. Imaginem a Susana Preta maior do que o Jack e mais feroz do que

ele, quando rosna. Assim seria mesmo uma pantera.

Instalou Laura e Maria mais confortavelmente, nos joelhos, e acrescentou:

- Vou-lhes falar do avô e da pantera.

- Do seu avô? - perguntou Laura.

- Não, Laura, do teu avô. Do meu pai.

- Ah! - exclamou a menina, e aninhou-se mais contra o braço do pai.

Conhecia o avô, que morava muito longe, na Grande Floresta, numa grande casa de troncos. O pai começou:

- Um dia, o avô foi à cidade e iniciou a viagem de regresso já tarde. Estava escuro quando meteu a cavalo pela Grande Floresta, tão escuro que mal conseguia ver a estrada, e quando ouviu uma pantera gritar assustou-se, pois não tinha espingarda.

- Como grita uma pantera? - perguntou Laura.

- Como uma mulher - respondeu-lhe o pai -, Assim.

E gritou de tal maneira que Laura e Maria tiveram um arrepio de medo.

A mãe deu um salto na cadeira e protestou.

- Por favor, Carlos!

Mas Laura e Maria gostavam de apanhar sustos daqueles.

- O cavalo, com o avô montado nele, corria velozmente, pois também estava assustado. Mas não conseguia afastar-se da pantera, que os perseguia através da escura floresta. Era uma pantera esfomeada e corria tanto como o cavalo. Umas vezes gritava de um lado da estrada, outras do outro, mas sempre perto, atrás deles.

“O avô ia inclinado para a frente, na sela, e incitava o cavalo a andar mais depressa. Mas ele corria o mais velozmente que podia e, mesmo assim, a pantera continuava a gritar atrás deles já muito perto.

“Nisto, o avô viu-a, a saltar de copa de árvore para copa de árvore, quase por cima dele.

“Era uma enorme pantera negra, que saltava pelo ar como a Susana Preta costuma saltar para apanhar um rato. Mas era muitas, muitas vezes maior do que a Susana Preta. Tão grande que se saltasse para cima do avô poderia matá-lo com as suas enormes garras cortantes e os seus enormes dentes afiados.

“Montado no cavalo, o avô fugia dela exatamente como um rato foge de um gato.

“A pantera já não gritava e o avô também já não a via. Mas sabia que ela continuava a saltar em sua perseguição na floresta escura, atrás dele. O cavalo corria com todas as suas forças”.

“Por fim, o cavalo chegou à casa do avô. O avô viu a pantera formar o salto e, sem perder um instante, saltou do cavalo, contra a porta. Entrou em casa de

roldão e bateu logo com a porta. A pantera foi cair em cima do cavalo, exatamente onde o avô estivera.

"O cavalo relinchou terrivelmente e fugiu. Embrenhou-se a galope na Grande Floresta, com a pantera em cima, a rasgar-lhe as costas com as garras. Mas o avô tirou a espingarda da parede e correu para a janela, mesmo a tempo de matar a pantera com um tiro".

"O avô disse que nunca mais andaria na Grande Floresta sem a sua espingarda.

Enquanto o pai contava esta história, Laura e Maria tinham-se aninhado bem contra ele, a tremer de medo. Sentiam-se aconchegadas E em segurança no seu colo e envolvidas pelos seus braços fortes.

Gostavam de estar ali, diante do fogo quente, com a Susana Preta a ronronar junto da lareira e o bom do Jack estendido a seu lado.

Quando um lobo uivava, Jack levantava a cabeça e os pelos eriçavam-se-lhe ao longo da espinha. Mas Laura e Maria ouviam o uivo solitário na negra e fria floresta, e não tinham medo. Estavam aconchegadas e confortáveis na sua casinha de troncos de árvore, com a neve empilhada à volta e o vento a chorar, porque não podia entrar e chegar-se ao fogo.

3

A CARABINA COMPRIDA

Todas as noites, antes de começar a contar histórias, o pai fazia as balas para caçar no dia seguinte.

Laura e Maria ajudavam-no. Iam buscar a grande colher de cabo comprido, a caixa cheia de bocadinhos de chumbo e o molde das balas. Depois, enquanto ele se acocorava junto da lareira a fazer as balas, elas sentavam-se a observá-lo, uma de cada lado.

Primeiro, o pai derretia os bocados de chumbo na grande colher, que colocava nas brasas. Quando o chumbo estava derretido, deixava-o escorrer cuidadosamente da colher para o buraquinho do molde. Esperava um minuto, depois abria o molde, e caía para o chão uma reluzente bala nova.

Não se lhe podia tocar, por estar muito quente, mas brilhava tão tentadoramente que, às vezes, Laura ou Maria não resistiam e tocavam-lhe. Queimavam os dedos, mas não diziam nada, porque o pai lhes recomendara que nunca tocassem numa bala nova. Por isso, se queimavam os dedos, a culpa era delas; deviam ter dado ouvidos ao pai. Limitavam-se a meter os dedos na boca, para os arrefecer, e a ver o pai fazer mais balas.

Quando acabava, havia um montinho reluzente, defronte da lareira. O pai deixava-as arrefecer e depois, com a navalha, retirava as pequenas irregularidades deixadas pelo buraco do molde. Apanhava as minúsculas aparas de chumbo e guardava-as cuidadosamente, para as derreter de novo quando voltasse a fazer balas.

Metia as balas acabadas na bolsa, que era um bonito saquinho que a mãe fizera com a pele de um gamo que o pai caçara. Feitas as balas, o pai tirava a espingarda da parede e limpava-a. Podia ter acumulado alguma umidade, todo o dia na floresta coberta de neve, e o interior do cano estava com certeza sujo de fumo de pólvora.

Por isso, o pai tirava a vareta do seu lugar, debaixo do cano, e prendia-lhe à ponta um bocadinho de pano limpo. Apoiava a coronha da espingarda numa caçarola e deitava água a ferver, da chaleira, pelo cano abaixo. Em seguida, rapidamente, enfiava a vareta no cano e movimentava-a para baixo e para cima, para baixo e para cima, até a água quente, enegrecida pela pólvora, borbotar pelo

buraquinho onde se colocava o fulminante, quando a arma estava carregada.

O pai continuava a deitar mais água e a lavar o cano com o trapo preso à vareta até a água sair clara. Isso significava que a espingarda estava limpa. A água devia estar sempre a ferver, para que o aço aquecido secasse imediatamente.

Em seguida, o pai prendia outro trapo, limpo e impregnado de gordura, na vareta e, enquanto o cano ainda estava quente, engordurava-o bem, no interior. Com outro trapo limpo e impregnado de gordura, esfregava-o depois todo por fora, até não haver nem um bocadinho que não brilhasse, bem untado. Depois disso, esfregava e polia a coronha, até a madeira brilhar, também.

Estava tudo preparado para recarregar a espingarda, e Laura e Maria tinham de ajudá-lo. De pé, alto e direito, o pai apoiava a base da coronha da espingarda no chão, com o cano para cima, enquanto Laura e Maria se colocavam uma de cada lado dele.

- Agora observem-me e vejam se cometo algum erro - dizia o pai.

Elas observavam-no com todo o cuidado, mas ele nunca cometia erro nenhum.

Laura estendia-lhe o chifre de vaca liso e polido, cheio de pólvora. A ponta do chifre era uma tampinha de metal. O pai enchia a tampinha de pólvora e despejava-a pelo cano abaixo. Depois sacudia um bocadinho a arma e batia no cano, para ter a certeza de que a pólvora assentava no fundo.

- Onde está a minha caixa de trapos? – perguntava então o pai, e Maria dava-lhe a caixinha de folha cheia de bocadinhos de trapo impregnados em gordura.

O pai colocava um desses trapinhos engordurados na boca do cano, punha-lhe uma reluzente bala nova em cima e, com a vareta, empurrava a bala e o trapo pelo cano abaixo. Depois comprimia-os bem contra a pólvora.

Quando fazia isso, a vareta ressaltava pelo cano acima e o pai agarrava-a e empurrava-a de novo. Repetia esta operação muitas vezes.

Em seguida, recolocava a vareta no seu lugar, contra o cano da espingarda. Tirava então uma caixa de fulminantes da algibeira, levantava o cão da arma e introduzia um dos fulminantesinhos brilhantes sobre a agulha oca que ficava sob o cão. Baixava o cão devagar e com muito cuidado, pois se descesse depressa - pum! - a arma dispararia.

Carregada a espingarda, o pai colocava-a nos suportes, por cima da porta.

Quando o pai estava em casa, a espingarda estava sempre deitada nesses dois suportes de madeira, por cima da porta. O pai fizera-os de um galho verde, que afeiçoara com a faca, e enfiara as extremidades direitas, à martelada, em dois buracos fundos abertos num tronco da parede. As pontas curvavam para

cima e prendiam bem a espingarda.

A espingarda estava sempre carregada e arrumada por cima da porta, para que o pai lhe pudesse chegar rápida e facilmente em qualquer ocasião que dela precisasse.

Quando ia para a Grande Floresta, o pai certificava-se sempre de que a bolsa das balas estava cheia e de que tinha nas algibeiras a caixinha dos trapos engordurados e a caixinha dos fulminantes. O chifre da pólvora - que se chamava o polvorinho - e uma machadinha bem afiada pendiam-lhe do cinto e levava a espingarda carregada ao ombro.

Recarregava sempre a espingarda assim que a disparava, porque, como dizia, não queria ter de enfrentar qualquer percalço com uma espingarda descarregada.

Sempre que disparava contra um animal selvagem, tinha de parar e carregar a arma - medir a pólvora, deitá-la no cano e fazê-la assentar, colocar o trapinho e a bala na boca do cano e empurrá-los para baixo e pôr um fulminante novo sob o cão, antes de poder disparar outra vez. Quando alvejava um urso ou uma pantera, tinha de os matar com o primeiro tiro. Um urso ou uma pantera feridos eram capazes de matar um homem antes de ele ter tempo de recarregar a espingarda.

Mas Laura e Maria nunca tinham medo quando o pai ia sozinho para a Grande Floresta. Sabiam que ele era capaz de matar ursos e panteras ao primeiro tiro.

Depois das balas feitas e da espingarda carregada, era a altura de contar histórias.

- Conte-nos a da voz na floresta - pedia-lhe Laura.

O pai olhava-a, de pálpebras franzidas, e exclamava:

- Oh, não! Não querem que eu fale do tempo em que era um rapazinho travesso!

- Queremos, sim, queremos! - afirmavam Laura e Maria, e o pai começava a contar a história.

A história da voz na floresta

- Quando eu era um rapazinho não muito maior do que a Maria, todas as tardes tinha de ir procurar as vacas à floresta e conduzi-las para casa. O meu pai tinha-me recomendado que nunca me demorasse a brincar no caminho, que andasse depressa e levasse as vacas para casa antes de escurecer, porque havia lobos, panteras e ursos na floresta.

“Um dia, comecei mais cedo do que de costume e, por isso, pensei que não precisava de me apressar. Havia tantas coisas que ver na floresta que me esqueci da escuridão que não tardaria. Havia esquilos vermelhos nas árvores, esquilos

listrados às corridinhas entre as folhas e coelhinhos a brincar nas clareiras. Os coelhinhos gostam muito de brincar sozinhos antes de irem para a cama, sabem?

"Comecei a fazer de conta que era um grande caçador a seguir o rastro de animais selvagens e índios. Fiz de conta que lutava com índios, e a brincadeira foi tanta ou tão pouca que a floresta não tardou a parecer-me cheia de selvagens. Nisto, ouvi os passarinhos a darem as boas-noites, nos seus chilreios, e só então reparei que anoitecia no carreiro e já estava escuro na floresta.

"Eu sabia que tinha de levar as vacas depressa para casa, pois de contrário seria completamente escuro antes de elas se encontrarem em segurança no estábulo. O pior é que não conseguia encontrá-las!

"Bem apurava o ouvido, mas não lhes ouvia os chocalhos. Chamava, chamava, mas elas não vinham.

"Embora tivesse medo do escuro e dos animais selvagens, não me atrevia a regressar a casa e apresentar-me ao meu pai sem as vacas. Por isso, desatei a correr pelo meio das árvores, a procurar e a gritar. E, entretanto, as sombras tornavam-se cada vez mais densas e mais escuras, a floresta parecia maior e as árvores e os arbustos pareciam estranhos.

"Não conseguia encontrar as vacas em parte nenhuma. Subi encostas, a procurar e a chamar, e desci barrancos fundos e escuros, a chamar e a procurar. Nada. Parei e escutei, a ver se ouvia os chocalhos, mas não se ouvia um som além do murmúrio das folhas.

"Nisto, ouvi uma respiração alta e pensei que estava uma pantera atrás de mim, no escuro. Mas tratava-se apenas da minha própria respiração.

"As silvas tinham-me arranhado as pernas e quando corria pelo meio dos arbustos os ramos batiam-me na cara. Mas eu continuava a correr, a procurar e a chamar: "Sukey! Sukey!"

"Sukey! Sukey!", gritava com todas as ganas. "Sukey!"

"De repente, qualquer coisa falou mesmo por cima da minha cabeça: "Uh! Uh!"

"Pôs-se-me o cabelo em pé.

"Uh! Uh!", repetiu a voz. E nem queiram saber como eu corri!

"Esqueci-me por completo das vacas. Só queria sair da floresta e chegar a casa.

"Mas aquela coisa escondida no escuro foi atrás de mim, a repetir "Uh! Uh!"

"Corri com todas as minhas forças e nem mesmo quando perdi o fôlego deixei de correr. Tropecei não sei em quê e caí, mas levantei-me logo e continuei a correr. Nem um lobo teria conseguido alcançar-me.

"Por fim, desemboquei da floresta escura junto do estábulo. As vacas

estavam lá paradas, à espera que lhes abrisse a cancela para entrarem. Recolhi-as e a seguir corri para casa.

“O meu pai levantou a cabeça e perguntou-me: “Porque te atrasaste tanto, homenzinho? Estiveste a brincar no caminho?”

“Olhei para baixo, para os pés, e só então reparei que tinha ficado sem a unha de um dedo grande. O medo tinha sido tanto que nem sentira a dor, até aquele momento.

O pai interrompia sempre a história nesta passagem e ficava à espera que Laura pedisse:

- Continue, Pá, continue, por favor!

- Bem, depois o teu avô foi ao pátio e cortou uma vara verde, forte. Voltou para dentro e deu-me uma sova, de tal modo que, daí em diante, passei a fazer o que me mandava.

“Um rapaz de nove anos já tem idade suficiente para não se esquecer do que lhe recomendam”, disse-me. “Há uma boa razão para fazeres o que te digo, e se o fizeres não te acontecerá mal nenhum”.

- Sim, Pá, sim, sim! - exclamou Laura, a saltar no joelho do pai. - E depois, que disse ele depois?

- Disse: “Se me tivesses obedecido como deverias, não terias andado na Grande Floresta depois de escurecer e não te terias assustado com o piar de um mocho”.

4

NATAL

Aproximava-se o Natal.

A casinha de troncos estava quase enterrada em neve, que se acumulava contra as paredes e nas janelas. De manhã, quando o pai abria a porta, havia uma parede de neve que chegava à altura da cabeça de Laura. O pai pegava na pá e retirava-a e depois, do mesmo modo, abria um carreiro para o estábulo, onde os cavalos e as vacas estavam aconchegadinhos e quentes nas suas baias.

Os dias estavam claros e luminosos. Laura e Maria punham-se em pé em cadeiras, junto da janela, e olhavam através da neve cintilante para as árvores todas brancas. A neve espessa cobria-lhes os ramos nus e escuros e reluzia ao sol.

Pingentes de gelo pendiam do beiral da casa para os montes de neve empilhados contra as paredes. Eram grandes, tão grossos na parte de cima como o braço de Laura, pareciam de vidro e chispavam, cheios de luzes.

O hálito do pai pairava no ar como fumo, quando ele regressava do estábulo, pelo carreiro. Quando ele respirava, parecia que lhe saíam da boca nuvenzinhas que se transformavam em geada branca na sua barba e no seu bigode.

Quando entrava em casa, batia com os pés a sacudir a neve das botas e apertava Laura num abraço de urso, contra o grande casacão frio, o seu bigode ficava cheio de gotinhas de geada a derreter-se.

Fazia serão todas as noites, a trabalhar numa tábua grande e em duas mais pequenas. Afeiçoava-as com a faca e alisava-as com lixa e com a palma da mão, de tal maneira que quando Laura lhes tocava as sentia macias e lisinhas como seda.

Depois, com a navalha afiada, recortou as arestas da tábua grande em pequenos picos e torres, com uma grande estrela recortada no ponto mais alto. Abriu buraquinhos na madeira e depois deu-lhes a forma de janelas, estrelinhas, crescentes de lua e círculos. A toda a volta deles esculpiu folhas, flores e passarinhos, tudo muito pequenino.

A uma das tábuas pequenas deu uma bonita forma arredondada e esculpiu-lhe à volta folhas, flores e estrelas e no meio crescentes e arabescos.

À roda da tábua mais pequena esculpiu uma minúscula trepadeira em flor.

Trabalhava muito devagarinho e com todos os cuidados, para fazer tudo quanto achava que fosse mais bonito.

Por fim, as peças ficaram prontas e, uma noite, armou-as. Viu-se então que a tábua maior era um suporte muito bonito e bem trabalhado para uma prateleirinha ao meio. A estrela grande ficava mesmo ao cimo. A peça curva amparava, por baixo, a prateleira e também estava muito bonita, e a trepadeirazinha foi colocada à volta da prateleira.

Era uma consola que o pai fizera para presente de Natal da mãe. Pendurou-a cuidadosamente na parede de troncos, entre as janelas, e a mãe pôs a bonequinha de porcelana na prateleira.

A bonequinha de porcelana tinha uma touca de porcelana na cabeça e caracóis de porcelana chegados ao pescoço de porcelana. O vestido de porcelana tinha fitas à frente e a boneca usava um aventalinho de porcelana cor-de-rosa e sapatinhos de porcelana dourada. Era linda, de pé a prateleira, com flores, folhas, passarinhos e luas a toda a volta e a grande estrela no cimo de tudo.

A mãe passava o dia inteiro atarefada, a cozinhar coisas boas para o Natal. Cozeu pão levedado e pão de centeio com especiarias, biscoitos suecos e uma grande panela de feijão, com carne de porco e melaço. Fez tortas avinagradas e tortas de maçã seca, encheu um grande boião de bolinhos e deixou Laura e Maria lamberem a colher de bater a massa.

Uma manhã, ferveu melaço juntamente com açúcar, até formar um xarope grosso, e o pai trouxe duas caçarolas de neve limpa e branquinha. Laura e Maria ficaram cada qual com a sua caçarola e o pai e a mãe ensinaram-lhes a deitar o xarope escuro, em fio, para a neve. Fizeram círculos, rabiscos e outras coisas do gênero, que endureciam logo e ficavam transformadas em rebuçado. Laura e Maria foram autorizadas a comer um rebuçado cada uma, mas os restantes foram guardados para o Natal.

Tudo aquilo se fazia porque a tia Elisa, o tio Pedro e os primos Pedro, Alice e Ella viriam passar o Natal com eles.

Chegaram na véspera de Natal. Laura e Maria ouviram o ruído alegre dos guizos do trenó aumentar de momento a momento, e depois o trenó duplo saiu do meio das árvores e aproximou-se da cancela. Vinham nele a tia Elisa, o tio Pedro e os primos, todos embrulhados em cobertores, casacos e peles de búfalo.

Eram tantos os casacos, os abafos, os véus e os xales que pareciam enormes trouxas disformes.

Depois de todos entrarem, a casinha ficou cheia e a deitar por fora. A Susana Preta fugiu e foi esconder-se no estábulo, mas Jack desatou aos pulos, em círculos, na neve, e a ladrar como se nunca mais se calasse. Agora tinham

primos com quem brincar!

Assim que a tia Elisa tirou os abafos aos filhos, Pedro, Alice e Ella e Laura e Maria começaram a correr e a gritar. Por fim, a tia Elisa mandou-os calar. Então Alice sugeriu:

- Sabem o que vamos fazer? Retratos!

Alice acrescentou que tinham de ir lá para fora, para os fazer, e a mãe de Laura achou que estava muito frio para ela brincar fora de casa.

Mas quando viu a cara decepcionada de Laura disse que, afinal, podia ir um bocadinho. Mas antes, vestiu-lhe o casaco, calçou-lhe as luvas, envolveu-a na capa quente com capuz e agasalhou-lhe o pescoço.

Laura nunca se divertira tanto. Passou a manhã toda a brincar fora de casa, na neve, com Alice, Ella, Pedro e Maria. A fazer retratos. A brincadeira era assim: Cada um subia para um coto de árvore cortada e, todos ao mesmo tempo e com os braços bem abertos, atiravam-se para a neve fofa e funda. Caíam de chapa, de cara, e tentavam levantar-se sem estragar a marca que o corpo deixara na neve, ao cair. Se faziam tudo bem, na neve ficavam cinco buracos, com o formato quase perfeito de quatro meninas e um rapazinho, com braços e pernas e tudo. Chamavam a isso os seus retratos.

Brincaram tanto durante todo o dia que, quando a noite chegou, estavam tão excitados que não tinham sono. Mas teriam de dormir, pois de contrário o Pai Natal não apareceria. Por isso, penduraram as meias junto da chaminé, rezaram as suas orações e deitaram-se: Alice, Ella, Maria e Laura todas quatro numa grande cama no chão.

Pedro dormiu na cama baixa. A tia Elisa e o tio Pedro dormiriam na cama alta e fez-se outra cama no chão do sótão para os pais de Laura. Com todas as peles de búfalo e todos os cobertores tirados do trenó do tio Pedro, havia cobertas para toda a gente.

O pai e a mãe e a tia Elisa e o tio Pedro sentaram-se à lareira, a conversar. Precisamente quando Laura começava a fechar os olhos e a adormecer, ouviu o tio Pedro dizer:

- Outro dia, a Elisa escapou por pouco, quando eu estava em Lake City. Conhecem o Príncipe, aquele meu grande cão?

Laura ficou logo completamente desperta. Gostava muito de ouvir falar de cães. Ficou quietinha como um rato, a olhar para a luz da lareira a brilhar nas paredes de troncos e a ouvir o tio Pedro.

- Bem - contou o tio Pedro -, de manhãzinha cedo, Elisa pôs-se a caminho da nascente, para encher um balde de água, e o Príncipe seguiu-a. Quando ela chegou à beira do barranco, onde o caminho desce para a nascente, o Príncipe fincou-lhe de repente os dentes na parte de trás da saia e puxou.

“Vocês sabem que ele é um cão enorme. A Elisa ralhou-lhe, mas ele não lhe largou a saia e ela não conseguiu soltar-se, tão grande e forte o animal é. Continuou a recuar e a puxar, até lhe arrancar um pedaço da saia.

- Era a azul estampada - disse a tia Elisa à mãe de Laura.

- Que pena! - exclamou a mãe.

- Arrancou-lhe um grande bocado, mesmo da parte de trás - continuou a tia Elisa. - Fiquei tão zangada que me apeteceu bater-lhe. Mas ele rosnou-me.

- O Príncipe rosnou-te? - perguntou o pai de Laura.

- Rosnou - respondeu a tia Elisa.

- Bem, ela pôs-se de novo a caminho da nascente - continuou o tio Pedro a contar -, Mas o Príncipe saltou-lhe para a frente, no carreiro, e arreganhou-lhe os dentes. Não fez caso nenhum dos ralhos nem das ameaças dela. Continuou a arreganhar-lhe os dentes e a rosnar-lhe e quando ela procurou passar-lhe à frente ele não deixou e tentou mordê-la. Isso assustou-a.

- Faço ideia! - exclamou a mãe de Laura.

- Parecia tão feroz que pensei que me morderia - confessou a tia Elisa. - E acho que teria mesmo mordido.

- Nunca ouvi uma coisa assim! - admirou-se a mãe de Laura. - Que fizeste?

- Voltei para trás, corri para casa, onde deixara os pequenos, e fechei a porta - respondeu a tia Elisa.

- Claro que o Príncipe costuma mostrar-se feroz com desconhecidos - disse o tio Pedro -, Mas foi sempre tão manso com a Elisa e os pequenos que eu os deixava tranquilamente com ele. A Elisa não conseguia compreender o que se passava.

“Depois de ela se meter em casa, o cão começou a andar à volta da casa e a rosnar. Todas as vezes que a Elisa começava a abrir a porta, ele saltava e rosnava.

- Estaria raivoso? - perguntou a mãe de Laura.

- Foi o que eu pensei - respondeu a tia Elisa. - Não sabia que fazer. Ali estava eu, fechada em casa com os pequenos e sem me atrever a sair! E não tínhamos água nenhuma. Nem sequer podia apanhar um bocado de neve para derreter, pois bastava-me abrir uma nesgazinha da porta para o Príncipe dar a impressão de me querer fazer em fanicos.

- Quanto tempo durou isso? - perguntou o pai de Laura.

- Todo o dia, até ao fim da tarde - respondeu-lhe a tia Elisa. - Se o Pedro não tivesse levado a espingarda, eu teria dado um tiro no cão.

- Para o fim da tarde - continuou o tio Pedro -, ele serenou e deitou-se diante da porta. Elisa pensou que estivesse a dormir e decidiu tentar passar sorrateiramente por ele e ir buscar água à nascente.

“Abriu a porta muito devagarinho, mas, claro, ele acordou logo. Quando viu que ela tinha o balde da água na mão, levantou-se e seguiu à frente para a nascente, como de costume. A toda a volta da nascente havia pegadas recentes de uma pantera.

- As pegadas eram do tamanho da minha mão! – disse a tia Elisa.

- Sim, tratava-se de um grande bicho - confirmou o tio Pedro. - Nunca vi rastros tão grandes como aqueles. Não há dúvida de que teria apanhado a Elisa, se o Príncipe a tivesse deixado ir à nascente, de manhã. Eu vi as pegadas. A pantera tinha estado de tocaia em cima daquele grande carvalho da nascente, à espera que aparecesse algum animal para beber água. Ter-se-ia, com certeza, atirado a Elisa.

“Escurecia, quando ela viu as pegadas, e não perdeu tempo a voltar para casa com o seu balde de água. O Príncipe seguiu-a de perto e, de vez em quando, olhava para trás, para o barranco.

- Levei-o para dentro de casa comigo - disse a tia Elisa. - Ficamos todos lá dentro, até o Pedro voltar.

- Apanhaste-a? - perguntou o pai de Laura ao tio Pedro.

- Não. Saí com a espingarda e procurei nas imediações de casa, mas não a encontrei. Vi, no entanto, mais algumas pegadas suas: seguira para norte, embrenhara-se mais na Grande Floresta.

Entretanto, Alice, Ella e Maria também tinham acordado. Laura meteu a cabeça debaixo da roupa e perguntou baixinho a Alice:

- Não tiveste medo?

Alice respondeu-lhe, também baixinho, que sim, que tivera medo, mas que Ella ainda tivera mais. E Ella protestou que não senhora, que não tivera nada mais medo.

- Bem, pelo menos barafustaste mais por teres sede - cochichou Alice.

Continuaram aos segredinhos, até a mãe de Laura dizer:

- Carlos, as garotas nunca mais adormecem se não tocares para elas.

Por isso, o pai de Laura foi buscar a rabeca.

A sala estava silenciosa, quente e iluminada pela luz do fogo que ardia na lareira. As sombras da mãe, da tia Elisa e do tio Pedro tremiam, muito grandes, nas paredes, à claridade trémula, e a rabeca do pai tocava, alegremente, para si mesma.

Tocou Cheiro do Pinheiro, A Vitela Russa, O Sonho do Diabo e Viajante do Arkansas. Laura adormeceu enquanto o pai e a rabeca cantavam, ambos, docemente:

Minha querida Dora, foste-te embora,
E eu nunca mais verei o meu amor.

De manhã, acordaram quase todos ao mesmo tempo. Olharam para as meias e viram que tinham qualquer coisa dentro. O Pai Natal passara por ali! Alice, Ella, Laura e Pedro, todos de camisa de dormir de flanela encarnada, levantaram-se aos gritos, para ver o que ele lhes trouxera.

Cada meia tinha um par de luvas de um tom vermelho-vivo e um pirulito comprido de hortelã-pimenta às riscas encarnadas e brancas muito bem feitinhas, de cada lado.

Ficaram tão contentes que, ao princípio, nem conseguiram falar. Olharam, de olhos brilhantes, para os encantadores presentes de Natal. Mas Laura era a mais feliz de todos: também lhe calhara uma boneca de trapo.

Era uma linda boneca, com a cara de pano branco e uns botõezinhos pretos a fazer de olhos. Um lápis preto desenhara-lhe as sobrancelhas e tinha as faces e a boca vermelhas, com tinta feita de erva-tintureira. O cabelo era feito de lã preta, que fora entrançada e depois desentrançada, para ficar aos caracóis.

Por cima das meiazinhas de flanela encarnada tinha umas botinazinhas de pano preto, e o seu vestido de bonito tecido estampado cor-de-rosa e azul.

Era tão bonita que Laura não foi capaz de dizer nada. Apertou muito a boneca a si e esqueceu tudo o mais. Só percebeu que estavam todos a olhar para ela quando a tia Elisa disse:

- Nunca vi uns olhos tão grandes!

As outras meninas não se sentiam invejosas por Laura ter recebido uma boneca, além das luvas e do pirulito, porque Laura era a mais pequenina de todas - tirando, claro, a bebé Carrie e a bebezinha da tia Elisa, Dolly Varden. Estas eram tão pequeninas que não sabiam brincar com bonecas. Nem sequer ainda sabiam que havia o Pai Natal! Só sabiam meter os dedinhos na boca e palrar, por causa de tanta agitação.

Laura sentou-se na beira da cama, a segurar a boneca. Gostava muito das luvas encarnadas e do pirulito, mas do que mais gostava era da boneca. Chamou-lhe Carlota.

Depois olharam todos para as luvas uns dos outros e experimentaram-nas, para ver se lhes serviam. O Pedro deu uma grande dentada no pirulito, mas Alice, Ella, Maria e Laura preferiram lamber os seus, para durarem mais.

- Sim, senhor! Sim, senhor! - exclamou o tio Pedro. - Não há ao menos uma meia só com uma chibatinha? Portaram-se todos assim tão bem?

Mas eles não podiam acreditar que o Pai Natal fosse capaz de lhes deixar só uma chibatinha. Claro que isso às vezes acontecia a alguns meninos, mas a eles não podia acontecer. Era tão difícil portarem-se sempre bem, todos os dias, durante um ano inteiro!

- Não arrelies os pequenos, Pedro - disse a tia Elisa.

- Laura, não deixas as outras meninas pegar na tua boneca? - perguntou a mãe de Laura, mas o que ela queria dizer era que as meninas não deviam ser egoístas.

Por isso, Laura deixou Maria pegar na sua bonita boneca, depois Alice também lhe pegou um bocadinho e, por fim, foi a vez de Ella. Alisaram o bonito vestido e admiraram as meias de flanela encarnada, as botinas pretas e o cabelo de lã, encaracolado. Mas Laura só ficou descansada quando voltou a ter Carlota de novo nos braços.

O pai e o tio Pedro tiveram cada qual o seu par de quentes luvas de lã, tricotadas aos quadradinhos brancos e azuis. A mãe e a tia Elisa é que as tinham feito.

A tia Elisa trouxera para a mãe de Laura uma grande maçã vermelha, toda cheia de dentes de alho espetados. Cheirava tão bem! E não se estragaria, que os dentes de alho não deixariam.

Continuaria sã e doce.

A mãe de Laura deu à tia Elisa um agulheiro do feitio de um livrinho, que fizera com bocadinhos de seda, a servir de capas, e folhas de macia flanela branca, para espetar as agulhas. A flanela não deixaria as agulhas enferrujar.

Admiraram todos a bonita consola da mãe de Laura. A tia Elisa disse que o tio Pedro também lhe fizera uma - mas com desenhos diferentes, claro.

O Pai Natal não lhes dera nada. O Pai Natal não dava prendas às pessoas crescidas, o que não queria dizer que elas não tivessem sido boas. O pai e a mãe de Laura tinham sido bons. Não dava porque eram pessoas crescidas, e as pessoas crescidas deviam dar prendas umas às outras.

Depois os presentes tiveram de ser abandonados por um bocadinho. O Pedro saiu com o pai de Laura e o tio Pedro para tratarem dos animais, Alice e Ella ajudaram a tia Elisa a fazer as camas e Laura e Maria puseram a mesa, enquanto a mãe preparava o desjejum.

Havia panquecas para o desjejum e a mãe de Laura fez um homem de massa para cada criança. Disse-lhes que se aproximassem um de cada vez, com o prato, e eles pararam junto do fogão e puderam ver a mãe deitar uma colherada de massa e depois acrescentar os braços, as pernas e a cabeça. Era engraçado vê-la virar o boneco todo de uma vez, rápida e cuidadosamente, na chapa quente. Quando ficava pronto, passava-o, a fumegar, para o prato.

O Pedro comeu logo a cabeça do seu boneco. Mas Alice, Ella, Maria e Laura comeram devagarinho e aos bocadinhos, primeiro os braços e as pernas e depois o corpo, deixando a cabeça para o fim.

Estava tanto frio que não puderam ir brincar para fora de casa, mas entretiveram-se a admirar as luvas novas e a lamber os pirulitos. Além disso,

sentaram-se todos no chão a ver os desenhos da Bíblia e os desenhos de todas as espécies de animais e aves do grande livro verde do pai de Laura. Esta esteve sempre com a boneca ao colo, não a largou nem um bocadinho.

Depois seguiu-se o almoço de Natal. Alice, Ella, Pedro, Maria e Laura não disseram nem uma palavra à mesa, pois sabiam que as crianças deviam ser vistas e não ouvidas. Mas não precisaram de pedir que as servissem de novo. A mãe de Laura e a tia Elisa encarregaram-se de lhes encher o prato e deixaram-nos comer todas as coisas boas que lhes apeteceram.

- Só é Natal uma vez por ano - disse a tia Elisa.

Almoçaram cedo, porque a tia Elisa, o tio Pedro e os primos tinham um longo caminho a percorrer.

- Mesmo que os cavalos vão o mais depressa que possam, será difícil chegarmos a casa antes de escurecer - disse o tio Pedro.

Por isso, assim que acabaram de almoçar, o tio Pedro e o pai de Laura foram atrelar os cavalos ao trenó, enquanto a mãe de Laura e a tia Elisa agasalhavam os primos.

Enfiaram grossas meias de lã por cima das meias e dos sapatos que já traziam, calçaram as luvas, vestiram os casacos e puseram xales e carapuços quentes, abafos de lã à volta do pescoço e véus grossos a proteger a cara.

A mãe de Laura meteu-lhes batatas assadas a escaldar nas algibeiras, para conservarem os dedos quentes, e os ferros de engomar da tia Elisa estavam a aquecer no fogão, para lhes serem colocados aos pés, no trenó. Os cobertores, as mantas e as peles de búfalo também foram aquecidos.

Instalaram-se todos no grande trenó, aconchegados e quentinhos, e o pai de Laura cobriu-os bem com a última pele de búfalo.

- Adeus! Adeus! - gritaram, e lá foram, com os cavalos a trotar alegremente e os guizos do trenó a tocar.

Pouco depois, deixou de se ouvir a alegre guizalhada e o Natal acabou-se. Oh, mas tinha sido um Natal muito feliz!

5

DOMINGOS

O Inverno começou a parecer muito comprido. Laura e Maria sentiam-se cansadas de estarem sempre em casa. Principalmente aos domingos, o tempo passava muito devagarinho.

Todos os domingos, Maria e Laura vestiam a sua melhor roupa, tanto de cima como de baixo, e punham fitas lavadas no cabelo. Ficavam muito limpinhas, porque tinham tomado banho no sábado à noite.

No Verão, tomavam banho com água da nascente. Mas no Inverno o pai enchia a tina de neve limpa, que se derretia e transformava em água no fogão da cozinha. Depois, perto do fogão e com um cobertor aberto em duas cadeiras a servir de cortina, a mãe dava banho a Laura e em seguida a Maria.

Laura tomava banho primeiro porque era mais pequena do que Maria. Ao sábado tinha de ir para a cama cedo com a Carlota, porque depois de ela tomar banho e vestir a camisa de dormir lavada o pai tinha de despejar a tina e de a encher novamente de neve para o banho de Maria. Depois de Maria se deitar, a mãe tomava banho atrás do cobertor e, em seguida, tomava o pai. E pronto, ficavam todos lavados para o domingo.

Aos domingos, Maria e Laura não podiam correr nem gritar, nem fazer barulho nas suas brincadeiras. Maria não podia costurar a sua manta de retalhos e Laura não podia tricotar as luvinhas que estava a fazer para a bebé Carrie. Podiam olhar, sossegadinhas, para as suas bonecas de papel, mas não lhes podiam acrescentar nada de novo. Não lhes era permitido fazer-lhes vestidos novos, nem mesmo só presos com alfinetes.

Tinham de se sentar, caladas, a ouvir a mãe ler-lhes histórias da Bíblia ou histórias de leões, tigres e ursos brancos do grande livro verde do pai, que se chamava As Maravilhas do Mundo Animal. Podiam ver os desenhos, pegar nas bonecas de trapo e falar com elas. Mas não podiam fazer mais nada.

Do que Laura mais gostava era de ver os desenhos da grande Bíblia, forrada de papel. O melhor de todos era o desenho de Adão a pôr os nomes aos animais.

Adão estava sentado numa pedra, com todos os animais e todas as aves, grandes e pequenos, reunidos à sua volta, ansiosamente à espera de que ele lhes dissesse que género de animais eram. Adão parecia muito confortável. Não

precisava de ter cuidado para não sujar a roupa, pois não usava roupa. Só tinha uma pele atada à cintura.

- O Adão tinha roupas boas para usar aos domingos? - perguntou Laura à mãe.

- Não - respondeu-lhe a mãe. - Coitadinho do Adão, só tinha peles para se cobrir.

Mas Laura não tinha pena do Adão. Quem lhe dera também só ter peles para se cobrir!

Um domingo, depois do jantar, não aguentou mais. Começou a brincar com o Jack e não tardou a correr e a gritar. O pai mandou-a sentar-se na cadeira e estar quieta e calada, mas ela, quando se sentou, começou a chorar e a bater com os calcanhares na cadeira.

- Odeio o domingo! - exclamou.

O pai pousou o livro e chamou-a, muito sério:

- Vem cá, Laura.

Ela foi a arrastar os pés, pois sabia que merecia uma sova. Mas o pai olhou-a um momento, pesaroso, e depois sentou-a no joelho e puxou-a para si. Estendeu o outro braço a Maria e disse:

- Vou-lhes contar uma história de quando o avô era pequeno.

A história do trenó do avô e do porco

- Quando o teu avô era pequeno, Laura, o domingo não começava no domingo de manhã, como agora: começava ao pôr do Sol de sábado. A partir desse momento, toda a gente parava de trabalhar ou de brincar fosse com o que fosse.

"O jantar era solene e, no fim, o pai do avô lia um capítulo da Bíblia em voz alta, enquanto todos o escutavam, quietos e calados, nas suas cadeiras. Depois ajoelhavam-se e o pai dizia uma longa oração. Quando ele dizia "Amén", levantavam-se, pegava cada qual na sua vela e iam para a cama. Tinham de ir logo para a cama, sem brincarem, rirem ou falarem, sequer.

"No domingo de manhã comiam um desjejum frio, porque ao domingo não se podia cozinhar nada. Em seguida vestiam as melhores roupas e iam a pé à igreja. Iam a pé porque atrelar os cavalos era trabalho, e ao domingo não se podia trabalhar.

"Tinham de caminhar devagar e muito sérios, a olhar em frente. Não podiam gracejar nem rir, nem mesmo sorrir. O avô e os seus dois irmãos iam à frente e o pai e a mãe caminhavam atrás.

"Na igreja, o avô e os irmãos tinham de ficar sentados muito quietos, durante duas longas horas, a ouvir o sermão. Não se atreviam a mexer-se no

banco duro ou a balançar os pés e ai deles se olhavam para as janelas, para as paredes ou para o teto da igreja! Tinham de estar perfeitamente imóveis e sem desviar, um momento que fosse, os olhos do pregador.

“Acabado o sermão, regressavam a casa, devagar. Podiam falar no caminho, mas só em voz baixa e sem rir nem sorrir. Em casa esperava-os um almoço frio, preparado na véspera. Depois tinham de passar a tarde toda sentados num banco, ao lado uns dos outros, a estudar o catecismo, até o Sol se pôr, finalmente, e acabar o domingo.

“A casa do avô ficava mais ou menos a meio da encosta de um monte íngreme. A estrada descia do cimo ao sopé do monte, passando mesmo pela porta da frente do avô, e no Inverno era o melhor lugar para escorregar que possam imaginar.

“Uma semana, o avô e os seus dois irmãos, que se chamavam Jaime e Jorge, começaram a fazer um trenó novo. Trabalhavam nele todos os momentos do tempo para brincar de que dispunham. Nunca tinham feito um trenó melhor, tão comprido que nele cabiam os três, sentados uns atrás dos outros.

Tinham decidido acabá-lo a tempo de escorregarem pela encosta abaixo no sábado de tarde, pois nesse dia dispunham de duas ou três horas para brincar.

“Mas nessa semana o pai deles andou a derrubar árvores na Floresta Grande. Tinha muito que fazer e, por isso, levava os filhos consigo, para o ajudarem. Faziam os trabalhos da manhã à luz da lanterna e quando o Sol nascia já estavam a trabalhar duramente na floresta. Trabalhavam até escurecer, depois tinham de tratar dos animais e a seguir ao jantar iam para a cama para se poderem levantar cedo no dia seguinte.

“Só tiveram tempo para trabalhar no trenó no sábado de tarde. Bem se apressaram, bem trabalharam o mais depressa que puderam, mas só o acabaram mesmo quando o Sol se pôs, ao anoitecer de sábado.

“Claro que depois do pôr do Sol não puderam deslizar pela encosta abaixo, nem sequer uma vez. Isso seria desrespeitar o dia de descanso. Por esse motivo, puseram o trenó no telheiro das traseiras da casa, à espera que o domingo terminasse.

“No dia seguinte, durante as duas compridas horas passadas na igreja, embora mantivessem os pés quietos e os olhos no pregador, só pensavam no trenó. Em casa, enquanto almoçavam, também não conseguiram pensar noutra coisa. Depois do almoço, o pai deles sentou-se a ler a Bíblia e o avô, Jaime e Jorge sentaram-se no banco, quietinhos como ratos, com o catecismo. Mas continuavam a pensar no trenó.

“O Sol brilhava vivamente e a neve estava lisinha e cintilante, na estrada. Viam-na através da janela. Estava um dia perfeito para deslizar pela encosta

abaixo. Os três rapazes olhavam para o catecismo, pensavam no trenó novo e parecia-lhes que o domingo nunca mais acabava.

“Passado muito tempo, ouviram ressonar. Olharam para o pai e viram que tinha a cabeça inclinada para trás e dormia a sono solto.

“Então Jaime olhou para Jorge, levantou-se e saiu da sala pé ante pé, pela porta das traseiras. Jorge olhou para o vosso avô e saiu também pé ante pé, atrás de Jaime. O vosso avô olhou, receoso, para o pai, mas lá foi também, pé ante pé, atrás de Jorge, e deixou o pai a ressonar.

“Foram buscar o trenó novo e levaram-no, sem fazer barulho, para o cimo do monte. A sua intenção era deslizarem pela encosta abaixo só uma vez. Em seguida, arrumariam o trenó e esgueirar-se-iam para o banco e para o estudo do catecismo, antes que o pai acordasse.

“Jaime sentou-se no lugar da frente do trenó, seguido por Jorge e finalmente pelo vosso avô, que era o mais pequeno dos três. O trenó começou a deslizar, primeiro devagar e em seguida com velocidade crescente. Corria, voava pela comprida e íngreme encosta abaixo, mas os rapazes não ousavam gritar a sua alegria. Tinham de passar em silêncio pela casa, sem acordar o pai.

“O único som que se ouvia era o leve chiado dos patins na neve e o silvo da deslocação do ar.

“Nisto, quando o trenó descia vertiginosamente na direção da casa, surgiu da floresta um grande porco preto, que foi parar mesmo no meio da estrada.

“O trenó ia tão depressa que não era possível pará-lo. Também não havia tempo para o virar. Por isso, passou mesmo por baixo do porco, que grunhiu e foi aterrar no colo de Jaime. E o demónio do bicho continuou a grunhir ruidosa, longa e esganiçadamente: Squi-i-i-i-i! Squi-i-i-i-i!

“Passaram pela casa como um raio, com o porco sentado à frente, depois Jaime, depois Jorge e por fim o vosso avô, e viram o pai à porta, a olhar para eles. Não puderam parar, não puderam esconder-se, não tiveram tempo para dizer nada. Continuaram lançados pela encosta abaixo, com o porco ao colo de Jaime e sem parar de grunhir.

“Quando chegaram ao fim da encosta, parou. O porco saltou de cima de Jaime e correu para a floresta, sempre a grunhir.

“Os rapazes subiram lenta e solenemente a estrada e foram arrumar o trenó. Depois entraram sorrateiramente em casa e sentaram-se em silêncio no banco. O pai estava a ler a Bíblia. Disse uma palavra para eles, mas não levantou a cabeça e olhou.

“Depois continuou a ler e eles reataram o estudo do catecismo.

“Mas quando o Sol se pôs e o dia de descanso terminou, o pai levou-os para o telheiro da lenha e chegou-lhes a roupa ao pelo: primeiro a Jaime, depois a

Jorge e por fim ao vosso avô.

"Por isso, Laura, e tu também, Maria, talvez achem difícil serem boas meninas, mas deviam alegrar-se por não ser tão difícil agora como quando o avô era rapaz.

- As meninas pequenas também tinham de ser assim tão boas? - perguntou Laura.

- Para as meninas ainda era mais difícil do que para os rapazes sim, - respondeu-lhe a mãe - pois elas tinham de se comportar como senhorinhas todos os dias e não só aos domingos. As meninas pequenas não podiam deslizar pela encosta, como os rapazes. As meninas pequenas tinham de ficar sentadinhas em casa, a fazer amostras de bordados.

- Vá, agora deixem a mãe metê-las na cama – disse o pai, e tirou a rabeca da caixa.

Laura e Maria deitaram-se na cama baixa a ouvir os hinos dominicais, pois nem mesmo a rabeca podia tocar canções dos dias da semana ao domingo.

"Jesus Cristo, recebe-me", cantou o pai com a rabeca. E depois continuou a cantar:

Será justo que eu suba ao Céu
Em floridos leitos de bem-estar,
Enquanto outros lutaram por tal prémio
E navegaram por sangrentos mares?

Laura começou a sentir-se flutuar com a música e, de súbito, ouviu um barulho forte… E viu a mãe ao fogão, a preparar o desjejum.

Era segunda-feira de manhã e só dali a uma semana inteirinha voltaria a ser domingo.

Nessa manhã, quando entrou em casa para tomar o desjejum, o pai agarrou Laura e disse que tinha de lhe dar uma sova.

Primeiro explicou que era o dia dos anos dela e que Laura não cresceria convenientemente, no ano seguinte, se não levasse uma sova. Depois começou a dar-lhe açoites tão devagar e com tanto cuidado que não lhe doeram nada.

- Um.. Dois.. Três… Quatro… Cinco.. Seis… - foi contando, enquanto lhe batia, levezinho: um açoite por cada ano e o último com mais força, para crescer.

Em seguida, o pai deu-lhe um bonequinho de madeira, que fizera de um pau, com a navalha para servir de companhia a Carlota. A mãe deu-lhe cinco bolinhos, um por cada ano que vivera com os pais, e Maria deu-lhe um vestidinho novo para Carlota. Fora ela mesma quem o fizera, quando Laura a julgara a trabalhar na manta de retalhos.

Nessa noite, como presente especial de aniversário, o pai tocou para ela: Zut, foge a doninha!

Sentou-se com Laura e Maria encostadas aos seus joelhos, enquanto tocava.

- Agora olhem… Olhem bem e talvez vejam a doninha fugir, desta vez.

Depois cantou:

Uma moeda para um novelo de linha,
Mais outra para uma agulha
E assim se vai o dinheiro…

Laura e Maria inclinaram-se muito, de olhos atentos, pois sabiam que chegara o momento.

Zut! (disse o dedo do pai na corda), *Foge a doninha!* (cantou a rabeca, como se falasse).

Mas Laura e Maria não tinham visto o dedo do pai fazer a corda cantar zut!

- Oh, faça outra vez, faça, por favor! Pediram-Ihe.

Os olhos azuis do pai riram e a rabeca continuou a tocar, enquanto ele cantava:

À roda do banco do sapateiro
O macaco perseguia a doninha.
O pregador beijou a sapateira
… Zut! Foge a doninha!

Desta vez também não viram o dedo do pai. Ele era tão rápido que nunca conseguiam vê-lo.

Por isso, foram a rir para a cama e ficaram deitadas a ouvir o pai e a rabeca cantarem:

Era uma vez um velho preto,
Tio Ned de nome seu,
Que há muito, muito, morreu.
No cocuruto não tinha, não tinha,
Nem um pelinho de carapinha!
Seus dedos eram compridos
Como juncos no canavial,
Seus olhos viam mal, tão mal,
E dentes p'ra broa… já os tivera.
Por isso, era como se broa não houvera.
Assim, pendurou enxada e pá,
Deitou na caixa arco e rabecão.
Trabalho para o Tio Ned já não há:
Foi para onde os pretos bons vão.

6

DOIS GRANDES URSOS

Um dia, o pai disse que vinha aí a Primavera. A neve começava a derreter-se na Grande Floresta, caía aos bocados dos ramos das árvores e fazia pequenos buracos na neve amolecida do chão. Ao meio-dia, todos os grandes pingentes de gelo do beiral da casinha tremeluziam e cintilavam ao sol e das suas pontas pendiam trémulas gotas de água.

O pai disse que tinha de ir à cidade trocar as peles dos animais selvagens que apanhara nas armadilhas durante todo o Inverno. Por isso, uma noite, fez um grande fardo com elas. Eram tantas peles que, depois de acamadas umas em cima das outras e bem atadas, faziam um fardo quase do tamanho do pai.

De manhãzinha muito cedo, o pai prendeu o fardo de peles às costas, com correias, e pôs-se a caminho da cidade, a pé. Tinha de carregar tantas peles que não pôde levar a espingarda.

A mãe ficou preocupada, mas o pai disse que, partindo antes de nascer o Sol e andando muito depressa todo o dia, poderia estar de novo em casa antes de escurecer.

A cidade mais próxima ficava muito longe. Laura e Maria nunca tinham visto uma cidade. Nem nunca tinham visto um armazém. Nunca tinham visto, sequer, duas casas ao lado uma da outra. Mas sabiam que numa cidade havia muitas casas e um armazém cheio de rebuçados, tecidos e outras coisas maravilhosas: pólvora, chumbo, sal e açúcar de armazém.

Sabiam que o pai iria ao armazém e trocaria as suas peles por coisas bonitas da cidade. Por isso, passaram o dia todo à espera dos presentes que ele lhes traria. Quando o Sol desceu à altura da copa das árvores e deixaram de cair pingos de água dos pingentes de gelo, começaram a aguardar ansiosamente o pai.

O Sol desapareceu, a floresta escureceu e o pai não chegou. A mãe começou a fazer o jantar e pôs a mesa, e ele sem chegar. Eram horas de tratar dos animais e ele ainda não chegara.

A mãe disse a Laura que podia ir com ela, mungir a vaca. Laura seguraria na lanterna.

Laura vestiu o casaco e a mãe abotoou-lho. Depois Laura calçou as luvas

encarnadas, que lhe pendiam do pescoço, suspensas de um fio da mesma cor, enquanto a mãe acendia a vela da lanterna.

Laura sentia-se orgulhosa por ir ajudar a mãe a ordenhar e levava a lanterna com muito cuidado. Os lados da lanterna eram de lata, mas tinham bocadinhos cortados, para deixar passar a luz da vela.

Enquanto Laura caminhava atrás da mãe no carreiro que levava ao estábulo, os bocadinhos de luz da vela que se coavam pela lanterna saltavam à sua volta, na neve. Ainda não escurecera por completo. A floresta estava escura, mas havia uma claridade acinzentada no carreiro coberto de neve e no céu brilhavam algumas estrelas pálidas, que não pareciam tão quentes nem tão luminosas como as luzinhas que saíam da lanterna.

Laura ficou surpreendida ao ver o vulto escuro de Sukey, a vaca castanha, junto da cancela do pátio do estábulo. A mãe também se admirou.

Ainda era muito cedo para soltar a Sukey e deixá-la ir comer erva na Grande Floresta. Por isso, ela vivia no estábulo. Mas às vezes, quando os dias estavam menos frios, o pai deixava a porta do estábulo aberta, para ela poder ir até ao pátio. Naquela noite, a mãe e Laura viram-na atrás da vedação, à espera delas.

A mãe aproximou-se da cancela e empurrou-a, para a abrir. Mas a cancela não se abriu muito, porque Sukey estava encostada a ela.

- Afasta-te, Sukey - disse a mãe, ao mesmo tempo que estendia a mão e batia no lombo da vaca.

Precisamente nesse instante, um dos saltitantes bocadinhos de luz da lanterna passou por entre os troncos da cancela e Laura viu um pelo preto, comprido e emaranhado, e dois olhinhos cintilantes.

A Sukey tinha pelo castanho, curto e ralo e olhos grandes e meigos.

- Laura, volta para casa - mandou a mãe.

Laura virou-se e começou a andar para casa. A mãe seguia-a. Quando tinham percorrido parte do caminho, a mãe pegou-lhe ao colo, com lanterna e tudo, e desatou a correr. Entrou em casa a correr e fechou logo a porta.

Então Laura perguntou-lhe:

- Era um urso, Mã?

- Era, sim, era um urso.

Laura começou a chorar. Agarrou-se à mãe, a soluçar.

- Vai comer a Sukey?

- Não - respondeu a mãe, a abraçá-la. - A Sukey está em segurança, no estábulo. Lembra-te de todos aqueles troncos grandes e pesados das paredes do estábulo. E a porta também é pesada e sólida, feita para não deixar entrar ursos. Não, Laura, nenhum urso pode entrar e comer a Sukey.

Laura sentiu-se mais tranquila.

- Mas podia ter-nos feito mal, não podia?

- Não nos fez mal nenhum - respondeu a mãe. - Foste uma boa menina, Laura, fizeste exatamente o que te disse, depressa e sem fazeres perguntas.

A mãe, que estava a tremer, riu-se um bocadinho.

- Imaginem, dei uma palmada num urso! - exclamou.

Depois pôs o jantar na mesa, para Laura e Maria. O pai ainda não chegara. Nem chegou enquanto comeram. A mãe despiu Laura e Maria, que disseram as suas orações e se aninharam na cama baixa.

A mãe sentou-se junto do candeeiro, a remendar uma camisa do pai. A casa parecia fria, silenciosa e estranha sem ele.

Laura ouvia o vento na Grande Floresta. O vento chorava a toda a volta da casa, como se estivesse perdido na escuridão e no frio. Parecia assustado.

A mãe acabou de remendar a camisa. Laura viu-a dobrá-la devagar e cuidadosamente e alisá-la com a mão. Depois fez uma coisa que nunca a vira fazer: foi à porta e puxou para dentro, através do buraco, a tira de couro do fecho. Assim, ninguém poderia entrar se ela não levantasse o fecho. Em seguida foi à cama grande e pegou em Carrie, que dormia, ao colo.

Viu que Laura e Maria ainda estavam acordadas e disse-lhes:

- Durmam, filhas. Não há motivo para preocupações. O pai já cá estará de manhã.

Voltou para a cadeira de balanço e sentou-se, a balançar-se devagarinho, com a bebé Carrie ao colo.

Ia ficar a pé até tarde, à espera do pai, e Laura e Maria também estavam decididas a não adormecer enquanto ele não chegasse. Mas o sono acabou por vencê-las.

De manhã o pai já estava em casa. Trouxera pirulitos para Laura e Maria e chita bonita para fazer um vestido a cada uma: o de Maria tinha um desenho azul-porcelana sobre fundo branco e o de Laura era vermelho-escuro com pintinhas castanho-douradas. Também havia tecido para um vestido para a mãe: castanho, todo coberto de um padrão plumoso, grande e branco.

Estavam todos muito contentes, pois o pai obtivera tão bons preços para as peles que lhes pudera trazer prendas tão bonitas.

O grande urso deixara pegadas a toda a volta do estábulo, assim como marcas das garras nas paredes. Mas Sukey e os cavalos estavam em segurança, lá dentro.

O Sol brilhou todo o dia, a neve derreteu-se e dos pingentes de gelo, que se tornavam cada vez mais delgados, correram fiozinhos de água. Antes de escurecer, as pegadas do urso estavam reduzidas a marcas informes na neve

úmida e mole.

Depois do jantar, o pai sentou Laura e Maria nos joelhos e disse que tinha uma história nova para lhes contar.

A história do pai e do urso encontrado no caminho

- Ontem, quando fui à cidade com as peles, tive dificuldade em caminhar na neve mole. Levei muito tempo a chegar e, entretanto, tinham chegado outros homens com as suas peles para trocar, primeiro do que eu. O dono do armazém estava atarefado e, por isso, tive de esperar que pudesse ver as minhas peles.

"Depois tivemos de discutir o preço de cada uma e, em seguida, eu tive de escolher as coisas que queria em troca. Por isso, o Sol estava quase a desaparecer quando me pus a caminho de casa.

"Tentei vir depressa, mas era difícil caminhar e eu estava cansado. Assim, não tinha avançado muito quando a noite chegou e me encontrou sozinho e sem a minha espingarda na Grande Floresta.

"Ainda tinha de calcorrear dez quilômetros e continuei a andar, o mais depressa que pude. A noite foi-se tornando cada vez mais escura e eu comecei a preocupar-me por não ter a espingarda, pois sabia que alguns ursos já tinham saído das suas cavernas de Inverno. Vira-lhes os rastros de manhã, à ida para a cidade.

"Os ursos estão famintos e zangados nesta época do ano. Como sabem, passam o Inverno todo a dormir nas cavernas, sem nada que comer, e, por isso, quando acordam estão magros e mal dispostos. Não desejava nada encontrar um.

"Continuei a andar o mais depressa possível, às escuras. De quando em quando, as estrelas davam uma claridadezinha. Ainda estava escuro como breu onde as árvores eram mais densas, mas nos espaços abertos conseguia ver vagamente. Via um pequeno troço de estrada coberta de neve à minha frente e as negras florestas a toda a minha volta. Fiquei contente quando cheguei a uma clareira e as estrelas me deram a claridadezinha de que falei.

"Ia andando o mais atento que podia, não fosse aparecer algum urso. Estava de ouvido apurado, para escutar o barulho que eles fazem quando passam descuidadamente pelo meio do matagal.

"Depois cheguei a outra clareira e, mesmo no meio do meu caminho, vi um grande urso preto.

"Estava de pé, apoiado nas patas traseiras, a olhar para mim. Vi-lhe os olhos brilhar e o focinho de porco. Vi-lhe até uma das garras, à luz das estrelas.

"Puseram-se-me os cabelos em pé. Parei logo e fiquei imóvel. O urso não se mexeu. Continuou parado, a olhar para mim.

"Eu sabia que seria inútil tentar contorná-lo pois ele seguir-me-ia no escuro

da floresta, onde veria melhor do que eu. Não me apetecia nada lutar com um urso esfomeado, às escuras. Oh , como desejei ter a minha espingarda!

“Tinha de passar pelo demónio do urso para chegar a casa. Pensei que, se conseguisse assustá-lo, talvez ele se afastasse do caminho e me deixasse passar. Por isso, respirei fundo e, de repente, desatei a gritar com toda a força e corri para ele, a agitar os braços.

“Não se mexeu.

“Garanto-lhes que não me atrevi a aproximar-me muito dele! Parei a olhá-lo, e ele continuou especado, também a olhar-me. Gritei outra vez… e nada. Continuei a gritar e a agitar os braços, mas ele não tugia nem mugia.

“Bem, não me serviria de nada fugir. Havia outros ursos na floresta. Podia encontrar algum de um momento para o outro. Por isso, mais valia avir-me com aquele. Além disso, vinha para casa, para junto da mãe e de vocês, e nunca mais cá chegaria se fugisse de tudo quanto me assustasse na floresta.

“Por fim, olhei em redor e encontrei um bom cacete, um ramo sólido e pesado que o peso da neve separara de uma árvore, no Inverno.

“Agarrei-o com ambas as mãos e corri para o urso. Brandi o cacete com quanta força tinha e, zás!, dei-lhe com ele na cabeça.

“Mas o urso continuou imóvel, pois não passava de um grande tronco preto, queimado!

“Passara por ele a caminho da cidade, de manhã. Não era urso nenhum. Só me pareceu que era porque viera sempre a pensar em ursos e com medo de encontrar algum.

- Não era mesmo um urso, realmente? – perguntou Maria.

- Não, Maria, não era realmente um urso. E ali estivera eu a gritar, a correr e a agitar os braços, sozinho na Grande Floresta, a tentar assustar um toco de árvore!

- O nosso era um urso a sério - disse Laura. – Mas nós não nos assustamos porque pensamos que era a Sukey.

O pai apertou-a mais a si, sem dizer nada.

- Oh, aquele urso podia ter-nos comido todas, à Mã e a mim! - exclamou Laura, e aninhou-se melhor no colo do pai. - Mas a Mã foi direita a ele e deu-lhe uma palmada, e o urso não fez nada. Porque seria que não fez nada?

- Creio que ficou tão surpreendido que não foi capaz de fazer nada, Laura - respondeu-lhe o pai. - Acho também que se assustou, quando a luz da lanterna lhe bateu nos olhos. E quando a mãe foi direita a ele e lhe deu uma palmada, o urso percebeu que ela não tinha medo.

- Bem, o Pá também foi valente - disse Laura. - Era apenas um tronco, mas o Pá pensava que era um urso. Ter-lhe-ia batido na cabeça com o cacete, se fosse

mesmo um urso não teria?

- Claro que teria. Não tinha outro remédio, compreendes?

Então a mãe disse que eram horas de ir para a cama. Ajudou Laura e Maria a despirem-se e abotoou-lhes as camisas de dormir de flanela encarnada. As duas ajoelharam-se ao lado da cama baixa e disseram as suas orações:

Agora que para dormir me vou deitar,
Peço a Deus para a minha alma guardar.
E se antes de acordar eu morrer,
Peço a Deus para a minha alma receber.

A mãe beijou as duas e aconchegou-lhes a roupa. Ficaram um bocadinho acordadas, a olhar para o cabelo liso, com risco ao meio, da mãe e a ver as suas mãos atarefadas a costurar, à luz do candeeiro. A agulha fazia um tinidozinho, ao bater no dedal, e depois a linha atravessava suavemente - suiche! – a chita bonita que o pai trouxera em troca das peles.

Laura olhou para o pai, que estava a ensebar as botas. O bigode, o cabelo e a comprida barba castanha pareciam seda à luz do candeeiro, que tornava alegre as cores do seu casaco aos quadrados. O pai assobiava alegremente, enquanto trabalhava, e depois começou a cantar:

Os pássaros cantavam na manhã,
A murta e a hera desabrochavam
E o Sol espreitava sobre os montes
quando eu a deitei na sepultura.

Estava uma noite quente. O fogo reduzira-se a brasas, na chaminé, mas o pai não lhe deitara mais lenha. A toda a volta da casinha, na Grande Floresta, ouviam-se sons leves, de neve a cair, e o gotejar dos pingentes de gelo dos beirais a derreter-se.

Dentro de pouco tempo as árvores começariam a vestir-se de folhas novas, todas rosadas, amarelas e verde-pálidas, e na floresta haveria flores silvestres e pássaros.

Acabar-se-iam, então, as histórias à lareira, à noite, mas durante o dia todo Laura e Maria correriam e brincariam entre as árvores, pois seria Primavera.

7

NEVE DOCE

Durante dias o Sol brilhou e o tempo aqueceu. Já não havia geadas nas janelas, de manhã. Os pingentes de gelo levavam o dia a cair, um por um, dos beirais, e desfaziam-se, com suaves splashes! E estalidos, na neve que se amontoava em baixo. As árvores sacudiam os ramos úmidos e pretos e deixavam cair grandes bocados de neve.

Quando Maria e Laura encostavam o nariz ao vidro frio da janela, viam o fio de água que pingava dos beirais e os ramos nus das árvores. A neve não brilhava; parecia mole e cansada. Debaixo das árvores estava esburacada, onde os bocados de neve tinham caído, e os aterros que ladeavam o caminho iam diminuindo e assentando.

Até que um dia Laura viu uma mancha de terra nua, no pátio. A mancha foi crescendo, todo o dia, e antes de anoitecer no pátio todo já só havia lama.

Só restavam o caminho gelado e os aterros de neve ao longo do caminho e da cerca e ao lado do monte de lenha.

- Não posso ir brincar lá para fora, Mã? - perguntou Laura.

- Amanhã, podes - prometeu-lhe a mãe.

Nessa noite, Laura acordou a tremer de frio. Os cobertores da cama pareciam-lhe leves e tinha o nariz gelado. A mãe estava a tapá-la com outra manta.

- Chega-te mais para a Maria e aquecerás -, disse-lhe a mãe.

De manhã a casa estava quente, do fogão, mas quando Laura olhou pela janela viu que o chão estava coberto de neve macia e densa. A neve empilhava-se, como plumas, ao longo dos ramos das árvores, formava montes no cimo da vedação e adornava o alto dos postes do portão com grandes bolas brancas.

O pai entrou, a sacudir a neve macia dos ombros e a bater os pés, para a sacudir das botas.

- É neve doce - anunciou.

Laura chegou rapidamente a língua a um bocadinho de neve branca que se encontrava numa prega da manga do pai. Mas só a sentiu úmida na língua, como qualquer outra neve. Ficou contente por ninguém ter visto o seu gesto.

- É neve doce por que, Pá? - perguntou, mas o pai respondeu-lhe que

naquele momento não tinha tempo para lhe explicar; ia a casa do avô e estava com pressa.

O avô vivia muito longe, num lugar da Grande Floresta onde as árvores estavam mais juntas e eram maiores.

Laura foi à janela e viu o pai, alto, rápido e forte, afastar-se a pé, na neve. Levava a espingarda ao ombro, a machada e o polvorinho à cinta e as suas botas altas deixavam grandes rastros na neve mole. Laura seguiu-o com o olhar até ele desaparecer na floresta.

Era tarde quando voltou para casa, nessa noite. A mãe já acendera o candeeiro. O pai trazia um grande embrulho debaixo de um braço e da outra mão pendia-lhe um grande balde de madeira coberto.

- Toma, Carolina - disse, ao entregar o embrulho e o balde à mãe, e depois arrumou a espingarda no seu suporte, por cima da porta.Se tivesse encontrado um urso - acrescentou -, não teria podido abatê-lo sem largar a carga. - Deu uma gargalhada. - E se largasse o embrulho e o balde, não precisaria de o abater. Poderia ter ficado quieto, a vê-lo comer o que contêm e lamber os beiços.

A mãe desfez o embrulho e apareceram dois bolos castanhos e duros, cada um do tamanho de uma bilha de leite. Depois a mãe destapou o balde, que estava cheio de melaço castanho-escuro.

- Laura, Maria, tomem - disse o pai, e deu a cada uma delas um embrulhinho redondo que tirou da algibeira.

Tiraram o papel que os cobria e ficou cada qual com um bolinho duro e castanho, enrugado nas bordas.

- Dêem uma dentada - disse o pai, com os olhos azuis a brilhar.

Deram uma dentadinha na borda enrugada dos bolos. Era doce e desfazia-se na boca. Ainda era melhor do que os pirulitos do Natal!

- Açúcar de bordo - explicou o pai.

O jantar estava pronto e Laura e Maria puseram os bolinhos de açúcar de bordo ao lado do prato, enquanto comiam pão com melaço de bordo.

Depois do jantar, o pai sentou-se junto do fogo com elas nos joelhos e falou-lhes do seu dia em casa do avô e da neve doce.

- O avô passou todo o Inverno a fazer baldes de madeira e pequenas calhas. Fê-los de cedro e freixo branco, porque estas madeiras não dão mau gosto ao melaço de bordo.

“Para fazer as calhas, utilizou pequenos paus do comprimento da minha mão e da grossura de dois dedos dos meus. Perto de uma das pontas, o avô cortou o pau ao meio, no sentido do comprimento, e separou uma das metades. Ficou assim com um pau chato, com um bocado quadrado numa das extremidades. Depois, com uma broca, abriu um buraco, no sentido do

comprimento, na parte quadrada e, com a faca, desbastou a madeira até ficar reduzida a uma camada fininha à volta do buraco redondo. Em seguida, com a faca, escavou a parte achatada do pau, até a transformar numa calhazinha.

“Fez dúzias delas e dez baldes novos de madeira. Tinha tudo pronto quando surgiu o primeiro tempo quente e a seiva começou a percorrer as árvores.

“Então foi ao bosque de bordos e, com a broca, abriu um buraco em cada árvore, introduziu nele a ponta redonda de uma calhazinha e colocou um balde de cedro por baixo.

“Como sabem, a seiva é o sangue das árvores. Sobe das raízes quando o tempo começa a aquecer, na Primavera, e chega até às pontinhas de todos os ramos e galhos, para fazer crescer as folhas verdes.

“Bem, quando a seiva do bordo chega ao buraco aberto no tronco, escorre da árvore para a calhazinha e desta para o balde.

- Oh, e não faz doer à pobre árvore? – perguntou Laura.

- Dói-lhe tanto como quando tu picas um dedo e sangra - respondeu-lhe o pai. O avô calça todos os dias as botas, veste o casaco grosso e põe o barrete de pele, e vai à floresta coberta de neve recolher a seiva. Vai de árvore em árvore com um barril em cima de um trenó e despeja a seiva dos baldes para o barril. Depois transporta-o para um grande caldeirão de ferro que se encontra suspenso por uma corrente de um tronco atravessado entre duas árvores.

“Despeja a seiva na caldeira de ferro, debaixo da qual está uma fogueira acesa. A seiva ferve e o avô assiste à operação, cuidadosamente. O fogo deve ser suficiente para manter a seiva a ferver, mas não tanto que a faça deitar por fora.

“Tem de se escumar a seiva com intervalos de poucos minutos. O avô escuma-a com uma grande concha de cabo comprido, que ele fez de madeira de tília. Quando a seiva fica demasiado quente, o avô enche a concha, levanta-a muito alto e despeja-a de novo, devagarinho. Repete a operação diversas vezes e isso arrefece um bocadinho a seiva e evita que ferva muito depressa.

“Quando a seiva ferveu tempo suficiente, o avô enche os baldes com o melaço obtido. Depois disso, ferve a seiva até ela granular, quando a arrefece num prato.

“Assim que a seiva começa a granular, o avô retira o fogo todo de baixo da caldeira, muito depressa. Depois, com toda a rapidez, deita o xarope grosso, às conchas, para as latas de leite que tem preparadas e onde o xarope se transforma em bolos de açúcar de bordo castanho e duro.

- É por isso que esta se chama neve doce, porque o avô está a fazer açúcar? - perguntou Laura.

- Não - respondeu-lhe o pai. - Chama-se neve doce porque nevar nesta época do ano significa que os homens podem fazer mais açúcar. Este pequeno

período frio e a neve retardarão o crescimento das folhas das árvores e, por isso, a seiva terá de correr durante mais tempo.

"Quando a seiva corre mais tempo, o avô pode fazer açúcar de bordo suficiente para o ano todo, para o uso diário corrente. Assim, quando leva as suas peles à cidade, não precisa de trazer muito açúcar do armazém. Basta-lhe uma pequena quantidade, para pôr na mesa quando tem visitas.

- O avô deve estar contente com esta neve doce - disse Laura.

- Pois está, está muito contente. Vai outra vez fazer açúcar na segunda-feira e disse para irmos todos.

Os olhos azuis do pai brilhavam: tinha estado a guardar o melhor para o fim!

- Haverá baile, Carolina!

A mãe sorriu. Pareceu muito contente e interrompeu uns momentos a costura.

- Oh, Carlos! - exclamou.

Depois continuou a costurar, sem deixar de sorrir.

- Levarei o meu vestido de musselina de lã.

O vestido de musselina de lã da mãe era lindo. Era verde-escuro, com um desenho pequenino de morangos maduros. Fizera-lho uma modista no Leste, no lugar onde a mãe vivia quando casara com o pai e viera para Oeste, para a Grande Floresta de Wisconsin. A mãe andara muito à moda, antes de casar com o pai, e todas as suas roupas tinham sido feitas por uma modista.

O vestido de musselina de lã estava embrulhado em papel e guardado. Laura e Maria nunca a tinham visto usá-lo, mas ela mostrara-lho, uma vez. Deixara-as tocar nos bonitos botões encarnado-escuros que abotoavam o corpo justo, à frente, e mostrara-lhes como as barbas de baleia estavam perfeitamente postas nas costuras, do lado de dentro, com centenas de pontinhos cruzados.

O fato de a mãe ir usar o bonito vestido de musselina de lã demonstrava como um baile era importante. Laura e Maria ficaram todas agitadas, saltaram nos joelhos do pai e fizeram uma quantidade de perguntas a respeito do baile, até ele dizer:

- Agora toca a andar para a cama, meninas! Ficarão a saber tudo a respeito do baile quando o virem. Tenho de pôr uma corda nova na minha rabeca.

Havia dedos e bocas pegajosas para lavar e depois houve que rezar as orações. Quando Laura e Maria ficaram, finalmente, aconchegadinhas na cama, já o pai e a rabeca cantavam juntos, enquanto ele marcava o compasso com o pé no chão:

Sou o capitão Jinks da cavalaria,
A feijão e milho o meu cavalo mantenho

E muitas vezes gasto mais do que tenho
Porque sou o capitão Jinks da cavalaria
Porque sou capitão do exército!

8

BAILE EM CASA DO AVÔ

Na segunda-feira toda a gente se levantou cedo, com pressa de se pôr a caminho de casa do avô. O pai queria chegar a tempo de ajudar a recolher e ferver a seiva. A mãe ajudaria a avó e as tias a fazer bons petiscos para todas as pessoas que iam ao baile.

Tomaram o desjejum, lavaram a louça e fizeram as camas ainda à luz do candeeiro. O pai arrumou cuidadosamente a rabeca numa caixa e foi pô-la no grande trenó que já esperava à porta.

O ar estava frio e a luz cinzenta quando Laura e Maria e a mãe e Carrie se instalaram, aconchegadas e quentinhas, debaixo das mantas e das peles, no fundo coberto de palha do trenó.

Os cavalos sacudiram a cabeça e empinaram-se, fazendo os guizos do trenó tocar alegremente, e lá foram pela estrada fora, através da Grande Floresta, para casa do avô.

Como a neve estava úmida e macia na estrada, o trenó deslizava velozmente e as grandes árvores pareciam correr, de ambos os lados.

Passado um bocado, o sol brilhou na floresta e o ar deu a impressão de cintilar. Havia grandes riscas de luz amarela entre as sombras dos troncos das árvores e a neve ficou levemente rosada. Todas as sombras eram azuladas e estreitas e cada curvazinha dos montes, de neve e cada pequeno rastro na neve tinham a sua sombra.

O pai mostrou a Laura os rastros de animais selvagens, na neve das bermas da estrada: as pegadas pequenas e saltitantes de coelhos, as pegadas minúsculas de ratos do campo e as pegadas, semelhantes a plumazinhas, de uma ave chamada emberiza-das-neves. Mas havia pegadas maiores, do tamanho das dos cães, em lugares onde tinham corrido raposas, assim como as pegadas de um gamo que entrara aos saltos na floresta.

O ar começou a aquecer e o pai disse que a neve não duraria muito.

Daí a nada, entravam a deslizar na clareira onde ficava a casa do avô, com todos os guizos a tocar. A avó veio à porta, sorriu e disse-lhes que entrassem, que entrassem.

Disse que o avô e o tio Jorge já estavam a trabalhar nos bosques de bordos.

Por isso, o pai foi ajudá-los, enquanto Laura e Maria, e a mãe com Carrie ao colo, entravam em casa da avó e tiravam os agasalhos.

Laura gostava muito da casa da avó, que era muito maior do que a deles. Tinham um quarto grande, um quarto pequeno que era do tio Jorge e outro quarto das tias: a tia Dócia e a tia Rubi.

Depois havia a cozinha, com um enorme fogão.

Era divertido correr a todo o comprimento do quarto grande, desde a enorme chaminé, que ficava a uma ponta, até à cama da avó, que ficava debaixo da janela, na outra ponta. O chão era feito de tábuas largas e grossas, que o avô cortara de troncos, com o machado. Era muito liso e estava limpo e branco, de tão esfregado. A grande cama, debaixo da janela, tinha colchão de penas e era muito fofa.

O dia pareceu passar muito depressa, enquanto Laura e Maria brincavam no quarto grande e a mãe ajudava a avó e as tias na cozinha. Como os homens tinham levado almoço para a floresta, não foi preciso pôr a mesa e elas comeram sanduíches de veado frio e beberam leite. Mas a avó fez pudim de farinha de milho para o jantar.

Parada junto do fogão, deixava correr a farinha amarela por entre os dedos, para um tacho onde fervia água com sal. Foi mexendo a água com uma grande colher de pau e deixando correr a farinha, até o tacho ficar cheio de uma massa espessa e amarela, que fazia bolhas. Depois colocou o tacho atrás do fogão, para ir cozendo devagarinho.

Cheirava bem. Toda a casa cheirava bem, com os odores doces e picantes da cozinha, o dos toros de nogueira que ardiam, com labaredas luminosas, na lareira, e o de uma maçã cravejada de alhos, ao lado do cesto da costura da avó, em cima da mesa. O sol entrava pelos vidros reluzentes da janela e era um regalo ver tudo grande, espaçoso e limpo.

À hora do jantar, o pai e o avô vieram da floresta, trazendo cada um aos ombros um jugo de madeira que o avô fizera. Estava afeiçoado de maneira a contornar-lhes o pescoço, atrás, e fora escavado para se lhes ajustar aos ombros. De cada ponta pendia uma corrente com um gancho e de cada gancho estava suspenso um grande balde de madeira cheio de melaço quente de bordo.

O pai e o avô tinham trazido o melaço do grande caldeirão da floresta. Imobilizavam os baldes com as mãos, mas o peso exercia-se nos jugos que traziam aos ombros.

A avó arranjou espaço no fogão para uma grande caldeira de cobre. Era tão grande que nela coube o melaço dos quatro baldes, que o pai e o avô lhe despejaram para dentro.

Depois chegou o tio Jorge com um balde de xarope mais pequeno, e toda a

gente comeu, ao jantar, o pudim de farinha de milho quente, com melaço de bordo.

O tio Jorge era militar e estava em casa de licença. Vestia o casaco azul de botões de latão do exército, e tinha atrevidos e alegres olhos azuis. Era alto e espadaúdo, e gingava um bocadinho, ao andar.

Laura não tirava os olhos dele enquanto comia o seu pudim de farinha de milho, pois ouvira o pai dizer à mãe que ele era estouvado.

- O Jorge está estouvado, desde que veio da guerra, dissera o pai, a abanar a cabeça, como se lamentasse, mas não pudesse fazer nada.

O tio Jorge fugira de casa quando tinha catorze anos, para tocar tambor no exército.

Laura nunca tinha visto, antes, um homem estouvado, e não sabia se tinha medo ou não do tio Jorge.

Quando o jantar terminou, o tio Jorge foi à porta e tocou a sua corneta militar durante um bom bocado e muito alto. Produzia um som vibrante e agradável, que percorria uma grande distância através da Grande Floresta. A floresta estava escura e silenciosa e as árvores imóveis, como se estivessem à escuta. Depois o som voltou, de muito longe, fraco mas claro, como se uma corneta pequenina respondesse ao toque da grande.

- Escuta - disse o tio Jorge. - Não é bonito? - Laura olhou-o, mas não respondeu, e quando ele acabou de tocar correu para dentro de casa.

A mãe e a avó levantaram a mesa, lavaram a louça e tiraram as cinzas do fogão, enquanto a tia Dócia e a tia Rubi se punham bonitas no quarto.

Laura sentou-se na cama, a vê-las pentear o comprido cabelo e dividi-lo cuidadosamente em madeixas. Abriram um risco da testa até à nuca e depois outro de orelha a orelha. Fizeram umas grandes tranças com o cabelo de trás e depois enrolaram-nas cuidadosamente num carrapito grande.

Tinham lavado muito bem as mãos e a cara com sabonete, na bacia da cozinha. Mas tinham usado o sabonete do armazém e não o sabão castanho-escuro, mole e escorregadio, que a avó fazia e guardava num boião grande, para uso diário.

Demoraram muito tempo a arranjar o cabelo da frente e a verem o efeito, de candeeiro na mão, no pequeno espelho suspenso da parede de troncos. Escovaram tanto o cabelo de ambos os lados do risco branco que o deixaram a brilhar como seda, à luz do candeeiro. A pequena poupa de cada lado também brilhava. As pontas foram muito bem torcidas e enroladas e metidas debaixo do carrapito de trás.

Depois calçaram as bonitas meias brancas arrendadas, que tinham feito de linha de algodão fina, e calçaram e abotoaram as suas melhores botinas.

Ajudaram-se uma à outra a vestir os espartilhos. A tia Dócia puxou com quanta força tinha as fitas do espartilho da tia Rubi, e depois agarrou-se aos pés da cama enquanto a tia Rubi puxava o seu.

- Puxa, Rubi, puxa! - pedia a tia Dócia ofegante. - Puxa mais.

A tia Rubi fincou bem os pés e puxou com mais força, enquanto a tia Dócia ia medindo a cintura com as mãos. Por fim, disse, sufocada:

- Creio que não podes fazer melhor. – E acrescentou: - A Carolina diz que, quando casaram, o Carlos lhe podia abarcar a cintura com as mãos.

Carolina era a mãe de Laura, e, por isso, ela sentiu-se orgulhosa, ao ouvir tais palavras.

Em seguida, a tia Rubi e a tia Dócia vestiram a saia interior de flanela, a saia interior simples e a saia branca, engomada e tesa, com renda a toda a volta dos folhos. Finalmente, chegou a vez dos bonitos vestidos.

O da tia Dócia era azul-escuro estampado, com muitos raminhos de flores encarnadas e folhas verdes. O corpo justo era todo abotoado com botões pretos, tão parecidos com sumarentas amoras pretas que Laura até teve vontade de os comer.

O vestido da tia Rubi era cor de vinho, com plumazinhas de tom mais claro. Tinha botões dourados, cada um com o desenho de um castelinho e uma árvore.

Um grande camafeu redondo, com uma cabeça de senhora, prendia à frente a bonita gola branca da tia Dócia. A tia Rubi preferiu prender a sua com uma rosa vermelha, feita de lacre. Ela própria a fizera na cabeça de uma agulha de passajar cujo buraco se partira e, por isso, deixara de poder ser usada como agulha.

Estavam encantadoras, a deslizar suavemente de um lado para o outro, com as grandes saias rodadas. As cinturinhas apertadas e esbeltas faces vermelhas e os olhos brilhantes sob as poupas, que pareciam asas, do cabelo lustroso.

A mãe também estava bonita, com o seu lindo vestido de musselina verde-escura com as folhinhas que pareciam morangos. A saia tufada tinha folhos e drapeados e era ornamentada com laços de fita verde-escura. Um alfinete de ouro fechava o decote, junto ao pescoço. O alfinete recortado nas arestas. A mãe parecia tão rica e fina que Laura tinha medo de lhe tocar.

As pessoas tinham começado a chegar, umas a pé, através da floresta coberta de neve e alumiadas por lanternas, e outras em trenós e carros, que conduziam até à porta. Ouviam-se constantemente guizos de trenós.

O quarto grande encheu-se de homens de botas altas e senhoras de vestidos roçagantes e na cama da avó foram deitados diversos bebés, em filas. O tio Jaime e a tia Libby tinham vindo com a sua filha pequena, que também se chamava Laura Ingalls. As duas Lauras encostaram-se à cama a olhar para os

bebés e a outra Laura disse que a sua irmãzinha era mais bonita do que a bebé Carrie.

- Isso é que não é! - protestou Laura. - A Carrie é o bebé mais bonito do mundo inteiro!

- Não é nada! - discordou a outra Laura.

- É, sim!

- Não é, não!

A mãe aproximou-se, como se deslizasse no seu lindo vestido de musselina, e disse severamente:

- Laura!

E nenhuma das Lauras disse mais nada.

O tio Jorge estava a tocar a sua corneta, que soava alto e ecoava na grande sala. O tio ria-se, gracejava e continuava a tocar. Então o pai de Laura tirou a rabeca da caixa e começou a tocar também, e os pares formaram-se em quadrados e começaram a dançar, enquanto o pai mandava o baile.

- Volta completa para a direita e para a esquerda. - gritou o pai, e todas as saias começaram a rodopiar e todas as botas a bater.

Os círculos rodavam e tornavam a rodar, com todas as saias a ir para um lado e todas as botas para outro e as mãos a unirem-se e a separarem-se no ar.

- Façam rodopiar o par! - gritou o pai. – Cada cavalheiro deve inclinar-se diante da dama da sua esquerda!

Fizeram todos o que o pai disse. Laura viu a saia da mãe rodopiar, viu a sua cintura estreita inclinar-se e a sua cabeça morena curvar-se, e pensou que a mãe era a mais bonita dançarina do mundo. A rabeca tocava:

Ó meninas de Búfalo,
Não vêm esta noite,
Não vêm esta noite,
Não vêm esta noite,
Ó meninas de Búfalo,
Não vêm esta noite
Dançar ao luar?

Os círculos pequenos e os círculos grandes continuavam a girar e a girar, as saias turbilhonavam e as botas batiam e os pares inclinavam-se e afastavam-se, para de novo se juntarem e inclinarem.

A avó estava sozinha na cozinha, a mexer o melaço que fervia na grande caldeira de cobre. Mexia a compasso com a música. Junto da porta, no pátio estava um balde cheio de neve limpa e, de vez em quando, a avó tirava uma colherada de melaço da caldeira e deitava-a num pouco de neve, num pires.

Laura voltou a observar os bailarinos. O pai tocava A Lavadeira Irlandesa. E mandava:

Dó si, damas, dó si,
Apoiar, com força apoiar,
No dedo grande e no calcanhar.

Laura não conseguia estar quieta com os pés. O tio Jorge olhou-as e riu-se. Depois pegou-lhe na mão e dançou um bocadinho com ela, ao canto da sala. Laura gostava do tio Jorge.

Estava toda a gente a rir junto da porta da cozinha, donde queriam trazer a avó.

O vestido da avó também era bonito: um estampado azul-escuro todo salpicado de folhas outonais. A avó tinha as faces rosadas, de rir, e abanava a cabeça, com a colher de pau na mão.

- Não posso deixar o melaço - desculpou-se.

Mas o pai começou a tocar O Viajante do Arkansas e toda a gente desatou a bater palmas ao compasso da música. Por isso, a avó fez uma vénia e dançou alguns passos sozinha. Dançava tão bem como qualquer das senhoras presentes.

As palmas quase abafaram a música da rabeca.

Nisto, o tio Jorge deu um passo chamado “vôo de pombo”, que consistia em saltar e unir os pés, fez uma grande vénia à avó e começou a dançar a jiga. A avó entregou a colher a uma pessoa, pôs as mãos nas ancas e virou-se para o tio Jorge. Toda a gente gritou, porque a avó estava a dançar a jiga.

Laura bateu palmas a compasso com a música, como faziam todas as mãos. A rabeca tocava como nunca tocara antes, os olhos da avó cintilavam, as suas faces estavam vermelhas e, debaixo das saias, os seus saltos batiam tão depressa como as botas do tio Jorge.

Estava toda a gente entusiasmada. O tio Jorge continuava a jigar e a avó continuava virada para ele, a jigar também. A rabeca não parava. O tio Jorge começou a ofegar e limpou o suor da testa. Os olhos da avó brilhavam cada vez mais.

- Não consegues vencê-la, Jorge! - gritou alguém.

O tio Jorge começou a dançar mais depressa. Duas vezes mais depressa do que antes. E a avó também. Soaram novos aplausos. As mulheres estavam todas a rir e a bater as palmas e todos os homens troçavam de Jorge. Ele não se importava, mas também não tinha fôlego para rir. Estava a dançar a jiga.

Os olhos azuis do pai de Laura reluziam, contentes. Estava em pé, a observar Jorge e a avó, e o arco dançava sobre as cordas da rabeca. Laura saltava, gritava e batia as palmas.

A avó continuava a jigar. Tinha as mãos na cintura e o queixo levantado, e sorria. Jorge continuava a jigar, mas as suas botas já não faziam tanto barulho como ao princípio. Os saltos das botinas da avó mantinham, no entanto, o

mesmo ritmo alegre e vivo. Uma gota de suor escorreu da testa de Jorge e brilhou-lhe na face.

De repente, levantou ambos os braços e disse, ofegante:

- Estou vencido! - E parou de dançar a jiga.

Ouviu-se um barulho terrível, com toda a gente a gritar, a bater os pés e a ovacionar a avó. Ela continuou a dançar mais um minutinho e depois parou também. Riu-se, ofegante. Os seus olhos cintilavam exatamente como os do pai de Laura, quando ele ria. Jorge também se ria e limpava a testa com a manga do casaco.

Nisto, a avó parou de rir, virou-se e correu o mais depressa que pôde para a cozinha. A rabeca calara-se, as mulheres estavam a falar todas ao mesmo tempo e os homens arreliavam Jorge. Mas, ao verem aquele repente da avó, calaram-se e ficaram imóveis.

Depois ela veio à porta que separava o quarto grande da cozinha e disse:

- O melaço está no ponto. Venham servir-se.

Recomeçou toda a gente a falar e a rir. Apressaram-se a ir à cozinha buscar pratos e a sair para os encher de neve. A porta da cozinha estava aberta e deixava entrar o ar frio.

Fora de casa, as estrelas pareciam geladas, no céu, e o ar frio mordiscou as faces e o nariz de Laura, cuja respiração parecia fumo.

Ela e a outra Laura, e todas as outras crianças, apanharam neve limpa com os pratos e depois voltaram para a cozinha cheia de gente.

A avó estava junto da caldeira de cobre e, com a grande colher de pau, deitava melaço quente em cada prato de neve. O melaço arrefecia, transformado em rebuçado mole, e assim que arrefecia as pessoas comiam-no.

Podiam comer o que quisessem, pois o açúcar de bordo nunca fizera mal a ninguém. E o que não faltava era melaço na caldeira e neve fora de casa. Comido um prato, enchiam-no outra vez de neve e a avó voltava a deitar uma colherada de melaço.

Quando já não podiam comer mais rebuçado mole, foram para a comprida mesa que estava carregadinha de tortas de abóbora, tortas de amoras secas, bolinhos e bolos grandes. Havia pão levedado, carne de porco fria e picles. Oh, como os picles eram azedos!

Comeram todos até não poderem mais e depois voltaram a dançar. E a avó voltou a tomar conta do melaço da caldeira de cobre. Volta e meia, tirava um bocadinho para um pires e mexia, à roda e à roda. Depois abanava a cabeça e deitava de novo o melaço na caldeira.

No quarto grande continuava a animação e a alegria, com a música da rabeca e o barulho do baile.

Por fim, ao mexer mais uma vez o melaço no pires e ao vê-lo transformar-se em pequenos grãozinhos que pareciam areia, a avó chamou:

- Depressa, pequenas! Está a granular!

A tia Rubi, a tia Dócia e a mãe de Laura deixaram o baile e foram a correr para a cozinha. Pegaram em caçarolas grandes e pequenas e, assim que a avó as encheu de melaço, arranjaram logo outras. Puseram as cheias de lado, para arrefecerem e o melaço se transformar em açúcar de bordo.

- Agora vão buscar as formas de pastéis, para as crianças - disse a avó.

Havia uma forma de pastel, ou pelo menos uma chávena partida ou um púcaro, para cada criança.

Olharam todas ansiosamente enquanto a avó distribuía colheradas de melaço. Talvez não chegasse para todos, e, então, alguém teria de se mostrar altruísta e bem-educado…

Mas o melaço chegou à justa para todos. As últimas raspas da caldeira deram para encher perfeitamente a última forminha. Ninguém ficou de fora.

A música e o baile continuaram. Laura e a outra Laura andavam pela sala, a observar os dançarinos. Depois sentaram-se no chão, a um canto, a observar. O baile era tão bonito e a música tão alegre que Laura tinha a certeza de que nunca se cansaria de uma coisa nem de outra.

Todas as saias bonitas continuavam a rodopiar, as botas a bater no chão e a rabeca a tocar alegremente.

De repente, Laura acordou, atravessada aos pés da cama da avó. Era de manhã. A mãe, a avó e a Carrie também estavam na cama. O pai e o avô dormiam no chão, enrolados em cobertores, junto da lareira. Maria não se via em lado algum - não se via porque estava a dormir com a tia Dócia e a tia Rubi, na cama delas.

Não tardou a levantar-se toda a gente. Havia panquecas e melaço de bordo para o desjejum. Depois o pai foi buscar os cavalos e o trenó para a porta.

O pai ajudou a mãe e Carrie a instalar-se, enquanto o avô pegava em Maria e o tio Jorge em Laura e as passavam por cima dos lados do trenó para a palha do fundo. O pai aconchegou as peles e as mantas à volta delas e o avô, a avó e o tio Jorge ficaram a dizer: “Adeus, adeus!”, enquanto eles se embrenhavam na Floresta Grande, a caminho de casa.

O sol estava quente e os cavalos a trote levantavam bocadinhos de neve enlameada, com os cascos. Laura via as suas pisadas, atrás do trenó: atravessavam a camada de neve fina e chegavam à lama.

- Antes de anoitecer, desaparecerá toda a neve doce - disse o pai.

9

IDA À CIDADE

Quando a neve doce desapareceu, chegou a Primavera. Cantavam pássaros nas aveleiras ao longo da vedação, a erva crescia, de novo verdinha, e a floresta estava cheia de flores silvestres. Havia por toda a parte ranúnculos e violetas, campainhas e umas estrelinhas minúsculas, que eram as flores da erva.

Assim que os dias aqueceram, Laura e Maria pediram que as deixassem andar descalças. Ao princípio, só podiam correr até ao monte de lenha e voltar, de pés descalços. No dia seguinte, já puderam ir mais longe e, por fim, os seus sapatos foram ensebados e guardados e elas passaram a andar descalças todo o dia.

Todas as noites tinham de lavar os pés, antes de se deitarem. Abaixo da bainha das saias, os seus tornozelos e os seus pés estavam tão bronzeados como a sua cara.

Tinham casinhas de brincar debaixo dos dois grandes carvalhos fronteiros à casa. A de Maria ficava debaixo da árvore de Maria e a de Laura debaixo da árvore de Laura. A erva macia fazia de carpete verde e as folhas das árvores eram os telhados, através dos quais viam bocadinhos de céu azul.

O pai fez um balouço de casca de árvore resistente e suspendeu-o de um grande ramo baixo da árvore de Laura. O balouço era de Laura porque estava na sua árvore, mas ela não podia ser egoísta e tinha de deixar Maria andar também de balouço quando queria.

Maria tinha um pires rachado para brincar e Laura uma bonita chávena, a que só faltava um bocado. Carlota e Nelinha, assim como os dois bonequinhos de madeira que o pai fizera, viviam com elas nas casas de brincar. Todos os dias faziam chapéus novos, de folhas, para Carlota e Nelinha assim como pequeninos pires e chavenazinhas, também de folhas, para porem na mesa. A mesa era uma bonita pedra lisa.

Sukey e Rosinha, as vacas, andavam agora à solta na floresta, para poderem comer a erva fresca e as suculentas folhas novas. Havia dois bezerrinhos no estábulo e sete porquinhos na pocilga, com a porca.

Na clareira que abrira no ano anterior, o pai arava a terra à volta dos cotos das árvores e semeava. Uma noite, ao voltar do trabalho, perguntou a Laura:

- Sabes o que vi hoje?

Ela não sabia, claro.

- Bem, quando estava a trabalhar na clareira, esta manhã, levantei a cabeça e vi um gamo, na orla da floresta. Era uma corça, uma corça mãe, e não adivinham o que estava com ela!

- Um corçozinho bebé! - responderam Laura e Maria ao mesmo tempo, a bater as palmas.

- Sim, era o seu corçozinho - confirmou o pai. - Era um bichinho bonito, de uma cor castanha muito clara e com uns grandes olhos escuros. Tinha patinhas minúsculas, não muito maiores do que o meu polegar, pernas fininhas e um focinho muito macio.

“Olhava para mim, com os grandes olhos meigos, como se perguntasse a si mesmo o que seria eu. Não tinha medo nenhum.

- Não mataria um corçozinho bebé, pois não, Pá? – perguntou Laura.

- Não, nunca. Nem o corçozinho, nem a sua mãe, nem o seu pai. Agora acabou-se a caça, até todos os animaizinhos selvagens crescerem. Teremos de passar sem carne fresca até ao Outono.

O pai disse que, quando terminasse as sementeiras, iriam todos à cidade. Laura e Maria também podiam ir. Agora já tinham idade para isso.

Ficaram muito entusiasmadas e no dia seguinte tentaram brincar a ir à cidade. Não podiam brincar muito bem, porque não tinham a certeza de como era uma cidade. Sabiam que tinha um armazém, mas nunca tinham visto nenhum.

Depois disso, Carlota e Nelinha perguntavam quase todos os dias se podiam ir à cidade. Mas Laura e Maria respondiam-lhes sempre: “Não, querida, este ano não podes ir. Talvez para o ano possas ir, se te portares bem.” Até que uma noite o pai anunciou:

- Amanhã vamos à cidade.

Nessa noite, embora estivessem no meio da semana, a mãe deu banho a Laura e a Maria e arranjou-lhes o cabelo: dividiu-lhes o cabelo comprido em madeixas, penteou cada madeixa com um pente molhado e enrolou-a muito bem enrolada num bocadinho de trapo. Ficaram com a cabeça cheia de altinhos e nós, o que não era muito cómodo, na almofada, mas de manhã teriam o cabelo encaracolado.

A agitação era tanta que não adormeceram logo. A mãe não se sentou a costurar, como de costume, pois teve de preparar tudo para um desjejum rápido e de deixar prontas as melhores meias, saias e vestidos de Laura e Maria, a camisa boa do pai e o seu próprio vestido estampado castanho-escuro, com florinhas vermelhas.

Os dias agora eram mais compridos. De manhã, a mãe apagou o candeeiro, antes de acabarem de tomar o desjejum. Estava uma bonita e clara manhã de Primavera.

A mãe insistiu com Laura e Maria para que comessem depressa e lavou a louça num instantinho. Depois elas calçaram as meias e os sapatos, enquanto ela fazia as camas. Em seguida, a mãe ajudou-as a vestir os melhores vestidos: o de chita azul-porcelana, de Maria, e o de chita encarnado-escura, de Laura. Maria abotoou as costas do vestido de Laura e a mãe fez o mesmo ao de Maria.

A mãe tirou os bocadinhos de trapo do cabelo delas e penteou-o em compridos caracóis redondos, que lhes caíam até aos ombros. Servia-se do pente tão depressa que os dentes faziam doer muito. O cabelo de Maria era de um lindo tom dourado, mas o de Laura era de um castanho cor de terra.

Feitos os caracóis, a mãe pôs-lhes as toucas do sol, atadas com fitas debaixo o queixo. Prendeu a gola com o alfinete de ouro e estava a pôr o chapéu quando o pai conduziu a carroça para a cancela.

Escovara tão bem os cavalos que eles reluziam. Além disso, varrera a carroça muito bem varrida e pusera um cobertor limpo no banco. A mãe, com Carrie ao colo, sentou-se no banco com o pai, enquanto Laura e Maria se sentavam numa tábua, atravessada atrás do banco.

Sentiram-se muito contentes ao atravessarem a floresta alegrada pela Primavera. Carrie ria e palrava, a mãe sorria e o pai assobiava, enquanto conduzia os cavalos. O sol estava luminoso e quente, na estrada, e dos bosques frondosos vinham odores frescos e agradáveis.

Apareciam coelhos na estrada, apoiados nas patas traseiras, com as dianteiras penduradas, o nariz a fungar e o sol a brilhar-lhes entre as orelhas altas, sempre a tremer. Depois fugiam, tão depressa que quase só se lhes via o brilho da cauda branca pequenina. Por duas vezes, Laura e Maria viram gamos a olhar para eles, com os grandes olhos escuros, das sombras entre as árvores.

Eram onze quilômetros até à cidade, que se chamava Pepin e ficava na margem do lago Pepin.

Passado muito tempo, Laura começou a vislumbrar manchas de água azul, entre as árvores. A estrada dura cedeu o lugar a areia macia. As rodas da carroça enterravam-se nela profundamente e os cavalos suavam, de tanto terem de puxar. O pai parava frequentemente, para os deixar descansar alguns minutos.

De repente, a estrada deixou a floresta e Laura viu o lago. Era tão azul como o céu e parecia que se prolongava até à beirinha do mundo. Até onde a sua vista alcançava, só havia água azul e lisa. Muito longe, o céu e a água encontravam-se e via-se uma linha azul mais escura.

O céu era enorme, lá no alto, Laura nunca imaginara que o céu fosse tão

grande. Havia tanto espaço vazio à volta dela que se sentiu pequenina e assustada - e contente por os pais estarem com ela.

O tempo ficou, de súbito, mais quente. O Sol estava quase por cima deles, no grande céu vazio, e a fresca floresta ficava afastada da margem do lago. Até a Grande Floresta parecia mais pequena debaixo de tanto céu.

O pai deteve os cavalos e virou-se para trás, no banco, enquanto apontava com o chicote para a frente.

- Cá estamos, Laura e Maria! - anunciou. - Ali está a cidade de Pepin.

Laura pôs-se em pé, na tábua, para poder ver a cidade, e o pai segurou-a por um braço, para que não caísse. Depois de ver, ficou quase sem poder respirar. Agora compreendia o que Ianque Dudle sentia, ao dizer que não podia ver a cidade porque as casas eram muitas.

Mesmo na margem do lago havia um edifício grande. O pai disse-lhe que era o armazém. Em vez de ser feito de troncos, era de tábuas largas e cinzentas, ao alto. Tinha areia a toda a volta.

Atrás do armazém havia uma clareira maior do que a do pai, na floresta, e entre os cotos das árvores cortadas havia tantas casas que Laura nem as conseguia contar. Também não eram de troncos, mas sim de tábuas, como o armazém.

Laura nunca imaginara que pudesse haver tantas casas e tão perto umas das outras. Claro que eram muito mais pequenas do que o armazém. Uma delas era de tábuas novas, que ainda não tinham tido tempo de ficar cinzentas; tinha a cor amarela da madeira acabada de cortar.

Morava gente em todas aquelas casas, de cujas chaminés saía fumo. Embora não fosse segunda-feira, uma mulher estendera a roupa a corar nos arbustos próximos da sua casa.

Alguns rapazes e moças brincavam ao sol, no espaço vazio entre o armazém e as casas. Saltavam de um coto de árvore para outro, a gritar.

- Bem, cá está Pepin - disse o pai.

Laura limitou-se a acenar com a cabeça.

Olhava, olhava, e não era capaz de dizer palavra. Passados momentos, voltou a sentar-se e os cavalos prosseguiram.

Deixaram a carroça na margem do lago. O pai desatrelou os cavalos e prendeu um a cada lado da carroça. Depois deu a mão a Laura e a Maria e, com a mãe ao lado de bebé ao colo, lá foram pela areia solta a caminho do armazém. A areia quente entrava pelos sapatos de Laura.

Havia uma grande plataforma, à frente do armazém, com alguns degraus a uma das extremidades. O coração de Laura batia tão depressa que ela mal conseguia subir os degraus. Tremia dos pés à cabeça.

Era naquele armazém que o pai trocava as suas peles. Quando entraram, o dono do armazém reconheceu-o. Saiu de trás do balcão para cumprimentar o pai e a mãe, e depois Laura e Maria tiveram de mostrar que eram meninas educadas.

- Como está? - cumprimentou Maria, mas Laura não foi capaz de dizer nada.

O homem disse ao pai e à mãe:

- Têm aqui uma bonita menina - e admirou os caracóis louros de Maria; mas não disse nada acerca de Laura nem dos seus caracóis, que eram castanhos e feios.

O armazém estava cheio de coisas que era um regalo ver. A um lado havia prateleiras cheias de tecidos estampados e chitas. Bonitos tons rosados, azuis, encarnados, castanhos e escarlates. No chão, ao longo dos lados dos balcões de pranchas, havia barris de pregos, barris de chumbo cinzento e redondo e grandes baldes de madeira cheios de doces até acima. Também havia sacas de sal e sacas de açúcar.

No meio do armazém havia um arado de madeira reluzente e com uma relha que não brilhava menos, cabeças de machado de aço, cabeças de martelo, serras e toda a espécie de facas – facas de caça, facas de esfolar, facas de magarefe e navalhas. Havia botas grandes e botas pequenas e sapatos grandes e sapatos pequenos.

Laura poderia passar ali semanas a olhar que não veria todas as coisas que havia no armazém. Não imaginara que houvesse tantas coisas no mundo.

O pai e a mãe demoraram muito tempo a fazer negócio. O dono do armazém tirava rolos e rolos de bonitos estampados e abria-os para a mãe ver, apalpar e olhar para o preço. Laura e Maria podiam ver, mas não podiam tocar. Cada nova cor e cada novo padrão lhes pareciam mais bonitos do que os anteriores, e eram tantos! Laura não sabia como a mãe conseguiria escolher.

A mãe escolheu dois tecidos diferentes para fazer camisas para o pai e cotim castanho para lhe fazer um macacão. Depois comprou pano branco para lençóis e roupa interior.

O pai comprou tecido para a mãe fazer um avental novo.

- Oh, não, Carlos, não preciso, palavra! - protestou a mãe.

Mas o pai riu-se e disse-lhe que escolhesse depressa, se não ele escolheria o encarnado com os grandes desenhos amarelos. A mãe sorriu e corou e lá escolheu um estampado com botões e folhas de rosa num fundo acastanhado-claro.

Depois o pai comprou uns suspensórios e um pouco de tabaco para o cachimbo e a mãe comprou meio quilo de chá e um pacotinho de açúcar de armazém, para ter em casa quando tivessem visitas. Era um açúcar castanho-

claro e não castanho-escuro como o de bordo, que a mãe usava todos os dias.

Feitas todas as compras, o dono do armazém deu um pirulito a Maria e outro a Laura. Ficaram tão admiradas e tão contentes, que se limitaram a olhar para a guloseima. Depois, Maria lembrou-se e agradeceu:

- Obrigada.

Mas Laura continuou sem ser capaz de falar. Estavam todos à espera que dissesse qualquer coisa, mas ela não conseguia dizer nem uma palavrinha. A mãe teve de lhe perguntar:

- Que se diz, Laura?

Então ela abriu a boca, engoliu em seco e murmurou:

- Obrigada.

Depois disso, saíram do armazém. Ambos os pirulitos eram brancos, achatados, finos e da forma de um coração. E tinham palavras escritas a encarnado, que a mãe leu. O de Maria dizia: Vermelhas são as rosas, Azuis as violetas, E o açúcar é doce, Tão doce como tu.

O de Laura dizia apenas: Doces para a docinha.

Os pirulitos eram exatamente do mesmo tamanho, mas as letras do de Laura eram maiores.

Voltaram todos, pela areia, para a carroça, que ficara na margem do lago. O pai deu aos cavalos, no fundo da carroça, a aveia que trouxera para eles, e a mãe abriu o cesto do piquenique.

Sentaram-se na areia quente, perto da carroça, e comeram pão com manteiga e queijo, ovos cozidos e bolinhos. As ondas do lago Pepin desfaziam-se na praia, a seus pés, e a seguir recuavam, com um murmúrio muito leve.

Depois do almoço, o pai voltou ao armazém, para conversar um bocado com outros homens. A mãe sentou-se com a Carrie ao colo, muito sossegada, até ela adormecer. Mas Laura e Maria correram ao longo da margem e apanharam bonitas pedrinhas tantas vezes levadas e trazidas pelas ondas que tinham ficado lisinhas e brilhantes.

Não havia pedrinhas assim na Grande Floresta.

Quando encontrava uma bonita, Laura guardava-a na algibeira. Havia tantas, cada uma mais bonita do que a anterior, que não tardou a ficar com a algibeira cheia. Depois o pai chamou e elas correram para a carroça, pois os cavalos estavam atrelados e eram horas de voltar para casa.

Laura sentia-se tão feliz ao correr pela areia para o pai, com todas aquelas lindas pedrinhas na algibeira! Mas quando o pai lhe pegou e a colocou na carroça, aconteceu uma coisa horrível.

As pedrinhas eram tão pesadas que lhe arrancaram a algibeira do vestido. A algibeira caiu e as pedrinhas rolaram todas pelo fundo da carroça.

Laura começou a chorar, por ter estragado o seu melhor vestido.

A mãe entregou o bebé ao pai e foi num instante ver os estragos. Depois disse que não havia novidade.

- Não chores, Laura, eu posso arranjar isso. Não está estragado, e a algibeira também não.

A algibeira era um saquinho cosido juntamente com a costura da saia e que pendia debaixo dela. Só as costuras se tinham descosido e a mãe poderia pôr outra vez a algibeira. O vestido ficaria como-novo.

- Apanha as pedrinhas, Laura - disse a mãe. - E para a outra vez não sejas tão sôfrega, não queiras todas.

Laura apanhou as pedras, meteu-as na algibeira e colocou a algibeira no colo. Não se importou muito quando o pai se riu por ela ser uma menina que tinha mais olhos do que barriga, como se costumava dizer.

Nunca aconteciam coisas daquelas a Maria. Maria era uma menina bem comportada, que nunca sujava o vestido e tinha maneiras. Maria tinha lindos caracóis louros e no seu coração de açúcar estavam escritos uns versos.

Maria parecia muito boazinha e bonita, toda arranjadinha e limpa, sentada na tábua ao lado da irmã. Laura não achou justo.

Mas, apesar de tudo, tinha sido um dia maravilhoso, o dia mais maravilhoso de toda a sua vida. Pensou no bonito lago, na cidade que vira e no grande armazém com tantas coisas. Segurava as pedras cuidadosamente no colo e levava o coração de açúcar bem embrulhado no lenço, pois quando chegasse a casa queria guardá-lo para sempre. Era bonito de mais para o comer.

A carroça ia seguindo aos solavancos, pela estrada que levava a casa através da Grande Floresta. O Sol pôs-se e a floresta escureceu, mas o pai tinha a sua espingarda.

O suave luar coava-se pelas copas das árvores e punha manchas de luz e sombra na estrada, em frente. Os cascos dos cavalos faziam um clip-clop, clip-clop alegre.

Laura e Maria não diziam nada, porque estavam muito cansadas, e a mãe também ia calada, porque levava Carrie a dormir, ao colo. Mas o pai cantava, baixinho:

Podemos viver entre prazeres
e palácios sem par,
Mas, por muito humilde que seja,
não há nada como o lar.

10

VERÃO

Era Verão e as pessoas visitavam-se umas às outras. Às vezes, o tio Henrique, ou o tio Jorge, ou o avô, vinham da Grande Floresta visitar o pai. Então a mãe ia à porta, perguntava como estavam todos e dizia:

- O Carlos está na clareira.

Depois fazia um almoço maior do que o habitual e a hora do almoço também era maior do que de costume. O pai, a mãe e a visita ficavam um bocadinho sentados a conversar, antes de voltarem para o trabalho.

Às vezes, a mãe deixava Laura e Maria atravessar a estrada e descer a encosta, para visitar a Srª. Peterson. Os Petersons tinham-se mudado para ali havia pouco tempo. A sua casa era nova e estava sempre muito limpa e arrumada, pois a Srª. Peterson não tinha filhas pequenas para a desarrumarem. Era sueca e deixava Laura e Maria verem as coisas bonitas que trouxera da Suécia: rendas, bordados coloridos e louças.

A Srª. Peterson falava-lhes em sueco e elas falavam-lhe em inglês, mas entendiam-se perfeitamente umas às outras. Dava-lhes sempre um biscoito, quando se iam embora, e elas iam-no comendo às dentadinhas muito pequeninas, enquanto regressavam a casa.

Laura comia exatamente metade do seu biscoito e Maria exatamente metade do dela; as outras metades eram para a bebé Carrie. Quando chegavam a casa, Carrie ficava com dois meios biscoitos, o que era o mesmo que um biscoito inteiro.

Não era justo. Elas só queriam repartir igualmente os biscoitos com a irmãzinha. Mas se Maria guardasse metade do seu biscoito e Laura comesse o dela todo, ou se Laura comesse metade e Maria o comesse todo, isso também não seria justo.

Não sabiam que fazer. Por isso, cada uma guardava metade e dava-a a Carrie. No entanto, achavam sempre que não era justo.

De vez em quando, um vizinho mandava avisar que a família ia passar o dia com eles. Então a mãe limpava melhor a casa, fazia mais comida e abria o pacote de açúcar do armazém. No dia previsto, parava uma carroça ao portão, de manhã, e elas tinham crianças desconhecidas com quem brincar.

Quando o casal Huleatt os visitou, trouxe consigo Eva e Clarêncio. Eva era uma menina bonita, de olhos escuros e caracóis pretos, que brincava com cuidado e nunca se sujava nem amarrotava. Maria gostava disso, mas Laura gostava mais de brincar com Clarêncio.

Clarêncio era ruivo e sardento e estava sempre a rir. A sua roupa também era muito bonita. Usava um paletó azul todo abotoado à frente, com botões dourados brilhantes e enfeitado com galão, e os seus sapatos tinham biqueiras de cobre.

As tiras de cobre que lhe atravessavam as biqueiras dos sapatos brilhavam tanto que Laura até tinha pena de não ser rapaz. As meninas não usavam sapatos reforçados de cobre.

Laura e Clarêncio correram, saltaram e subiram às árvores, enquanto Maria e Eva passeavam muito sossegadas e conversavam.

A mãe e a Srª. Huleatt estavam em casa a conversar e a ver um figurino que a Srª. Huleatt levara. O pai e o Sr. Huleatt andaram a ver os cavalos e as sementeiras e a fumar cachimbo.

Uma vez, a tia Lotty foi passar o dia com eles. Nessa manhã, Laura teve de estar quieta muito tempo, enquanto a mãe lhe tirava os papelotes do cabelo e lho penteava em caracóis compridos. Maria já estava pronta, sentada muito direita numa cadeira, com os caracóis louros a brilhar e o seu vestido azul-porcelana muito limpo e engomado.

Laura gostava do seu vestido encarnado. Mas a mãe puxava-lhe o cabelo de uma maneira horrível. Além disso, como era castanho em vez de louro, ninguém reparava nele. Mas toda a gente reparava no de Maria e o admirava.

- Pronto! - exclamou a mãe, por fim. - O teu cabelo está muito bem encaracolado e a Lotty vem aí. Vão a correr ter com ela, as duas, e perguntem-lhe se gosta mais de caracóis castanhos ou louros.

Laura e Maria saíram de casa e correram pelo carreiro abaixo, pois a tia Lotty já estava ao portão. A tia Lotty era uma menina crescida, muito mais alta do que Maria. Trazia um bonito vestido cor-de-rosa e segurava uma touca de sol da mesma cor por uma fita.

- De que gosta mais, tia Lotty, de caracóis castanhos ou de caracóis louros? - perguntou-lhe Maria.

A mãe dissera-lhes que perguntassem e Maria era uma menina muito bem comportada, que fazia sempre exatamente o que lhe mandavam.

Enquanto esperava a resposta da tia Lotty, Laura sentiu-se muito triste.

- Gosto mais dos dois! - respondeu a tia Lotty, a sorrir, deu a mão a ambas, uma de cada lado, e correram para a porta, onde a mãe as esperava.

O sol entrava a jorros pelas janelas e estava tudo muito arrumado e bonito.

A mesa estava coberta por uma toalha vermelha e o fogão de cozinhar reluzia, muito preto. Através da porta do quarto Laura via a cama baixa no seu lugar, debaixo da cama alta. A porta da despensa estava toda aberta, o que permitia ver e cheirar as coisas boas das prateleiras. A Susana Preta desceu, a ronronar, a escada do sótão, onde estivera a dormir uma soneca.

Era tudo tão agradável, e Laura sentia-se tão bem disposta e tão contente, que ninguém imaginaria que pudesse ser tão mazona como foi nesse fim de tarde.

A tia Lotty tinha-se ido embora e Laura e Maria estavam cansadas e amuadas. Estavam no monte de lenha, a encher um cesto de cavacos para acender o fogo, de manhã. Detestavam apanhar cavacos, mas tinham de o fazer todos os dias. E naquele dia parecia que lhes desagradava mais do que nunca.

Laura apanhou o cavaco maior e Maria disse:

- Não me importo, a tia Lotty gosta mais do meu cabelo. O cabelo louro é muito mais bonito do que o castanho.

Laura sentiu um nó na garganta e não foi capaz de falar. Sabia que o cabelo louro era mais bonito do que o castanho. Como não podia falar, estendeu rapidamente a mão e deu uma bofetada a Maria.

Ouviu logo o pai chamar:

- Vem cá, Laura.

Foi devagar, a arrastar os pés. O pai estava sentado perto da porta e vira-a bater em Maria.

- Lembras-te de que eu lhes disse que não deveriam bater uma à outra? - disse o pai.

- Mas a Maria disse… - começou Laura.

- Isso não faz diferença nenhuma - interrompeu-a o pai. - Deves fazer o que eu digo.

Depois o pai tirou uma correia da parede e bateu-lhe com ela.

Laura sentou-se numa cadeira, a um canto, a soluçar. Quando os soluços passaram, amuou. A única coisa que lhe dava satisfação era pensar que Maria tinha de encher o cesto de cavacos sozinha.

Por fim, quando escurecia, o pai disse, de novo:

- Vem cá, Laura.

A sua voz era bondosa e, quando Laura se aproximou, sentou-a no joelho e apertou-a a si. Ela aninhou-se no côncavo do seu braço, com a cabeça encostada ao seu ombro e os olhos parcialmente cobertos pela comprida barba castanha do pai. Estava tudo bem outra vez.

Contou ao pai o que se passara e depois perguntou-lhe:

- Não gosta mais de cabelo castanho do que de louro, pois não?

- O meu cabelo é castanho, Laura.

Não tinha pensado nisso! O cabelo do pai era castanho, assim como a sua barba era castanha e ela achava essa cor muito bonita. Mas mesmo assim sentiu-se satisfeita por Maria ter de apanhar os cavacos sozinha.

Nas noites de Verão o pai não contava histórias nem tocava rabeca. Os dias eram muito compridos e ele estava cansado, depois de trabalhar o dia inteiro nos campos.

A mãe também tinha muito que fazer. Laura e Maria ajudavam-na a mondar a horta e a dar de comer aos vitelos e às galinhas. Também recolhiam os ovos e ajudavam a fazer o queijo.

Quando a erva estava alta e basta na floresta e as vacas davam muito leite, era tempo de fazer queijo.

Era necessário que alguém matasse um bezerro, pois não se podia fazer queijo sem coalheira, que é o forro do estômago de um bezerro novo. Mas tinha de ser muito novo mesmo e não ter comido nada além de leite.

Laura tinha medo de que o pai matasse um dos bezerrinhos do estábulo. Eram tão queridos! Um era fulvo e o outro vermelho, tinham um pelo muito macio e uns grandes olhos muito espantados. O coração de Laura começou a bater mais depressa quando a mãe falou com o pai a respeito do queijo.

O pai disse que não mataria nenhum dos bezerros, pois eram vitelinhas e quando crescessem seriam vacas. Foi visitar o avô e o tio Henrique, para falar com eles acerca do queijo, e o tio Henrique disse que mataria um dos seus bezerros. Haveria coalheira que chegasse para a tia Polly, para o avô e para a mãe de Laura.

Por isso, o pai voltou a visitar o tio Henrique e trouxe um bocado do estômago do bezerrinho. Parecia um bocado de couro macio, branco-acinzentado, lisinho de um lado e cheio de sulcos e asperezas do outro.

Quando as vacas foram mungidas, à noite, a mãe guardou o leite em caçarolas. De manhã retirou a nata, para fazer manteiga, mais tarde. Depois, quando o leite da manhã arrefeceu, juntou-o ao leite desnatado e pôs tudo ao fogo, a aquecer.

Antes pusera de molho, em água quente, um bocadinho de coalheira embrulhado num pano.

Quando o leite aqueceu o suficiente, a mãe espremeu a água toda do pano que continha a coalheira e deitou a água no leite. Mexeu muito bem e deixou ficar a mistura num sítio quente, junto do fogão. Pouco depois, tinha engrossado e estava transformada numa massa macia, que tremia toda como pudim.

Com uma faca comprida, a mãe cortou a massa em quadradinhos e deixou ficar, enquanto a coalhada se separava do soro do leite. Depois deitou tudo num

pano, para o soro aguado e amarelado se coar.

Quando já não escorria do pano soro nenhum, a mãe despejou a coalhada numa grande caçarola, salgou-a e mexeu-a muito bem.

Laura e Maria estavam sempre a seu lado, para a ajudarem no que podiam. Adoravam comer bocadinhos de coalhada, quando a mãe a salgava. Rangia entre os dentes, como borracha.

O pai fizera uma bancada com uma tábua, debaixo da cerejeira, nas traseiras, para comprimir o queijo. Abrira dois sulcos ao comprido de uma tábua e apoiara-a em dois toros, um deles um bocadinho mais alto do que o outro. Debaixo deste último estava um balde vazio.

A mãe pôs a forma de madeira do queijo em cima da tábua, forrou todo o interior com um pano lavado, úmido, e encheu a forma de pedaços de coalhada salgada. Cobriu com outro pano lavado e úmido e pôs-lhe em cima uma rodela de madeira, cortada de modo a encaixar na forma. Depois colocou uma pedra pesada em cima da rodela de madeira.

Durante todo o dia a rodela foi baixando devagarinho, sob o peso da pedra, e o resto do soro, obrigado assim a sair, foi escorrendo pelos sulcos da tábua para o balde.

Na manhã seguinte, a mãe tirou da forma o queijo redondo, amarelo-claro, grande como uma bilha de leite. Depois fez mais coalhada e voltou a encher a forma, que se chamava cincho.

Todas as manhãs tirava o queijo novo do cincho e o aparava, para ficar liso. Depois cosia-lhe à volta um pano bem apertado, que cobria de manteiga fresca. O queijo ia, assim, para uma prateleira da despensa.

Todos os dias, limpava cuidadosamente os queijos um por um, com um pano úmido, voltava a cobri-los de manteiga fresca e repunha-os na prateleira, mas com o lado que estivera para baixo virado para cima. Ao fim de muitos dias, o queijo estava curado e tinha uma casca grossa a toda a volta.

Então a mãe embrulhava-os em papel, um por um, e colocava-os na prateleira mais alta. Agora já só restava comê-los.

Laura e Maria gostavam da época de fazer queijo. Gostavam de comer a coalhada que lhes rangia nos dentes, e não gostavam menos de comer as aparas que a mãe tirava dos grandes queijos redondos e amarelos, para os tornar lisinhos antes de os envolver no pano.

A mãe ria-se delas por comerem queijo verde.

- Há quem diga que a Lua é feita de queijo verde - dizia-lhes.

O queijo novo parecia-se mesmo com a Lua redonda, quando ela surgia atrás das árvores. Mas não era verde: era amarelo, como a Lua.

- Chama-se verde porque ainda não está curado - explicava a mãe. - Quando

estiver curado, deixará de ser queijo verde.

- Mas a Lua é mesmo feita de queijo verde? - perguntou Maria, e a mãe riu-se.

- Creio que as pessoas dizem isso porque ela se parece com um queijo verde - respondeu. - Mas as aparências iludem.

Depois, enquanto limpava todos os queijos verdes e os cobria de manteiga, falou-lhes da Lua fria e morta, que era como um pequeno mundo onde não crescia nada.

No primeiro dia em que a mãe fez queijo, Laura provou o soro. Provou-o sem dizer nada à mãe, mas quando ela se virou e viu a sua cara, riu-se. Nessa noite, enquanto lavava a louça do jantar e Maria e Laura limpavam, a mãe contou ao pai que Laura provara o soro e não gostara.

- Não morrerias de fome com o soro do leite com que a mãe faz queijo, como o velho Grimes morreu com o da mulher - comentou o pai.

Laura pediu-lhe que contasse o que acontecera ao velho Grimes. Por isso, apesar de cansado, o pai tirou a rabeca da caixa e tocou e cantou para ela:

Morreu o velho Grimes, pobre coitado,
A vê-lo nunca mais voltaremos;
Usava um sobretudo cinzento, roído;
Abotoado à frente com botões pequenos.
A mulher fazia queijo de leite desnatado
E o velho Grimes bebia o soro fraquinho.
Veio um vento Leste do oeste soprado
E levou pelos ares o velho Grimes, pobrezinho.

- Aí tens! - exclamou o pai. - Ela era uma mulher mesquinha, uma forreta. Se não tivesse desnatado o leite todo, teria escorrido um pouco de nata com o soro e o velho Grimes talvez se tivesse aguentado:

“Mas ela tirara a nata toda, toda, e o pobre do Grimes ficou tão magrinho que o vento o levou.

Mortinho de fome.

Depois o pai olhou para a mãe e acrescentou:

- Ninguém morreria de fome contigo presente, Carolina.

- Pois não - concordou a mãe. - Ninguém morreria de fome se tu também estivesses presente para ganhar o nosso sustento.

O pai ficou contente. Era tudo tão agradável, as portas e as janelas todas abertas para a noite estival, o tinido alegre dos pratos que a mãe lavava e Maria e Laura limpavam e o pai a guardar a rabeca, todo sorridente e a assobiar baixinho!

Passados momentos, o pai disse:

- Amanhã de manhã vou a casa do Henrique, pedir-lhe emprestada a enxada

de surribar. Os rebentos estão a ficar-me pela cintura, à volta dos tocos dos troncos, no trigal. Um homem tem de andar sempre atento e a cortá-los, senão a floresta volta a ocupar o seu lugar.

De manhã cedo partiu a pé, para casa do tio Henrique. Mas não tardou a voltar apressadamente para trás, a atrelar os cavalos à carroça e a meter nela o machado, as duas tinas, a celha da barrela e todos os baldes de zinco e de madeira que tinham.

- Não sei se precisarei de todas estas coisas, Carolina, mas ficaria furioso se precisasse e não as tivesse levado.

- Mas que é? Que é? - perguntou Laura, aos saltos, toda agitada.

- O pai encontrou uma árvore-cortiço - respondeu-lhe a mãe. - Talvez nos traga algum mel.

O pai só voltou ao meio-dia. Laura, que estivera a esperá-lo, correu para a carroça, assim que ela parou junto do pátio do estábulo. Mas não conseguiu ver o que vinha lá dentro.

- Carolina! - chamou o pai. - Vem buscar este balde de mel, para eu desatrelar os cavalos.

A mãe aproximou-se, decepcionada.

- Bem, Carlos, mesmo só um balde de mel já é alguma coisa…

Depois olhou para dentro da carroça e levantou as mãos. O pai riu-se.

Todos os baldes estavam cheios até acima e a escorrer mel dourado. As duas tinas também estavam cheias, assim como a celha da barrela.

A mãe e o pai andaram para trás e para diante, a levar para casa as duas tinas, a celha e todos os baldes. A mãe encheu uma travessa de pedaços dourados de favos de mel e tapou muito bem o restante com panos lavados.

Ao almoço comeram todo o mel delicioso que lhes apeteceu e o pai contou-lhes como encontrara a árvore das abelhas.

- Não levei a espingarda porque não ia caçar e, como é Verão, não havia grande perigo de ter problemas. As panteras e os ursos estão tão gordos, nesta época do ano, que se tornam preguiçosos e mansos.

“Bem, meti por um atalho, na floresta, e quase choquei com um grande urso. Contornei uma moita de arbustos e lá estava ele, a uma distância que não era maior do que esta sala.

“Olhou para mim e creio que viu que eu não levava espingarda. De qualquer modo, não me prestou mais atenção.

“Estava parado junto de uma grande árvore, com abelhas a zumbir a toda a volta. Elas não o podiam picar, através do pelo denso, e ele ia-as afastando da cabeça com uma das patas.

“Fiquei a observá-lo e vi-o meter a pata num buraco da árvore e tirá-la a

escorrer mel. Lambeu o mel e meteu a mão para tirar mais. Mas, entretanto, eu arranjara um cacete, pois queria o mel para mim.

“Por isso, fiz muito barulho, a bater com o cacete numa árvore e a gritar. O urso estava tão gordo e tão empanturrado de mel que se deixou cair nas quatro patas e se afastou, devagar, pelo meio das árvores. Persegui-o um bocado, para o obrigar a andar mais depressa e afastar-se da árvore das abelhas, e depois vim buscar a carroça.

Laura perguntou-lhe como tirara o mel às abelhas.

- Isso foi fácil. Deixei os cavalos mais atrás, na floresta, para não serem picados, e depois derrubei a árvore e abri-a.

- As abelhas não o picaram?

- Não. As abelhas nunca me picam. A árvore estava oca e cheia de mel de alto a baixo. As abelhas deviam andar a armazenar lá mel há anos. Algum era velho e escuro, mas creio que consegui trazer mel bom e limpo para nos durar muito tempo.

Laura, que sentia pena das pobres abelhas, disse:

- Trabalharam tanto e agora não têm mel nenhum.

Mas o pai respondeu-lhe que tinha ficado muito mel para as abelhas e que havia nas proximidades outra grande árvore oca, para a qual se poderiam mudar. Acrescentou que era tempo de terem uma casa nova e limpa.

Transformariam o mel velho que ele deixara na árvore antiga em mel novo e armazená-lo-iam na nova casa. Aproveitariam cada gotinha de mel entornado e guardá-lo-iam, e voltariam a ter muito mel muito antes de o Inverno chegar.

11

COLHEITA

O pai e o tio Henrique trocavam o trabalho um com o outro. Quando o cereal amadureceu nos campos, o tio Henrique veio ajudar o pai e a tia Polly e os primos todos vieram passar o dia com eles. Depois o pai foi ajudar o tio Henrique a colher o seu cereal e a mãe levou Laura, Maria e Carrie para passarem o dia com a tia Polly.

A mãe e a tia Polly trabalharam dentro de casa e os primos brincaram todos juntos, no pátio, até à hora do almoço. O pátio da tia Polly era muito bom para brincar, porque os tocos das árvores cortadas eram muitos e estavam muito juntos. Os primos brincavam a saltar de toco para toco, sem tocar no chão.

Até Laura, que era a mais pequena, podia fazer isso sem dificuldade, nos pontos onde as árvores mais pequeninas tinham crescido chegadas umas às outras. O primo Carlitos era um rapaz crescido, que já ia nos onze anos, e conseguia saltar de toco para toco à volta do pátio todo. Saltava os tocos mais pequenos a dois e dois e era capaz de caminhar em cima da vedação sem ter medo de cair.

O pai e o tio Henrique estavam no campo, a cortar a aveia com gadanhas de ancinho. Uma gadanha de ancinho era uma lâmina de aço curva e afiada, presa a uma estrutura de ripas de madeira que prendiam e seguravam as espigas quando a lâmina as cortava. O pai e o tio Henrique agarravam a gadanha pelo cabo comprido e curvo e brandiam-no de modo que a lâmina fosse cortar os pés da aveia. Quando tinham segado o suficiente para fazer uma pilha, sacudiam os pés de aveia das ripas e reuniam-nos em montinhos bem feitos, no chão.

Era trabalho duro, andar de um lado para o outro do campo debaixo do sol quente, brandir as pesadas gadanhas com ambas as mãos para segar o cereal e a seguir formar os montinhos.

Depois de cortado todo o cereal, tinham de dar de novo a volta ao campo. Desta vez inclinavam-se para cada montinho, pegavam num punhado de pés de aveia em cada mão e atavam-nos um ao outro, para fazer uma espécie de corda comprida. Em seguida apanhavam o monte de cereal, cingiam-no entre os braços e amarravam-no muito apertado com a corda que tinham feito e cujas pontas metiam para dentro.

Depois de fazerem sete molhos desses - cada molho chamava-se uma gaveia - reuniam-nos em medas. Para fazer uma meda punham cinco gaveias em pé, muito chegadas umas às outras e com o lado das espigas para cima. Sobre elas colocavam então outras duas gaveias cujos pés abriam, a fim de formarem um telhadozinho para abrigar as cinco do orvalho e da chuva.

Cada pé de cereal segado tinha sempre de estar armado numa meda antes de escurecer, pois se ficasse toda a noite no solo orvalhado estragar-se-ia.

O pai e o tio Henrique trabalhavam muito depressa, porque o ar estava pesado, quente e parado e eles esperavam chuva. A aveia estava madura e se não fosse segada e feita em medas antes de chover a seara perder-se-ia. E, nesse caso, os cavalos do tio Henrique passariam fome todo o Inverno.

Ao meio-dia, o pai e o tio Henrique foram a casa num instante e engoliram o almoço o mais depressa que puderam. O tio Henrique disse que o Carlitos teria de os ajudar, nessa tarde.

Laura olhou para o pai, ao ouvir as palavras do tio Henrique. Em casa, o pai dissera à mãe que o tio Henrique e a tia Polly estragavam Carlitos com mimo. Quando o pai tinha onze anos, já trabalhava todo o dia no campo, a guiar uma junta de bois. Mas Carlitos não fazia praticamente nada.

Naquele dia, porém, o tio Henrique disse que Carlitos tinha de ir para o campo com eles. Poderia poupar-lhes muito tempo. Podia, por exemplo, ir à nascente buscar água e levar-lhes a bilha, quando eles precisassem de beber. E também podia levar-lhes a pedra de amolar, quando as lâminas das gadanhas precisassem de ser afiadas.

Os primos olharam todos para Carlitos. Ele não queria ir para o campo, queria ficar no pátio a brincar. Mas, claro, não o disse.

O pai e o tio Henrique não descansaram nem um bocadinho. Comeram à pressa e voltaram logo para o trabalho. Carlitos foi com eles.

Depois de eles se irem embora, Maria era a mais velha e achou que deviam brincar a uma coisa mais sossegada, mais de meninas. Por isso, à tarde, brincaram às casinhas, no pátio. Os tocos das árvores eram cadeiras, mesas e fogões, as folhas eram pratos e os filhos eram paus.

A caminho de casa, nessa noite, Laura e Maria ouviram o pai contar à mãe o que acontecera no campo.

Em vez de ajudar o pai e o tio Henrique, Carlitos só fizera tropelias. Metia-se-lhes no caminho, para não poderem manejar as gadanhas, escondia a pedra de amolar, obrigando-os a procurá-la quando precisavam dela para afiar as lâminas, só lhes levava a bilha da água depois de o tio Henrique ter gritado a pedi-la três ou quatro vezes e ainda por cima amuava.

Em seguida começara a andar atrás deles, a falar e a fazer perguntas. Como

precisavam de trabalhar muito depressa, não lhe podiam prestar atenção; por isso, mandaram-no embora e que não os incomodasse.

Mas largaram as gadanhas e correram para ele, do outro lado do campo, quando o ouviram gritar. Havia floresta a toda a volta do campo e cobras entre a aveia.

Quando chegaram, não tinha acontecido nada e Carlitos riu-se deles.

- Desta vez enganei-os! - troçou.

O pai disse que, se fosse o tio Henrique, teria logo chegado a roupa ao pelo do rapaz, a valer. Mas o tio Henrique não o fez.

Por isso, aproveitaram para beber água e voltaram para o trabalho.

Carlitos gritou três vezes e três vezes foram a correr ver o que acontecera - e outras tantas ele se riu deles. Achava uma boa piada. E nem mesmo assim o tio Henrique lhe chegou a roupa ao pelo.

Até que Carlitos gritou pela quarta vez, mais alto do que nunca. O pai e o tio Henrique olharam para onde ele estava e viram-no a saltar e a gritar. Mas não lhes pareceu que lhe tivesse acontecido qualquer coisa e como já tinham sido enganados tantas vezes, continuaram a trabalhar.

Carlitos continuou a gritar, mais alto e mais esganiçadamente. O pai não disse nada, mas o tio Henrique resmungou: “Deixa-o gritar.” Por isso, continuaram a sua lida e deixaram-no gritar.

Carlitos continuou a saltar e a gritar, sem parar. Por fim, o tio Henrique disse:

- Talvez lhe tenha acontecido, realmente, alguma coisa.

Largaram as gadanhas e atravessaram o campo ao seu encontro.

Durante todo aquele tempo Carlitos estivera aos pulos em cima de um ninho de vespas!

As vespas tinham feito ninho no chão e Carlitos pisara-o sem saber. Todo o enxame de vespas amarelas saiu, de ferrão em riste, e picaram Carlitos de tal maneira que ele não conseguia fugir-lhes.

Enquanto saltava para cima e para baixo, centenas de vespas enchiam-lhe o corpo de ferroadas. Picavam-lhe a cara, as mãos, o nariz e o pescoço, subiam-lhe pelas pernas das calças e picavam-no e desciam-lhe pelo interior da camisa e picavam-no também. Quanto mais ele gritava e saltava, mais o picavam.

O pai e o tio Henrique agarraram-no pelos braços e levaram-no a correr do ninho de vespas. Tiraram-lhe a roupa, que estava cheia de vespas, e viram que as ferroadas lhe cobriam o corpo todo e estavam a inchar. Mataram as vespas que o picavam, sacudiram as que se lhe agarravam à roupa e depois voltaram a vesti-lo e levaram-no para casa.

Laura, Maria e os primos estavam a brincar sossegadamente no pátio

quando ouviram um choro alto. Carlitos chegou ao pátio aos tropeções e com a cara tão inchada que as lágrimas quase lhe não conseguiam sair dos olhos.

Tinha as mãos e o pescoço inchados e as bochechas então nem se fala. Os dedos estavam tão inchados que não os podia dobrar e tinha a cara e o pescoço cheios de pequenas marcas brancas e duras.

Laura, Maria e os primos ficaram especados, a olhar.

A mãe e a tia Polly saíram de casa a correr e perguntaram-lhe o que acontecera. Carlitos respondeu qualquer coisa incompreensível, sem parar de chorar. A mãe disse que tinham sido vespas e foi a correr à horta buscar uma caçarola de terra, enquanto a tia Polly levava Carlitos para dentro de casa e o despia.

Juntaram água à terra, fizeram uma grande caçarola de lama e besuntaram-no todo com ela. Depois enrolaram-no num lençol velho e deitaram-no na cama. Tinha os olhos fechados, de tão inchados, e o nariz com um feitio engraçado. A mãe e a tia Polly cobriram-lhe a cara de lama e ligaram-na com panos. Só se lhe viam a ponta do nariz e a boca.

A tia Polly fez uma infusão de ervas, para lhe dar por causa da febre. Laura, Maria e os primos ficaram um bocado a olhar para ele.

Já estava escuro quando o pai e o tio Henrique voltaram do campo. A aveia estava toda apanhada e em medas, já podia chover que não lhe faria mal nenhum. O pai disse que não podia ficar para jantar, por causa da ordenha. As vacas já estavam à espera, em casa, e quando não eram ordenhadas a tempo não davam tanto leite. Atrelou rapidamente os cavalos e meteram-se todos na carroça.

O pai estava muito cansado e doíam-lhe tanto as mãos que não podia conduzir muito bem, mas os cavalos sabiam o caminho para casa. A mãe sentou-se ao lado dele, com Carrie ao colo, e Laura e Maria sentaram-se na tábua, atrás. Ouviram então o pai contar o que Carlitos fizera.

Laura e Maria ficaram horrorizadas. Também eram traquinas, muitas vezes, mas nunca tinham imaginado que alguém pudesse ser tão mau como Carlitos fora. Não trabalhara para ajudar a salvar a aveia, não fizera caso do que o pai dele lhe dissera e ainda por cima os maçara quando estavam a trabalhar duramente.

Depois o pai contou a história das abelhas e comentou:

- Foi bem feito, para servir de emenda ao mentiroso do rapaz.

Nessa noite, deitada na cama baixa, Laura ouviu a chuva tamborilar no telhado e escorrer dos beirais e pensou no que o pai dissera.

Pensou no que as vespas tinham feito a Carlitos e também achou que tinha sido bem feito. Tinha sido bem feito por ele ter sido tão mauzão. E, além disso,

as vespas tinham o direito de o picar, pois ele saltara-lhes em cima do ninho.

Só não compreendeu por que motivo lhe chamara o pai “o mentiroso do rapaz”. Como é que Carlitos podia ser mentiroso, se não dissera uma palavra?

12

A MÁQUINA MARAVILHOSA

No dia seguinte, o pai cortou a cabeça a diversos feixes de aveia e levou a palha limpa, amarela e brilhante à mãe. Ela meteu-a numa tina de água, para amaciar. Depois sentou-se na cadeira ao lado da tina e começou a entrançar a palha.

Pegava num molhinho, atava-lhe as pontas e entrançava. Como as palhas eram de tamanhos diferentes, quando se aproximava do fim de uma tirava outra da banheira, colocava-a no lugar da que terminara e continuava a entrançar.

Deixava a ponta da trança mergulhar de novo na água e ia entrançando sempre, até ter muitos metros de trança. Durante dias, ocupou todo o seu tempo livre a entrançar palha.

Fez uma trança lisa e estreita com sete das palhas mais pequenas. Usou nove palhas maiores para uma trança maior e bem vincada ao longo dos lados. E das palhas maiores fez a trança mais larga de todas.

Quando as palhas estavam todas entrançadas, enfiou uma agulha com linha branca forte e, começando por uma ponta da trança, foi-a cosendo à roda e à roda, a segurar a trança de modo que ficasse direita e plana, depois de cosida. Ficou assim uma espécie de pequeno tapete, mas a mãe disse que era o alto da copa de um chapéu.

Depois segurou a trança com força, num dos lados, e voltou a coser à volta, sempre à volta, fazendo assim os lados da copa do chapéu. Quando achou que a copa tinha altura suficiente, a mãe pegou outra vez na trança com menos força e continuou a coser à volta, para formar a aba do chapéu.

Quando a aba ficou com largura bastante, cortou a trança e rematou a ponta muito bem, para não se desmanchar.

Fez chapéus para Maria e Laura da trança mais fina e estreita, e para o pai e para ela da trança mais larga e apertada. O primeiro, era o chapéu de domingo do pai, mas depois ela fez-lhe mais dois, da trança mais larga e áspera, para usar todos os dias.

Quando acabava um chapéu, punha-o numa tábua, para secar, e ao mesmo tempo moldava-o muito bem. Quando secava, o chapéu conservava a forma que ela lhe dera.

A mãe sabia fazer chapéus muito bonitos. Laura gostava de a ver e, assim, aprendeu a entrançar a palha e fez um chapelinho para a Carlota.

Os dias começavam a tornar-se mais pequenos e as noites mais frias. Uma noite, o Joãozinho Geada passou pelas imediações e, de manhã, havia cores vivas aqui e ali, entre as folhas verdes da Grande Floresta. Depois as folhas deixaram todas de ser verdes e tornaram-se amarelas, escarlates, carmesins, douradas e castanhas.

Ao longo da vedação, o sumagre erguia os seus cones de bagas vermelho-escuras, acima de folhas cor de fogo. Caíam bolotas dos carvalhos e Laura e Maria faziam chavenazinhas e pirezinhos com elas, para as casinhas de brincar. Nozes diversas caíam para o chão da Grande Floresta e os esquilos andavam numa azáfama, às corridinhas por todo o lado, a reunir nozes para o Inverno e a escondê-las em árvores ocas.

Laura e Maria foram com a mãe apanhar nozes e avelãs. Espalharam-nas ao sol para secar e, depois, bateram-lhes para largarem a casca seca de fora e guardaram as nozes no sótão, para o Inverno.

Era divertido colher as grandes nozes redondas, umas outras mais pequenas e as avelãs ainda mais pequenas, que cresciam em cachos nos arbustos. As cascas exteriores moles das nozes estavam cheias de um suco castanho, que lhes manchava as mãos, mas as cascas das avelãs cheiravam bem e também sabiam bem quando Laura se servia dos dentes para as partir.

Andava toda a gente atarefada, pois era necessário guardar todos os vegetais da horta. Laura e Maria ajudavam, apanhavam as batatas terrosas, depois de o pai as desenterrar, e arrancavam as compridas cenouras amarelas e os nabos redondos, com a parte de cima arroxeada. E também ajudavam a mãe a cozer abóbora, para fazer tortas.

Com a grande faca da carne, a mãe cortava ao meio as grandes abóboras cor de laranja. Tirava as pevides do meio e cortava a abóbora em fatias compridas, que descascava. Laura ajudava-a a cortar as fatias em cubos.

A mãe punha os cubos numa grande panela de ferro, no fogão, deitava alguma água e depois ia tomando conta, enquanto a abóbora fervia devagarinho, durante todo o dia. Toda a água e todo o sumo tinham de desaparecer, pela fervura, mas nunca se devia deixar queimar a abóbora.

A abóbora ficava transformada numa massa grossa e escura, que cheirava bem. Não fervia como a água, mas formava bolhas que rebentavam de repente e deixavam buraquinhos que logo se fechavam. Todas as vezes que uma bolha rebentava, espalhava-se um cheirinho agradável a boa abóbora quente.

Em cima de uma cadeira, Laura vigiava a abóbora e mexia-a com uma espátula de madeira. Segurava a espátula com as duas mãos e mexia

cuidadosamente, pois se a abóbora se queimasse não haveria tortas de abóbora.

Ao almoço comeram abóbora cozida com pão. Fizeram desenhos bonitos com ela, no prato. Tinha uma cor bonita e alisava-se e moldava-se sem dificuldade, com a faca. A mãe nunca as deixava brincar com a comida à mesa; tinham de comer, com boas maneiras, tudo quanto lhes punham à frente, sem deixar nada no prato. Mas não se importava que moldassem a abóbora castanha cozida em formas bonitas, antes de a comerem.

Noutras ocasiões, tinham assado uma outra espécie de abóbora, chamada Hubbard, para o almoço. A casca era tão dura que a mãe tinha de se servir do machado do pai para a abrir e cortar aos bocados. Depois de a abóbora ser assada no forno, Laura gostava de espalhar manteiga no interior macio e de separar a carne amarela da casca com uma colher e comê-la.

Naquela época era frequente terem para o jantar milho descascado e leite. Também era muito bom. Tão bom que Laura esperava impacientemente que o milho ficasse pronto, depois de a mãe começar a descascá-lo. Eram precisos dois ou três dias para ficar em condições.

No primeiro dia, a mãe retirava todas as cinzas do forno do fogão e limpava-o. Depois queimava alguns cavacos limpos de madeira dura e guardava as cinzas num saquinho de pano.

Nessa noite, o pai trazia algumas maçarocas, com grandes bagos de milho. Aparava as pontas das maçarocas, que tinham milho pequeno, e depois debulhava o resto para uma grande caçarola, até a encher.

No dia seguinte, de manhã cedo, a mãe punha o milho debulhado e o saquinho de cinzas na grande panela de ferro, enchia-a de água e deixava ferver muito tempo. Por fim, os bagos de milho começavam a inchar, a inchar, até a pele se rachar e começar a despegar-se.

Quando as peles estavam todas rachadas e a despegar-se, a mãe levava a pesada panela para fora de casa. Enchia uma celha limpa de água fria, da nascente, e passava o milho da panela para a celha.

Depois arregaçava as mangas do vestido florido e ajoelhava-se junto da celha. Com as mãos, esfregava os bagos de milho uns nos outros, até as peles se soltarem e ficarem a flutuar ao cimo da água.

Escorria muitas vezes a água e substituía-a por outra, que ia buscar aos baldes à nascente. Continuava a esfregar os bagos de milho entre as mãos e a mudar a água até terem saído todas as peles.

A mãe ficava bonita, com os braços brancos e roliços nus, as faces muito coradas e o cabelo bem penteado e brilhante, enquanto esfregava os bagos de milho em água limpa. Nunca deixava cair um pingo de água para o bonito vestido.

Quando o milho ficava, finalmente, todo descascado, metia os bagos moles e brancos num grande boião, na despensa. E jantavam, enfim, milho descascado e leite.

Algumas vezes também o comiam ao desjejum com melaço de bordo, e outras a mãe fritava os bagos moles em banha de porco. Mas como Laura gostava mais era com leite.

O Outono era muito divertido. Havia muito trabalho, muitas coisas boas para comer e muitas coisas novas para ver. Laura corria e tagarelava de manhã à noite com os esquilos.

Numa manhã de geada chegou uma máquina à estrada. Puxavam-na quatro cavalos e vinham dois homens com ela. Os cavalos puxaram-na para o campo onde o pai, o tio Henrique, o avô e o Sr. Peterson tinham empilhado o trigo.

Mais dois homens trouxeram, depois da grande, outra máquina mais pequena.

O pai gritou à mãe que os debulhadores tinham chegado e depois dirigiu-se apressadamente para o campo, com os seus cavalos. Laura e Maria pediram à mãe que as deixasse ir e correram para o campo atrás dele. Podiam ver, desde que tivessem cuidado e não se metessem no caminho.

O tio Henrique chegou a cavalo e prendeu o animal a uma árvore. Depois ele e o pai atrelaram todos os outros cavalos - oito, ao todo - à máquina mais pequena. Atrelaram cada parelha à ponta de um pau comprido que saía do centro da máquina. Uma comprida vara de ferro, junto ao chão, ia da máquina pequena à máquina grande.

Depois Laura e Maria fizeram perguntas e o pai disse-lhes que a máquina grande se chamava separadora, a vara de ferro era a vara rotativa e a máquina mais pequena se chamava força motriz. Como estavam atrelados a ela oito cavalos, era uma máquina com a força de oito cavalos.

Um homem sentou-se em cima da máquina da força motriz e quando tudo ficou preparado gritou aos cavalos, que começaram a andar. Os cavalos andavam num círculo à volta do homem, cada parelha a puxar o pau comprido à que estava atrelada e a seguir a parelha da frente. Enquanto andavam, passavam cuidadosamente por cima da vara rotativa, que não parava de girar no chão.

Era a força dos cavalos a puxar que fazia a vara de ferro girar e, por sua vez, pôr em funcionamento as peças da separadora, que se encontrava ao lado da meda de trigo.

Toda aquela maquinaria fazia uma grande barulheira, bang-bang, clang-clang. Laura e Maria, de mãos dadas, estavam paradas à entrada do campo, a observar tudo de olhos bem abertos. Era a primeira vez que viam uma máquina. E nunca tinham ouvido tanto barulho.

O pai e o tio Henrique, em cima da meda de trigo, iam atirando feixes para uma tábua. O homem que estava em cima da tábua cortava as ataduras dos feixes e metia-os um de cada vez num buraco existente ao fundo da separadora.

O buraco parecia a boca da máquina e tinha compridos dentes de ferro. Os dentes mastigavam os feixes de trigo e a separadora engolia-os. Saía palha, a voar, pelo outro extremo da separadora e corria trigo pelo lado.

Dois homens, a trabalhar muito depressa, calcavam a palha e empilhavam-na. Outro homem, também a trabalhar depressa, ensacava o cereal que saía da máquina. Os grãos de trigo saíam da separadora para uma medida de meio alqueire e, assim que a medida se enchia, o homem substituía-a por outra vazia e despejava-a num saco. Mal tinha tempo para a despejar e voltar a pôr debaixo da saída do trigo antes de a outra se encher.

Os homens trabalhavam todos o mais depressa que podiam, mas a máquina acompanhava-os. Laura e Maria estavam tão agitadas que mal conseguiam respirar. Apertavam a mão uma da outra e olhavam, admiradas.

Os cavalos iam andando, sempre à roda. O homem que os conduzia estalava o chicote e gritava: “Vamos lá, João! Não sejas calaceiro!” Crac!, estalava o chicote. “Cuidado, Billy! Calma aí! Não podes andar mais depressa do que a conta, mesmo que queiras.”

A separadora engolia os feixes, a palha amarela saía numa nuvem dourada, o trigo escorria, dourado-escuro, e os homens açodavam-se. O pai e o tio Henrique atiravam os feixes o mais depressa que podiam. Andavam pelo ar, por toda a parte, restos de palha e poeira. Laura e Maria continuaram a olhar, mas por fim voltaram para casa, a fim de ajudarem a mãe a preparar o almoço para todos aqueles homens.

No fogão fervia uma grande panela de carne e couves; no forno coziam uma caçarola de feijões e um pão de milho. Laura e Maria puseram a mesa para os debulhadores: pão levedado e manteiga, tigelas de abóbora cozida, tortas de abóbora e de bagas secas, biscoitos, queijo, mel e jarros de leite.

Depois a mãe pôs na mesa a carne cozida com batatas e couves, os feijões no forno, o pão de milho quente e a abóbora assada no forno, e deitou chá.

Laura não compreendia por que motivo chamavam ao pão feito de farinha de milho “Bolo Joãozinho”. Não era bolo. A mãe também não sabia. A não ser, dizia, que os soldados nortistas lhe chamassem “Bolo Joãozinho” porque as pessoas do Sul, contra as quais lutavam, o comiam em tanta quantidade. Chamavam “Joãozinhos Rebeldes” aos soldados sulistas… e talvez chamassem bolo ao pão do Sul só de brincadeira.

A mãe ouvira algumas pessoas dizerem que se devia chamar pão de viagem. Não sabia, mas parecia-lhe que não devia ser um pão muito bom para levar

numa viagem.

Ao meio-dia os debulhadores sentaram-se à mesa carregada de comida. Mas não era de mais, pois os debulhadores trabalham muito e ficam com muita fome.

A meio da tarde, as máquinas tinham acabado o trabalho e os homens a que pertenciam levaram-nas para a Grande Floresta e levaram consigo os sacos de trigo que constituíam a sua paga. Dirigiam-se para outro lugar onde os vizinhos tinham amontoado o seu trigo e queriam que as máquinas o debulhassem.

O pai estava muito cansado, nessa noite, mas sentia-se contente. Disse à mãe:

- O Henrique, o Peterson, o meu pai e eu precisaríamos de umas duas semanas cada um para debulhar tanto trigo, com manguais, como aquela máquina debulhou hoje. E ainda por cima não ficaríamos com tanto trigo nem tão limpo.

“Aquela máquina foi uma grande invenção! Outros poderão manter-se fiéis a métodos antiquados, se quiserem, mas eu sou pelo progresso. Estamos a viver num grande século. Enquanto cultivar trigo contratarei uma máquina para o debulhar, se houver alguma nas imediações.

Nessa noite estava tão cansado que nem conversou com Laura, mas ela sentiu-se orgulhosa dele. Tinha sido o pai que convencera os outros homens a juntarem o trigo ao dele e a alugarem a máquina. Uma máquina maravilhosa! Estava toda a gente contente.

13

O VEADO NA FLORESTA

A erva estava seca e murcha e as vacas tiveram de sair da floresta e ficar no estábulo, para terem de comer. Todas as folhas de cores vivas se tornaram de um castanho baço, quando as frias chuvas outonais começaram.

Já não se podia brincar debaixo das árvores. Mas o pai estava em casa, quando chovia, e recomeçara a tocar rabeca depois do jantar.

Depois a chuva parou. O tempo arrefeceu. De manhãzinha, cedo, estava tudo branco de geada. Os dias tornavam-se mais pequenos e todo o dia ardia um pequeno fogo de lenha no fogão, para manter a casa quente. O Inverno não tardava.

O sótão e a cave estavam de novo cheios de coisas boas e Laura e Maria tinham começado a fazer mantas de retalhos. Voltara tudo a ser aconchegado e acolhedor.

Uma noite, quando voltou para casa depois de tratar dos animais, o pai disse que a seguir ao jantar iria ao seu lambedouro de veados, para ver se apanhava um. Desde a Primavera que não se comia carne fresca na casinha da floresta, mas agora os veadinhos tinham crescido e o pai voltaria a caçar.

O pai tinha feito um lambedouro num espaço aberto da floresta, com árvores perto, de onde podia vigiar. Um lambedouro era um sítio aonde os veados iam para obter sal. Quando encontravam uma porção de terreno salgado, passavam a ir lambê-lo e o lugar passava a chamar-se um lambedouro de veados. O pai fizera um, espalhando sal pelo chão.

Depois do jantar, o pai pegou na espingarda e foi para a floresta, e Laura e Maria tiveram de adormecer sem histórias nem música.

Assim que acordaram, de manhã, correram à janela, mas não estava nenhum veado suspenso das árvores. Era a primeira vez que o pai saía para caçar um e voltava sem nada. Laura e Maria não sabiam que pensar.

O pai andou atarefado todo o dia, a proteger a casinha e o estábulo com folhas mortas e palha, seguras por pedras, para não deixarem entrar o frio. O tempo arrefeceu mais, durante o dia, e à noite voltou a haver fogo aceso na lareira e as janelas foram bem fechadas e colmatadas, para o Inverno.

Depois do jantar, o pai sentou Laura no joelho, enquanto Maria se sentava

perto, na sua cadeirinha. E o pai disse:

- Agora vou-lhes contar porque não comeram carne fresca, hoje. Quando fui para o lambedouro, subi para um grande carvalho. Encontrei um lugar, num ramo, onde me podia sentar confortavelmente e observar o lambedouro. Estava a boa distância para matar qualquer animal que aparecesse e tinha a arma carregada e pronta no joelho.

“Deixei-me ficar sentado, à espera que a Lua nascesse e iluminasse a clareira.

“Estava um bocadinho cansado de ter passado todo o dia de ontem a partir lenha, e devo ter adormecido, pois dei comigo a abrir os olhos.

“A grande Lua redonda estava a aparecer e via-a, através dos ramos nus das árvores, subir devagarinho no céu.. E, recortado nela, vi um veado. Tinha a cabeça erguida, à escuta. Viam-se-lhe os grandes galhos, acima da cabeça.

“Seria um tiro perfeito. Mas o veado era tão bonito, parecia tão forte, livre e selvagem, que não fui capaz de o matar. Deixei-me ficar sentado a olhá-lo, até ele saltar e desaparecer na floresta escura.

“Depois lembrei-me de que a mãe e as minhas pequeninas estavam à espera de que eu trouxesse boa carne fresca de veado para casa. Por isso, disse para comigo que para a próxima vez dispararia.

“Passado um bocado, entrou um grande urso pesadão na clareira. Estava tão gordo, de passar todo o Verão a empanturrar-se de bagas, raízes e lagartas, que era quase tão grande como dois ursos. A sua cabeça oscilava de lado para lado, enquanto ele atravessava a clareira inundada de luar. Nisto, chegou a um tronco podre, cheirou-o e escutou. Depois partiu-o com as patas, cheirou os bocados partidos e devorou as gordas lagartas brancas.

“Em seguida ergueu-se nas patas traseiras e ficou completamente imóvel, a olhar à sua volta, como se desconfiasse de alguma coisa. Tentava ver ou farejar o que era.

“Também constituía um alvo perfeito, mas eu estava tão interessado a observá-lo, e a floresta banhada de luar estava mergulhada numa paz tão grande, que me esqueci da espingarda. Só pensei em disparar quando ele já se afastava na floresta.

“Isto assim não pode ser, pensei. Desta maneira nunca mais arranjo carne.

“Recostei-me na árvore e esperei de novo. Desta vez estava decidido a abater o próximo animal que aparecesse.

“A Lua subira e o luar estava mais brilhante, na pequena clareira. A toda a volta havia sombras negras, entre as árvores.

“Passado muito tempo, uma corça e o seu corçozinho de um ano saíram delicadamente do meio das sombras. Não pareciam ter medo nenhum.

Dirigiram-se para o lugar onde eu espalhara sal e lamberam ambos um pouco.

"Depois levantaram a cabeça e olharam um para o outro. O corçozinho aproximou-se e colocou-se ao lado da corça. Ficaram ao lado um do outro, a olhar para a floresta e para o luar. Os seus grandes olhos brilhavam, meigos.

"E eu continuei sentado a olhá-los, até se afastarem e desaparecerem nas sombras. Desci da árvore e vim para casa.

Laura segredou-lhe ao ouvido:

- Estou contente por não os ter matado!

E Maria disse:

- Podemos comer pão com manteiga.

O pai levantou Maria da cadeira e apertou ambas a si.

- As minhas boas pequerruchas! - exclamou. – E agora são horas de dormir. Toca para a cama, enquanto vou buscar a rabeca.

Depois de Laura e Maria rezarem as suas orações e se deitarem, bem aninhadinhas, debaixo da roupa da cama baixa, o pai sentou-se junto da lareira, com a rabeca. A mãe apagara o candeeiro, porque não precisava da sua luz. Balouçava-se devagarinho, do outro lado da lareira, e as suas agulhas de tricotar brilhavam uma de cada vez, por cima da meia que estava a fazer.

Tinham voltado as longas noites de Inverno, com a luz da lareira e música. A rabeca do pai lamentava-se, enquanto ele cantava:

Ó Susa-a-na, não chores por mim, tesouro,
Que eu vou para a Ca-li-fór-ni-a,
Para ver o pó do ouro.

Depois o pai começou a tocar de novo a canção do velho Grimes. Mas as palavras não eram as que cantara quando a mãe estava a fazer queijo. Estas eram diferentes. A voz forte e meiga do pai cantava docemente:

Deverão esquecer-se antigos conhecimentos
E nunca mais os recordar?
Deverão esquecer-se antigos conhecimentos
E os dias de antigamente?
E os dias de antigamente, minha amiga,
E os dias de antigamente,
Deverão esquecer-se antigos conhecimentos
E os dias de antigamente?

Quando a rabeca se calou, Laura perguntou, baixinho:

- Que são os dias de antigamente, Pá?

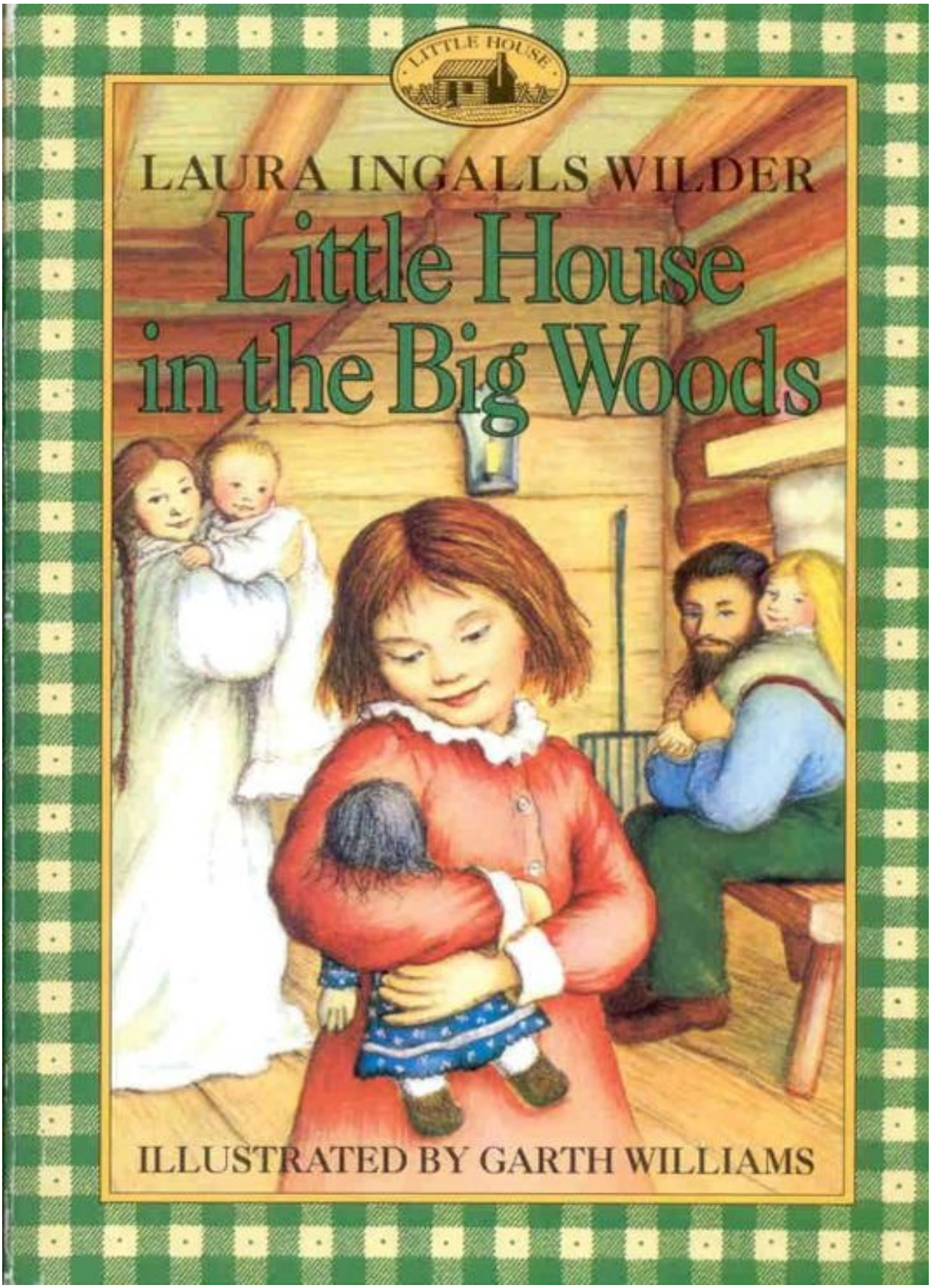
- São os dias que passaram há muito tempo, Laura - respondeu-lhe o pai. - Agora dorme.

Mas Laura ficou mais um bocadinho acordada, a ouvir a rabeca do pai tocar baixinho e o som triste do vento na Grande Floresta. Olhou para o pai, sentado

no banco junto da lareira, com a luz das chamas a brilhar-lhe no cabelo e na barba castanhos e a reluzir na rabeca cor de mel. Olhou para a mãe, que se balouçava devagarinho na cadeira e tricotava.

E pensou: “Isto é agora.” Sentiu-se contente por a casa acolhedora, o pai, a mãe, a luz da lareira e a música serem agora. Pensou que não poderiam ser esquecidos, pois agora era agora. Nunca poderia ser há muito tempo.

FIM


LITTLE HOUSE
LAURA INGALLS WILDER
Little House in the Big Woods
ILLUSTRATED BY GARTH WILLIAMS